

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-graduação em Linguísticas – PPGL

Priscila Formiga dos Santos

**A Representação da Mulher Brasileira em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional: uma análise sobre a construção multimodal do feminino**

Brasília- DF  
2019

Priscila Formiga dos Santos

**A Representação da Mulher Brasileira em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional: uma análise sobre a construção multimodal do feminino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguísticas, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Linguagem e Sociedade

Orientadora: Prof. Dra. Janaína Ferraz de Aquino

Brasília-DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SSA237r Santos, Priscila Formiga  
A Representação das Mulheres Brasileiras em Livros  
Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional: uma  
análise sobre a construção multimodal do feminino / Priscila  
Formiga Santos; orientador Janaína de Aquino Ferraz. --  
Brasília, 2019.  
158 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2019.

1. Multimodalidade. 2. Português Brasileiro como Língua  
Adicional. 3. Livro Didático. 4. Representação. I. Ferraz,  
Janaína de Aquino, orient. II. Título.

**Priscila Formiga dos Santos**

**A Representação da Mulher Brasileira em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional: uma análise sobre a construção multimodal do feminino**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguísticas, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Linguagem e Sociedade

---

Professora Doutora Janaína de Aquino Ferraz – UnB (Orientadora)

---

Profa. Doutora Francisca Cordelia Oliveira da Silva – UnB (Banca Examinadora)

---

Profa. Doutora Carolina Queiroz Andrade – UniCEUB (Banca Examinadora)

---

Prof. Doutor Rodrigo Albuquerque Pereira – UnB (Banca Examinadora)

Brasília, 22 de março de 2019

## **AGRADECIMENTOS**

À espiritualidade pela força e bênçãos na vida.

Aos meus familiares, a minha mãe e meu pai por sempre me ajudarem e me estimularem.

A minha orientadora, Professora Doutora Janaína Ferraz, pelo acolhimento, pelas orientações e por sempre incentivar à reflexão e à formação acadêmica.

À banca examinadora, Professora Doutora Francisca Cordelia da Silva e Professora Doutora Carolina Andrade pelas contribuições e pelos apontamentos feitos.

A todas as professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação por contribuírem com momentos de aprendizagem.

À Universidade de Brasília e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

As minhas amigas e ao meu parceiro Geovanni pelo apoio em situações difíceis e por compreenderem meus momentos de angústia.

## RESUMO

Esta pesquisa, intitulada *A Representação da Mulher Brasileira em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional: uma análise sobre a construção multimodal do feminino*, tem como foco um olhar sobre a representação das mulheres em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional, objetivando analisar a construção da imagem das mulheres brasileiras nas seções destinadas à leitura em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional; os objetivos específicos consistem em: observar a visão produzida sobre as mulheres brasileiras em textos multimodais; desvelar pelo viés da Teoria da Multimodalidade e da ADC as marcações de poder envolvidas no processo de significação multimodal e discursivo; identificar quais aspectos ideológicos são mais preponderantes na representação do feminino nos textos selecionados e as prováveis implicações para o ensino. Para alcançar esse objetivo, são analisados oito textos multimodais inseridos em livros didáticos de PBLA (*Panorama Brasil*, 2006; *Novo Avenida Brasil*, 2008; *Muito Prazer!*, 2008; *Bons Negócios*, 2013, *Falar, Ler e Escrever*, 2018). A metodologia adotada para este estudo é de natureza qualitativa e as categorias de análise são adotadas de Kress e van Leeuwen (2006); van Leeuwen (1997; 2008) e Fairclough (2008). A análise é fundamentada na Teoria da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2008), na Teoria da Semiótica Social e da Multimodalidade (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006) e na Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 2008). Ao analisar os textos multimodais foi possível evidenciar que os/as produtores/as de Livros Didáticos inserem o tema mulheres em seus textos, ressaltando a representação das mulheres em esferas específicas da sociedade. A pesquisa permite a reflexão a respeito do modo como as mulheres estão sendo representadas por meio de múltiplas semioses, bem como seus papéis desempenhados, essas construções implicam visões limitadas e estereotipadas acerca das mulheres brasileiras no contexto de ensino.

**Palavras-chave:** Multimodalidade. Português Brasileiro como Língua Adicional. Representação. Livro Didático.

## ABSTRACT

This research investigates the representation of women in textbooks of Brazilian Portuguese as an additional language, aiming to analyze the construction of meanings regarding women through multimodal texts; To investigate the roles that Brazilian women play in the multimodal texts of these textbooks, and thus discuss their implication for teaching. To achieve this objective, eight multimodal texts inserted in textbooks of PBLAa (Panorama Brasil, 2006; Novo Avenida Brasil, 2008; Muito Prazer!, 2008; Bons Negócios, 2013, Falar, ler e escrever, 2018). The methodology adopted for this study is of a qualitative nature and the categories of analysis are adopted from Kress and Van Leeuwen (2006); Van Leeuwen (1997; 2008) and Fairclough (2008). The analysis is based such as the theory of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2008), in the theory of social semiotics and Multimodality (Kress, Van Leeuwen, 2006) and The Representation of Social Actors (van Leeuwen, 1997, 2008). When analyzing the multimodal texts, it was possible to show that the producers of textbooks insert the theme women in their texts, highlighting the representation of women in specific spheres of society. The research allows reflection on how women are being represented through multiple semioses, thus their roles performed, these constructions imply limited and stereotyped visions about Brazilian women in Teaching context.

**Keywords:** Multimodality. Brazilian Portuguese as Additional Language. Representation. Textbooks.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa rede Brasil cultural no mundo.....	22
Figura 2 - Triangulação teórica .....	31
Figura 3 - Representação de Atores Sociais .....	38
Figura 4. Representação de Atores Sociais: Exclusão.....	39
Figura 5 – Interconexões teóricas - Halliday, Faiclough, Kress e van Leeuwen .....	44
Figura 6 - Aspectos essenciais da pesquisa qualitativa .....	50
Figura 7 - Características Pesquisa Qualitativa .....	52
Figura 8 - Etapas metodológicas da Pesquisa Qualitativa.....	53
Figura 9 – Livros Selecionados .....	54
Figura 10 – Triangulação de <i>corpus</i> . .....	55
Figura 11 – Triangulação Metodológica - Categorias Analíticas.....	59
Figura 12- Dado e Novo .....	61
Figura 13 - Ideal e Real .....	62
Figura 14 - Centro e Margem .....	62
Figura 15 - “Uma Mulher no Comando de Nelore” .....	78
Figura 16 – TM1: Análise da Gramática Visual.....	79
Figura 17 – TM1: Dado e Novo .....	81
Figura 18 - TM2: Análise da Gramática Visual .....	87
Figura 19 – TM2: Análise discursiva .....	89
Figura 20 – TM3: Análise da Gramática Visual.....	93
Figura 21 – TM3: Análise Discursiva .....	95
Figura 22 – TM4: Análise da Gramática Visual.....	100
Figura 23 – TM4: Ideal e Real.....	102
Figura 24 - TM4 : Ideal/ Real e Dado/Novo .....	103
Figura 25 - TM4: Saliência.....	105
Figura 26 – TM5: “ A mulher no mercado de trabalho” . .....	110
Figura 27 – TM5: Categoria Análise Visual .....	112
Figura 28 – TM5: Dado e novo .....	113
Figura 29 – TM5: Análise Discursiva .....	114
Figura 30 – TM6: Minha Rotina .....	118
Figura 31 – TM6: Análise Gramática Visual .....	119



Figura 32 – TM6: Ideal e Real .....	121
Figura 33 – TM6: Análise Discursiva .....	122
Figura 34 - TM7: Análise Gramática Visual .....	126
Figura 35 – TM7: Análise Discursiva .....	127
Figura 36 - TM 7 : Análise Discursiva .....	130
Figura 37 – TM8: Análise da Gramática Visual.....	132
Figura 38 – TM8: Saliência .....	135
Figura 39 – TM8: Análise Discursiva .....	136

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Livros Selecionados para a pesquisa.....	56
Quadro 2 - Textos selecionados para a pesquisa .....	57
Quadro 3 - Referências Livros Selecionados .....	69

## **LISTA SIGLAS E ABREVIATURAS**

ADC	Análise de Discurso Crítica
L1	Primeira Língua
LA	Língua Adicional
LD	Livro Didático
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
PBLA	Português Brasileiro como Língua Adicional
TM	Texto Multimodal

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	<b>18</b>
1.1 PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL .....	18
1.1.1 <i>Ensino de Português Brasileiro como Língua Adicional para estrangeiros</i> .....	21
1.2 LIVRO DIDÁTICO DE PBLA .....	24
1.3 ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO.....	28
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>31</b>
2.1 SEMIÓTICA SOCIAL E MULTIMODALIDADE .....	31
2.1.1 <i>Textos Multimodais</i> .....	33
2.2 REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS.....	36
2.3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA .....	43
2.3.1 <i>Estudos Feministas e de Gênero</i> .....	45
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>49</b>
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	49
3.2 <i>CORPUS</i> .....	54
3.3 CATEGORIAS ANALÍTICAS .....	58
3.3.1 <i>Teoria da Multimodalidade - Gramática do Design Visual</i> .....	59
3.3.1.1 Participantes Representados e Interativos. ....	60
3.3.1.2 Dado e Novo.....	61
3.3.1.3 Ideal e Real .....	61
3.3.1.4 Centro e Margem.....	62
3.3.1.5 Saliência .....	63
3.3.1.6 Enquadramento (framing).....	63
3.3.2 <i>Representação de Atores Sociais – Van Leeuwen</i> .....	63
3.3.3 <i>Análise de Discurso Crítica – Perspectiva Feminista</i> .....	65
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>68</b>
4.1 LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS.....	68
4.2 CONFIGURAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS .....	73
4.3 ANÁLISE DOS TEXTOS .....	76
4.3.1 <i>Texto Multimodal 1 - Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore - Livro Panorama Brasil</i> .....	77
4.3.1.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	79
4.3.1.2 Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais .....	81
4.3.1.3 Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica .....	84
4.3.2 <i>Texto Multimodal 2 - Magic Paula: a magia feminina no Esporte – Livro Panorama Brasil</i> .....	86
4.3.2.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	87
4.3.2.2 Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais .....	89
4.3.2.3 Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica .....	91
4.3.3 <i>Texto Multimodal 3 - O dia-dia de duas brasileiras - Livro Novo Avenida Brasil</i> .....	92
4.3.3.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	92
4.3.3.2 Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais .....	95

4.3.3.3	Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica.....	98
4.3.4	<i>Texto Multimodal 4 - A vida da mulher: antigamente era melhor? - Livro Novo Avenida Brasil</i> .....	99
4.3.4.1	Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	99
4.3.4.2	Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais.....	106
4.3.4.3	Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica.....	107
4.3.5	<i>Texto Multimodal 5 - A Mulher no Mercado de Trabalho - Livro Novo Avenida Brasil</i> 109	
4.3.5.1	Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	110
4.3.5.2	Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais.....	114
4.3.5.3	Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica.....	116
4.3.6	<i>Texto Multimodal 6 - Minha Rotina – Livro Muito Prazer</i> .....	117
4.3.6.1	Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	118
4.3.6.2	Categorias Analíticas da Representação de Atores Sociais.....	122
4.3.6.3	Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica.....	123
4.3.7	<i>Texto Multimodal 7 - Diversidade no Topo - Livro Bons Negócios</i> .....	124
4.3.7.1	Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	125
4.3.7.2	Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais.....	127
4.3.7.3	Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica.....	129
4.3.8	<i>Texto Multimodal 8 - Para você que vai se casar... –Livro Falar... Ler... Escrever... Português</i> .....	131
4.3.8.1	Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual.....	131
4.3.8.2	Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais.....	135
4.3.8.3	Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica.....	138
4.4	REFLEXÕES SOBRE OS TEXTOS ANALISADOS.....	139
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>140</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>142</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

No contexto de ensino de Português como Língua Adicional<sup>1</sup>, o Livro Didático é uma importante ferramenta do/a professor/a, é, portanto, apoio no processo de ensino e é meio de representação da língua e a da sociedade. Considerando que língua, cultura e sociedade estão profundamente conectadas, como propõe a Análise de Discurso Crítica, linguagem e sociedade estabelecem uma relação interna e dialética, o livro didático se torna não somente um referencial de aspectos linguísticos, mas também suporte que carrega diversos elementos e significações socioculturais.

Além disso, o livro didático, ao carregar diversos modos de produção de significado e de interação – gêneros, textos, discursos, elementos e significações – está conectado e conecta práticas discursivas e sociais permeadas por ideologias e, portanto, está presente no escopo das relações de poder. Essa assertiva leva-nos a considerar o apontado por Fairclough (2008) que ressalta a prática discursiva no que tange os processos de produção, distribuição e consumo textual, aspectos a serem considerados em nossa análise. A natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais, o que demanda olhar mais atento do analista do discurso.

O discurso, por sua vez, “[...] mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas [...] O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo.” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 94). É dessa forma que o livro didático como suporte de múltiplas significações pode reforçar estereótipos e preconceitos, que, de alguma maneira, serão naturalizados e/ou generalizados pelos/as estudantes quando não trabalhadas de forma consciente e crítica.

Tornar-se consciente das potencialidades de diferentes semioses que não somente a escrita, eternamente celebrada nas sociedades complexas, abre novos caminhos para o ensino de segunda língua, já que os aspectos ideológicos que permeiam os textos multimodais podem vir a ser naturalizados pelo/a aluno/a, caso o/a professor/a não realize um trabalho adequado com esse tipo de texto. Cabe a(o) docente apresentar a/ os aluno(a)s diferentes visões de mundo que são trabalhadas com o auxílio dos livros didáticos e que auxiliam aluno(a)s na formação de crenças e de valores. Por esse motivo, o (a) professor (a) de segunda língua deve ter consciência da importância do trabalho estruturado e consciente com textos

---

<sup>1</sup> Optou-se por Língua adicional pela neutralização e ampliação do conceito, no qual pode-se incluir Língua Estrangeira (LE), Segunda Língua (L2), bem como salienta BRANDÃO (2017): “A escolha pela expressão língua adicional atende ao desejo de selecionar uma expressão mais neutra e abrangente”. (p. 232)

de natureza diversa e assim evitar o reforço de determinados estereótipos. (FERRAZ, 2011, p. 149).

Quando nos referimos ao ensino de Português Brasileiro como Língua Adicional (PBLA) e aos Livros Didáticos, englobamos também o estudo multicultural e o ensino para além-língua. Nos múltiplos elementos que se inserem nos conceitos de linguagem e sociedade — história, cultura, cosmovisão e outros — a questão de gênero social apresenta-se como ponto de interseção em todas essas esferas.

De acordo com Kress, Leite-García e van Leeuwen (2000), com a mudança na produção e nas características do texto – na qual a escrita tornou-se menos central e menos importante e o visual com outros modos passou a ter maior realce - tem-se produzido textos que são fortemente multimodais. A consequência dessa mudança é que se torna impossível interpretar textos prestando atenção exclusivamente na escrita, já que esta existe como apenas um dos elementos num texto multimodal e deve, por isso, ser lido em conjunto com todos os outros modos semióticos.

Ferraz (2011), nesse contexto, argumenta sobre a potencialidade da multimodalidade no ensino de língua estrangeira, bem como a urgência dos estudos sobre cultura e sociedade, pela perspectiva multimodal, em livros didáticos de PBLA, pois os aspectos culturais no ensino contribuem de maneira significativa para o entendimento dos aspectos linguísticos na sociedade.

Diante desse cenário recente de globalização e da era do argumento visual, a língua portuguesa tem ganhado espaço, seja no contexto *in loco* de acolhimento a refugiados e imigrantes ou de Segunda Língua para diplomatas, intercambistas e estrangeiros que chegam ao Brasil por diversos motivos, seja na internacionalização da língua por universidades afora, centro culturais e leitorados no *status* de Língua Estrangeira.

A ampliação e procura pela Língua portuguesa e sua internacionalização é consequência do crescimento do Brasil no cenário econômico e de sua integração no mercado mundial, bem como do aumento e da presença de instituições diversas promotoras da difusão da língua. O interesse pela língua, por outro lado, provém de diferentes motivações que vão desde um contexto de trabalho e estudos, passando por questões afetivas como relacionamentos até motivações oriundas de uma visão turística e “exótica” de Brasil, por exemplo.

O Livro Didático nesse panorama é um dos elementos centrais e representativos da Língua - Cultura Brasileira. Guilherme (2012) argumenta a respeito da necessidade de

formação contínua na área de materiais didáticos, contribuindo para o despertar de autonomia e questionamentos por parte dos/as professores/as.

O desenho e elaboração de materiais didáticos raramente faz parte dos programas de estudo na formação de professores, inicial ou contínua, no entanto, esta é uma atividade que não só abre uma janela de oportunidade à autonomia criativa do/a professor/a, mas também coloca uma série de desafios para os quais os/as professores/as não são formalmente preparados. (GUILHERME, 2012, p. 15)

Em complemento à assertiva, a análise de Livros Didáticos em pesquisas e nos programas de formação de profissionais a qual contribuem, de maneira significativa, à condução a reflexão crítica não somente da produção, mas da elaboração de Livros e Materiais didáticos disponíveis no mercado.

Dessa forma, com base nas considerações sobre a relevância do estudo ao qual propomos desenvolver, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a construção da imagem das Mulheres Brasileiras nas seções destinadas à habilidade de leitura em Livros Didáticos de Português como Língua Adicional.

Para atingir o objetivo geral, esta pesquisa recorre aos seguintes objetivos específicos:

- 1) Observar a representação produzida sobre as mulheres brasileiras em 8 textos multimodais, constituídos pelas modalidades escrita e imagética, localizados em seções destinadas ao trabalho da leitura;
- 2) Desvelar, pelo viés da Teoria da multimodalidade e da ADC, no *corpus* selecionado, a construção de significados sobre as mulheres brasileiras – as marcações de poder envolvidas no processo de significação multimodal e discursivo;
- 3) Identificar quais aspectos ideológicos são mais preponderantes na representação do feminino nos textos selecionados e as prováveis implicações para o ensino.

Diante dos objetivos destacados e por ser o LD suporte de grande importância no processo de ensino e de aprendizagem e servir como objeto de estudos discursivos, alguns questionamentos surgem em torno dos livros didáticos, os quais serão norteadores deste trabalho:



1. Como é produzida a representação sobre as mulheres brasileiras nos 8 textos multimodais, constituídos pelas modalidades escrita e imagética, localizados em seções destinadas ao trabalho da leitura?
2. Como é apresentada a construção de significados sobre as mulheres brasileiras – as marcações de poder envolvidas no processo de significação multimodal e discursivo no *corpus* selecionado?
3. Quais aspectos ideológicos são mais preponderantes na representação do feminino nos textos selecionados?

Nós nos propomos, portanto, a ter como tema a representação das Mulheres nos Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional, mais especificamente voltados ao público estrangeiro. Logo, pretendemos analisar a construção das imagens das Mulheres que surgem nesse suporte didático à luz da Teoria da Gramática do Design Visual/Semiótica Social, propostas por Kress e van Leeuwen (2006), da Representação dos Atores Sociais, proposta por van Leeuwen (1997; 2008) e da Análise do Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2008) em *Discurso e Mudança Social*.

Dessa forma, em linhas gerais, no Primeiro Capítulo, fazemos a contextualização do Português como Língua Adicional e o contexto de ensino. Inicialmente, discorreremos a respeito do PBLA e seu ensino. Há, ainda, uma discussão sobre o Livro Didático e seu papel no ensino de Língua e Cultura. Ao final, apresentamos algumas considerações referentes aos Estudos Feministas e de Gênero que alicerçam as análises desta pesquisa.

## **1 CONTEXTUALIZAÇÃO**

Neste capítulo, discorremos sobre o Português Brasileiro como Língua Adicional e o ensino desta modalidade, abarcando questões teóricas e conceituais, em seguida, apresentamos algumas reflexões a respeito da importância do Livro Didático no processo de ensino e da relação Língua e Cultura. Na última seção, fazemos algumas considerações sobre os estudos Feministas e de Gênero.

### **1.1 Português Brasileiro como Língua Adicional**

O Português Brasileiro tem assumido, cada vez mais, espaço no cenário de internacionalização. Tal fato pode relacionar-se a diversas circunstâncias seja de natureza macro Brasileira como de ordens econômica, política, cultural, comercial e científica, seja vinculado a fatores de políticas linguísticas como programas de promoção e divulgação da Língua-Cultura brasileira.

De múltiplos contextos de internacionalização do Português Brasileiro ampliam-se as situações nas quais há a necessidade de aprendizagem da língua. Essas necessidades variam de acordo com o público-alvo, que pode ser de indígenas, de surdos e de estrangeiros, como variam de acordo com diferentes motivações para aprender a língua. Desse panorama de diversidade, teóricos, profissionais e pesquisadores criam e utilizam conceitos para que se busque situar cada contexto de ensino e de aprendizagem da língua.

Quanto às diversas situações de uma língua, a primeira demarcação normalmente feita é entre primeira língua e língua estrangeira, essa divisão é importante na medida em que delinea um direcionamento na formação de profissionais, diretrizes no trabalho pedagógico, seleção de abordagens e métodos específicos, bem como demarca o fazer docente.

No decorrer da história, investiu-se na definição e na teorização dos conceitos e das situações de ensino e de aprendizagem. Para uma distinção mais ampla e panorâmica, conforme Spinassé (2006), a Primeira Língua (L1) ou Língua Materna (LM)

[...] não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. (SPINASSÉ, 2006, p. 5)

A L1 ou LM faz parte da construção de conhecimento do mundo, partilhando valores e saberes de uma de sociedade. Quanto à Língua Estrangeira (LE), Maia-Pires (2017) define-a como:

a) língua não nativa do aprendiz que se encontra dentro de fronteiras territoriais em que a língua em aprendizagem não é a oficial do país; b) não é a língua oficial do país em que reside o aprendiz; c) língua de caráter secundário para a participação plena na vida social, política e econômica e; c) a língua é aprendida normalmente em ambiente formal. (MAIA-PIRES, 2017, p. 143)

Dessa forma, LE refere-se a situações pelas quais, no contexto de ensino, o português não é língua oficial do país em que o aprendiz reside e nem língua nativa do aprendiz. Outra distinção conceitual normalmente feita é de segunda língua. Conceito referente à

a) língua não-nativa do aprendiz, que se encontra dentro das fronteiras territoriais em que a língua em aprendizagem é língua oficial do país; b) a língua que tem função social, política e econômica reconhecida dentro e fora do país; c) a língua que é essencial para a participação plena do aprendiz na vida social, política e econômica dentro da comunidade de uso da L2; d) a língua que aprendida em ambiente formal e ambiente informal. (MAIA-PIRES, 2017, p. 142)

O contexto de ensino de português brasileiro como segunda língua, relaciona-se a diversidades linguística e cultural do Brasil, direciona-se a públicos “distintos com características bastante diversas e distribuição geográfica desigual” (CARVALHO, 2008, p. 1), a saber, a) os diversos grupos étnicos indígenas; b) os surdos, falantes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); c) estrangeiros (as) que chegam ao Brasil por diferentes motivos

A área de segunda língua, conforme Ferraz (2015) é

de maneira geral, negligenciada, pois se encontra entre o ensino de língua materna e o de língua estrangeira. Casos como os de falantes de línguas de sinais e de indígenas, os quais, normalmente, não possuem a língua oficial de seus países como língua materna, terminam, por não serem devidamente vislumbrados. (FERRAZ, 2015, p. 372)

Nesses contextos de segunda língua direcionada para surdos e indígenas há inúmeras demandas no plano de políticas públicas, educacionais e de formação de profissionais qualificados para atuar nas diferentes áreas.

Temos ciência da importância e da história de cada conceito, bem como dos profissionais e pesquisadores que investiram em prol do crescimento e da manutenção dos

diversos campos de atuação. No entanto, consideramos que o termo Língua Adicional capta os múltiplos contextos de ensino e de uso sem restringir as multiplicidades de ação e de interação. Conforme Brandão (2017), alguns autores referem-se à Língua Adicional como Língua Estrangeira (LE) ou Terceira Língua (L3), considerando-as como “todas as línguas acrescidas ao conhecimento do aprendiz, aprendidas, seja no contexto de imersão ou não” (BRANDÃO, 2017, p. 232).

Entretanto, o termo LE é evitado por muitos teóricos por conotar de maneira pejorativa a diferença e por remeter ao estranhamento, que o próprio termo sugere – ‘estranho’. Sob outro ângulo, as terminações segunda e terceira língua sugerem a quantidade de línguas aprendidas, limitando o processo de ampliação de conhecimento de língua-culturas a uma nomeação. Ademais, a preferência por Língua Adicional em detrimento de LE, L2 ou L3 considera um contexto de horizontalidade, de diversidade de situações, evidencia, assim, uma posição mais abrangente, e por fim, política e ideológica, pois revoga os aspectos hierárquicos dos demais conceitos. (BRANDÃO, 2017; RAMOS, 2017).

Considerar Português Brasileiro como Língua Adicional (PBLA) expande a cadeia de possibilidades de trabalhos, pesquisas, atuações, seja referente ao público-alvo - indígenas, surdos, estrangeiros em diferentes situações - ao mesmo tempo em que une e “abraça” essas múltiplas possibilidades.

Importante destacar que o processo de formação de profissionais para os contextos de Primeira Língua ou LM e Língua Adicional apresentam direcionamentos específicos, visto que da mesma maneira que os conceitos e os usos, os métodos e as técnicas, em situações de ensino e aprendizagem, são diferenciados. Conforme assinala Ramos (2017) a respeito das diferenças entre LA e L1, não se ensina uma língua a quem já a partilha como instrumento de comunicação e interação,

O que se trabalha, de modo formal ou não, na pedagogia da L1, são as estratégias que podem conduzir o aluno ao registro escrito, cujo acesso a escola é a instituição, por excelência, garantidora. (RAMOS, 2017, p. 20)

Na pedagogia de LA, os aprendizes – com exceção dos surdos – precisam aprender a falar e ter acesso as diversas variedades da modalidade falada. Do mesmo modo, conhecimentos linguísticos são diversificados nas duas situações, em LA, as formas de se expressar em diferentes contextos precisam ser apresentados, na medida em que, em L1, já existe um domínio de determinadas práticas. Outra importante diferença elencada por Ramos (2017) é a organização das etapas em L1 e LA, na primeira, é dividido em séries, que

acompanha, normalmente, o fator idade e caracteriza-se pela divisão anual, em LA, não há divisão etária restrita e organiza-se em função do nível cognitivo - básico, intermediário, avançado.

Diante dessas especificidades, a formação de profissionais também precisa ser direcionada, já que os processos de aprender e de ensinar são diferentes. Assim, conhecimentos linguísticos a respeito do Português do Brasil, abordagem, métodos e técnicas direcionadas para o contexto de LA, bem como aspectos socioculturais do panorama intercultural e questões de análise, produção de materiais didáticos e o uso de multimídias, são umas das etapas pelas quais os profissionais da área de PBLA perpassam.

### ***1.1.1 Ensino de Português Brasileiro como Língua Adicional para estrangeiros***

Ao abordamos o ensino do Português Brasileiro como Língua Adicional, ampliamos o campo de atuação para diversos contextos e situações, dentre elas, o ensino voltado para o público estrangeiro que, em diversas condições e motivações seja como intercambista, migrante, refugiado ou como solicitante de refúgio, seja por questões profissionais e laborais ou de cunho pessoal, buscam o Português do Brasil como forma de inserção e interação na sociedade e cultura brasileiras. Em contrapartida, encontramos, dentro e fora do Brasil, espaços múltiplos interessados no compartilhamento e difusão do Português do Brasil.

Em relação ao ensino e difusão da Língua Portuguesa, há tanto a procura pelo ensino e aprendizagem da língua e cultura brasileira como há o aumento de universidades e centros de profissionalização específicos na formação de professores de português como língua adicional. Segundo dados da Rede Brasil Cultural, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, há: vinte e quatro Centros Culturais Brasileiros distribuídos nos diversos continentes; cinco Núcleos de Estudos Brasileiros em quatro países – Guiné-Equatorial, Guatemala, Paquistão e Uruguai; e vinte e um leitorados brasileiros em atividade. A figura abaixo apresenta o mapa de distribuição da Rede Brasil Cultural no mundo.

Figura 1 – Mapa rede Brasil cultural no mundo



Fonte: Rede Brasil Cultural

Em relação à prática de ensino, lecionar Português Brasileiro como língua adicional implica reflexões a respeito da sociedade e da(s) cultura(s) brasileiras, de questões de diversidade, de identidade, de representação que vão além de elementos “visíveis” perpassa, pois, por práticas sociais, visões de mundo, modos de ensinar e de aprender, muitas vezes, invisíveis e naturalizados ao olhar do falante nativo. (CARVALHO, 2008; NIEDERAUER, 2010; FERRAZ, 2015). Os textos, nesse sentido, bem como os Livros Didáticos, são materializações dessa expressão discursiva de língua-cultura, bem como exemplifica Marcuschi.

**Operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua.** Veja-se o caso de alguém que viaja a algum país em que o sistema de trânsito utiliza-se de um formato discursivo que difere totalmente do que ele conhece em sua cultura. Serão sinais de trânsito para ele? É evidente que são, mas não funcionam como tal. Portanto, eles não são sinais

de trânsito do ponto de vista discursivo e sim do ponto de vista institucional. (MARCUSCHI, 2008, p. 90)

Com essa afirmação do autor, podemos assumir que ensinar uma língua é ensinar cultura e nessa cultura circulam textos situados genericamente e contextualmente, os quais só constroem sentidos interconectados linguística e culturalmente. Da mesma forma, evidenciam-se aspectos multimodais dos textos que estão relacionados aos aspectos culturais, conforme o exemplo citado no excerto, as cores, os formatos das placas e os sinais de trânsito são recursos que significam quando vinculados ao conhecimento linguístico, ao gênero, ao contexto, a cultura no qual esse texto circula. Com isso, podemos afirmar que por meio de textos ensinamos língua e cultura, que conforme Marcuschi, ensina também

Quando se ensina alguém a lidar com textos, ensina-se mais do que usos linguísticos. Ensinam-se operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação linguística. (MARCUSCHI, 2008, p. 90)

Sendo assim, ensinar uma Língua-Cultura envolve produção de sentidos e modos particulares de agir e interagir numa determinada sociedade. Com respeito ao ensinar Língua-Cultura, Carvalho (2008) chama-nos atenção para que aspectos culturais estejam presentes na sala de aula tanto no sentido de se investir na diversidade de uma sociedade como na necessidade de evitar reproduções estanques e estereotipadas dessa sociedade.

Partindo do pressuposto de que língua é prática social inserida em um determinado contexto cultural, nossa concepção de ensino implica necessariamente a inclusão de cultura. Assim, ensinar língua é ensinar cultura, não como uma quinta habilidade, que requer uma didática especial, mas como um elemento inerente à língua, que deve fazer parte da sala de aula desde o início do processo de aprendizagem. (CARVALHO, 2008, p. 1)

A cultura, dessa forma, não significa elementos estanques e estereotipados de uma sociedade, muito além disso, por ser termo complexo e profundamente debatido por teóricos/as, imbrica-se à língua, à sociedade, apresenta-se como modos de agir, interagir, de ver, de ser, de sentir etc.; como sistemas de conhecimentos, crenças, representações, valores; como mecanismo de controle e como geradora de significações do mundo.

É nesse panorama diverso de difusão da cultura e do PB que o Livro Didático se insere como elemento de apresentação e reprodução da língua e cultura brasileiras, a funcionalidade do LD pode variar entre suporte didático, apoio ao ensino e fontes de informações. Nessa

perspectiva, o LD é gerador de sentidos e ponto de contato de diferentes visões de mundo. Os interlocutores deste processo são instigados a interpretar e inferir em diferentes semioses.

Nesse sentido, ao considerarmos que língua e cultura são aspectos indissociáveis, o Livro Didático é meio de apresentação dessa língua-cultura brasileira e, portanto, reproduz e distribui elementos que são considerados como representativos, pois carregam modos de significar, modos pelos quais podem ser apreendidos e tratados como naturalizados e essenciais. Os modos de significar e promover a interação com determinada cultura geram e afetam modelos de conhecimento que, por sua vez, podem não compartilhar da ampla diversidade na qual uma sociedade é construída e percebida.

A influência dos Livros Didáticos é, nesse sentido, elemento importante na construção de conhecimentos, valores e crenças compartilhados como representativos, como autênticos ou únicos da sociedade e língua alvo. Para dar vazão ao nosso intuito de discutir essa dita influência dos LD na formação de sentidos, na próxima seção trataremos especificamente do conceito formador do LD.

## **1.2 Livro Didático de PBLA**

Nesta seção, buscamos tecer considerações pertinentes ao entendimento do LD como fonte de pesquisa linguística. A própria funcionalidade do LD, no contexto de ensino e aprendizagem de LA, instiga em nós, analistas do discurso, a atenção sobre a elaboração, a seleção e a utilização de recursos semióticos de diferentes modalidades na composição multimodal de conteúdos.

Dessa forma, é importante ressaltar que os LD resultam de escolhas situadas em práticas sociais representativas de determinada cultura, no caso, a cultura brasileira, contexto de uso do Português Brasileiro, língua-alvo dos aprendizes já citados, os estrangeiros.

É nesse contexto que temas referentes ao cotidiano de uma nação passam a ser representativos de aspectos peculiares de um povo. Nosso interesse é, portanto, ora determinado por recorte mais específico dentro de um universo maior: a mulher brasileira nesse LD. É importante em termos de pesquisa, mantermos em mente, os recortes necessários ao tratamento dos dados porque precisamos tanto de coerência como de convergência no que se refere ao direcionamento da pesquisa.

Feitos esse breves esclarecimentos, vamos nos dedicar à natureza conceitual do LD. Inicialmente, consideramos a composição textual típica de LD, o que o torna uma espécie de suporte de gêneros, que segundo Marcuschi (2008) ao tratar de gêneros textuais, caracteriza,



mesmo que não seja opinião unânime, o livro didático como suporte, ou seja, com a função de portar ou fixar textos. O autor define Suporte de gênero como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). Dessa forma, em particular, o livro didático é um suporte que contém muitos gêneros, e por conter variedade de gêneros textuais e discursivos, abarca elementos semióticos que são estritamente culturais e ideologicamente direcionados a tipos de representação. Assim nos contempla Ferraz e Vieira :

O livro didático é, portanto, elemento “provocador” que pode abrir pontos para a troca de ideias, de opiniões, de pontos de vista, pois carrega em si eventos e situações que buscam retratar a realidade. Coloca o/a aluno(a) estrangeiro(a) em contato com visões de mundo e com parâmetros culturais diferentes dos de sua origem. Na qualidade de veículo de um discurso permeado por crenças e valores sociais, figura de forma eficiente como objeto de estudos discursivos (FERRAZ e VIEIRA, 2011, p. 139)

Dessa forma, o LD é suporte com características e linguagem muito específicas, no qual gêneros textuais diversos estão ali inseridos para que se trabalhe didaticamente. E por conter uma gama de temas e de textos multimodais, o LD funciona como base, como elemento incitador da prática pedagógica, da construção e da manutenção de ideias, opiniões e estereótipos, exercendo, assim, o papel de guia-modelo, conforme nos contempla Carvalho (2008) sobre a função do LD em contexto de ensino e de aprendizagem de uma Língua fora do contexto em que é falada.

[...]o livro didático constitui o apoio maior que o professor e o aluno têm em sala de aula, apesar de não ser a única fonte de informações sobre a língua. Por meio de textos orais e escritos, o livro exerce o papel de guia-modelo e deve oferecer ao aluno contextos variados em que estão inseridos estruturas e vocábulos diversos. (CARVALHO, 2008, p. 1)

Visto que Língua e Cultura estão imbricadas, que textos multimodais e gêneros textuais significam um mundo sócio culturalmente contextualizado, que ensinar Língua é tratar dessas questões, os Livros Didáticos, como suporte e base provocadora, da mesma maneira, contribuem para a construção de significados culturais.

Logo, o pressuposto de que língua e cultura são indissociáveis leva-nos à concepção do livro didático como uma manifestação cultural, ou seja, os elementos culturais estão presentes em todo o livro didático (não somente em atividades que colocam em evidência o contraste). (CARVALHO, 2008, p. 1)

Assim, a cultura não se refere somente aos elementos elencados no LD como aspectos culturais - história, música, artesanato etc. - refere-se à organização, à diagramação, à seleção temática, à composição do *syllabus*<sup>2</sup>, à escolha de textos imagéticos, orais e escritos, dentro desses, refere-se a preferências lexicais, de variantes, de gêneros textuais. Logo, o próprio processo de ensino envolve aspectos culturais – o que é selecionado pelo profissional como mais ou menos importante, o que é descartado ou deixado de segundo plano, modos de ensinar e de aprender, hábitos que são comentados outros que são muitas vezes tidos como “universais” e, portanto, relegados ao esquecimento.

Ao contrário de supor que a referência à cultura brasileira, normalmente, apresenta-se como carnaval, samba, futebol, “as mulheres brasileiras”, o jeitinho, a corrupção, a suposta democracia racial etc., a prática pedagógica, os Livros Didáticos e a experiência de sala de aula demonstram que aspectos culturais são muito mais do que elementos cognoscíveis. Niederauer (2010) complementa com a explicação de que a cultura ultrapassa questões estereotipadas, pois

[...] nossa cultura não é apenas isso, a cultura brasileira também é feita de aspectos quase imperceptíveis para nós brasileiros, mas não para nossos alunos estrangeiros. Não é raro, em sala de aula, depararmos com perguntas sobre nossos hábitos, nosso modo de ver e de fazer as coisas, coisas do dia a dia muitas vezes, hábitos inquestionáveis para nós, mas não para nossos alunos. (NIEDERAUER, 2010, p. 103)

No que se refere aos aspectos culturais, o compartilhamento de crenças vai além de interações diretas como perguntas em sala de aula, realiza-se também no discurso educacional com o uso dos livros didáticos e práticas inseridas no contexto escolar.

Podemos argumentar que após a mídia, o discurso educacional é o mais influente na sociedade, especialmente quando se refere à comunidade de crenças que não são normalmente transmitidas nas conversas cotidianas ou na mídia. (VAN DIJK, 2015, p. 148) (van DIJK, 2015, p. 148)

Van Dijk (2015) argumenta que a instituição e discurso escolar constituem-se como massivamente inculcado, no qual sujeitos de diferentes idades enfrentam aulas e livros didáticos - “os únicos livros que são leituras obrigatórias em nossa cultura” (VAN DIJK, 2015, p. 149) que reproduzem crenças e discursos por vezes estereotipados e preconceituosos.

---

<sup>2</sup> Nas palavras de Coutinho, “Entendemos *syllabus* como o conteúdo programático de um curso de LE, contendo informações referentes aos temas gramaticais, contextos de interação e vocabulário que serão trabalhados ao longo do curso.” (COUTINHO, 2016, p. 17).

Van Dijk (2015) desenvolve sua teoria e pesquisa em torno do racismo e salienta o papel central dos Livros Didáticos na reprodução do racismo.

Como no caso da mídia e da população adulta, os livros didáticos e os ensinamentos neles baseados formam o crisol discursivo para a reprodução cotidiana das crenças étnicas preconceituosas e, frequentemente, as práticas discriminatórias nelas baseadas. Afirmamos que o racismo é aprendido, e não natural ou inato. (VAN DIJK, 2015, p. 150)

Diante da afirmação do autor, podemos afirmar que os LD também contribuem para a formação discursiva que perpassa a reprodução de discursos machistas e de crenças instauradas em ideais de relações desiguais de gênero no contexto educacional.

As imagens presentes em um livro didático de segunda língua, por exemplo, desempenham papel relevante aos olhos dos alunos que não possuem proficiência e domínio da escrita e podem reforçar estereótipos, criar novos conceitos e ideias em relação à cultura da língua-alvo, bem como ajudar ou não na constituição do aluno como sujeito inserido em uma cultura diferente da sua de origem. (FERRAZ e CASTRO, 2016, p. 145)

No que diz respeito à diversidade, a questão de gênero – principalmente a da mulher – é objeto de inúmeros estudos e reflexões, devido não somente às relações intergeracionais mantidas por um sistema patriarcal, como também devido ao tratamento midiático dado às mulheres e principalmente às mulheres brasileiras. Esse tratamento midiático corrobora para construções de percepções e visões estereotipadas. Sobre estudos na área de Português do Brasil no contexto de Língua Adicional, cito duas pesquisadoras que acrescentam a nossa discussão.

Carvalho (2008) constatou - em seu estudo lexical sobre a diversidade cultural nos livros didáticos de português para estrangeiros – quanto às atividades profissionais e a marca morfológica de gênero explícita, menor tratamento dado à participação das mulheres no mercado de trabalho. A autora conclui que “O predomínio do gênero masculino é evidente em todas as profissões levantadas e, em alguns casos, como em engenheiro, escritor e agricultor, não ocorre uma única vez a forma feminina.” (CARVALHO, 2008, p. 14)

Ferraz (2015), em sua pesquisa sobre identidade do brasileiro em livros didáticos de PBLA, referente à apresentação da família brasileira, analisa um texto retirado de uma revista cujo objetivo é mostrar a família brasileira e introduzir uma atividade. No texto, apresenta-se a família de Ricarte e Rosângela, o homem é construído como a figura principal da família,

como o provedor, à mulher é dado um caráter secundário, esse dado é evidenciado pela análise integrada das diferentes modalidades: (i) na modalidade escrita, por exemplo, toda apresentação da família gira em torno do homem - Ricarte, a esposa é apresentada segundo a perspectiva do homem e sem nome próprio (a mulher de Ricarte, Ricarte e a mulher); (ii) na modalidade imagética, o homem está no centro da imagem, ficando os outros integrantes à margem.

Da análise sobre a família brasileira conjugada por múltiplas semioses, Ferraz (2015) conclui:

A leitura da imagem em conjunto com o texto escrito determina lugares na estrutura social que são inevitavelmente marcados pelas diferenças de poder. Apesar de haver núcleos familiares de diversos tipos, como os chefiados por mulheres, a família apresentada ainda faz referência ao modo tradicional, no qual o pai é a figura de maior projeção, pois é ele quem sustenta a casa. A esposa ainda desempenha um papel social de menor prestígio: sua identidade depende da figura de seu marido [...] Esse tipo de construção afeta o modo como cada participante compreende a mensagem do texto. (FERRAZ, 2015, p. 442-443)

Pesquisas evidenciaram alguns dados secundários quanto à questão de gênero e apontam a necessidade de análises mais aprofundadas e específicas não somente num tema social, mas na área de ensino de Português do Brasil como Língua Adicional. Passamos para contextualização dos Estudos Feministas e de Gênero, os quais consideramos relevantes para este trabalho.

### **1.3 Estudos Feministas e de Gênero**

Os estudos de gênero têm recebido atenção em diferentes campos disciplinares - Sociologia, Antropologia, Filosofia. A pertinência de se incluir reflexões sobre questões de gênero nos estudos linguísticos evidencia-se pelo fato de a língua ser uma prática sociointerativa, pela qual representações são construídas, legitimadas, reforçadas e contestadas, inclusive no contexto de ensino e aprendizagem.

A prática de ensino apresenta importância na formação de conhecimentos, crenças e visões de mundo de indivíduos, espaço no qual se reproduzem discursos que podem reproduzir ideologias dominantes, como também se reproduzem formas de resistência e

mudanças. Desta forma, é relevante tecer reflexões críticas a respeito de questões que permeiam a relação língua e gênero social.

Faz-se necessário apresentar parte da trajetória dos estudos feministas e de gênero. Normalmente, a narrativa sobre os Movimentos Feministas se organiza pelas chamadas Ondas. Nesse viés, o surgimento do movimento feminista se deu no fim do século XIX, tendo como atores principais mulheres brancas da classe média cujos objetivos estavam relacionados à organização da família, à profissão e aos estudos, ao direito de voto. Conforme salienta Louro (1997):

[...] seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média. (LOURO, 1997, p. 15)

Na segunda onda, o feminismo “além das preocupações sociais e políticas irá se voltar para as construções propriamente teóricas” (LOURO, 1997, p. 15). Com olhar para as diferenças, questões de classe e raça e de relações de poder, ampliam-se contestações sobre o papel das mulheres na sociedade e a possível transformação de situações naturalizadas sobre papéis periféricos comumente ocupados pelas minorias, mulheres e negros, por exemplo. De acordo com Louro (2003),

Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e “contaminando” o seu fazer intelectual - como estudiosas, docentes, pesquisadoras - com paixões políticas. Surgem os *estudos de mulher*. (LOURO, 1997, p. 16)

Nesse contexto, fortalece-se um vínculo entre política e posicionamento feminista, em que as mulheres, como produtoras do conhecimento, propõe discussões sociais e políticas.

No entanto, no contexto de estudos de identidade, desenvolvem-se novas reflexões sobre a categoria gênero - como fixa e imutável, estabelecendo a chamada terceira onda. Momento no qual questiona-se a heteronormatividade, a construção dos corpos, da maternidade e da sexualidade, as experiências e os pontos de partidas deixam de ser eurocêtricos, mas, a partir de contextos de diáspora, afrocentrados, trabalhando a possibilidade de múltiplas diferenças.

Contextualiza-se o combate pelas feministas negras, por exemplo, reflexões sobre o acesso ao trabalho da chamada primeira onda, já que seus corpos, na colonialidade, foram explorados pela força de trabalho escravo.

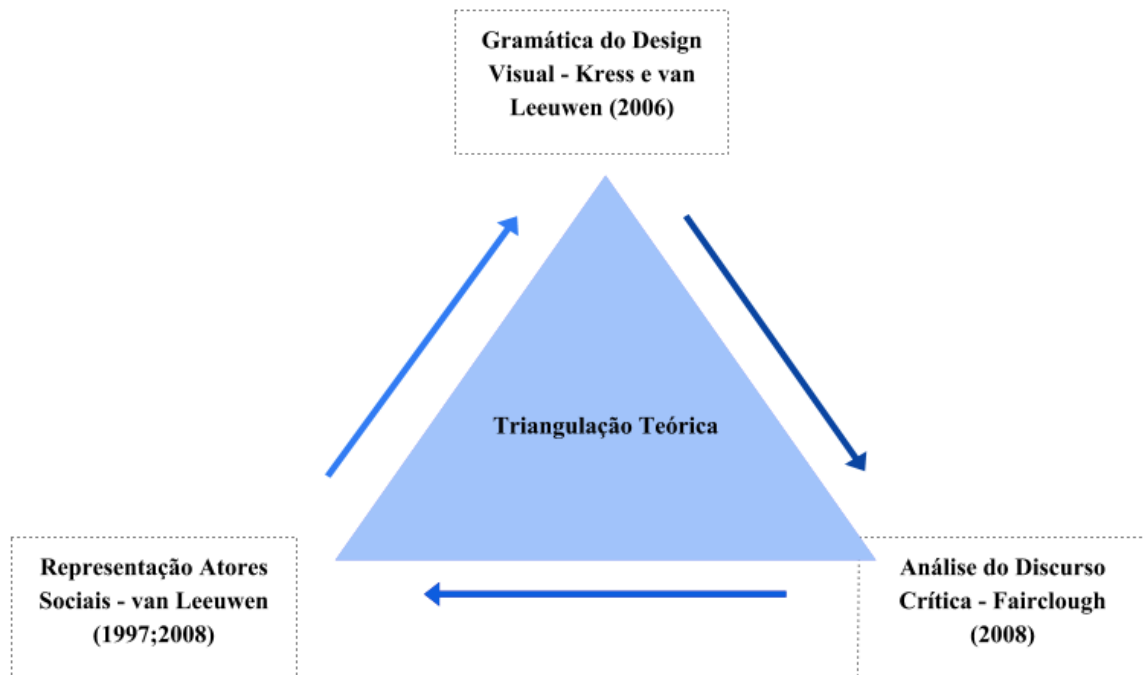
É interessante observar que mesmo que o LD trabalhe o tema gênero na perspectiva trabalho e também família, sobrepõe-se o marco de conquista e luta feminista de um grupo bem específico: o da mulher branca da classe média numa relação heterossexual que tem acesso ao trabalho. Evidencia-se a representação das conquistas e lutas feministas numa ótica direcionada ao da 1ª onda, como se as mulheres na atualidade fossem definidas mediante o acesso ao trabalho, no entanto a questão é muito mais complexa pelo viés do movimento feminista e pelo viés das mulheres brasileiras que são múltiplas - negras, indígenas, mães, solteiras, lésbicas.

No próximo capítulo, dedicamo-nos a apresentação do Referencial Teórico.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Presente capítulo reserva-se à apresentação do arcabouço teórico em que se sustentam as análises. Para a análise do tema, recorreremos aos pressupostos teórico e metodológico da Análise do Discurso Crítico, postulados por Fairclough (2008), aos princípios teóricos da Teoria da Semiótica Social e da Multimodalidade, propostas por Kress e van Leeuwen, e a Representação dos Atores Sociais de van Leeuwen (1997; 2008). Para tanto, propomos triangulação teórica, em que as teorias e suas categorias dialogam com a finalidade de contribuir para a interpretação dos dados.

Figura 2 - Triangulação teórica



Fonte: Elaborada pela própria autora

### 2.1 Semiótica Social e Multimodalidade

A Semiótica Social teve início na década de 80 na Austrália, autores como Kress e van Leeuwen (2006) marcam, assim, a chamada “terceira escola”, que dará prosseguimento aos estudos do Círculo de Praga, influenciados pelos Formalistas Russos da chamada “primeira

escola” e pelos estudos da denominada “segunda” Escola de Paris. Ainda segundo os autores, a Semiótica Social torna-se singular por propor uma nova abordagem pautada nas funções sociais da linguagem, calcada na Linguística Sistêmica Funcional (LSF) preconizada por Halliday.

De acordo com a Teoria, as semioses apresentam significados potenciais e estes estão estritamente relacionados ao contexto, à sociedade e à cultura. As imagens, portanto, “[...]também compõem significado”, e “[...]a leitura dessas imagens e dos textos multimodais é socialmente determinada.” (FERRAZ e CASTRO, 2016, p. 145).

Nesse sentido, a Semiótica Social pauta-se nos pressupostos da LSF, na interconexão do contexto cultural e social na configuração dos significados das semioses, na produção socialmente motivada dos signos e, portanto, na noção de escolha atrelada a interesses de quem produz, pois, conforme asseveram Santos e Pimenta:

[...] quem produz um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que se quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção dos atores sociais guiados pelos meios formais de representação e comunicação. (SANTOS e PIMENTA, 2014, p. 299)

De acordo com van Leeuwen (2005) ao invés de nos questionarmos sobre o que é a Semiótica, seria interessante perguntarmos-nos “Que tipo de atividade é a Semiótica” e “O que um semioticista faz”. O autor argumenta haver três coisas que um semioticista faz: (i) coletar, documentar e catalogar sistematicamente recursos semióticos, inclusive suas histórias (ii) investigar como esses recursos são utilizados em contextos institucionais, culturais e históricos específicos e como as pessoas falam sobre eles nestes contextos – como são planejados, ensinados, criticados etc.; (iii) contribuir para a descoberta e o desenvolvimento de novos recursos semióticos e novos usos dos recursos semióticos existentes. (van LEEUWEN, 2005)

Dionisio, Vasconcelos e Souza (2014) pontuam que os estudiosos da Semiótica Social não defendem a supremacia da imagem sobre a linguagem verbal, pelo contrário, postulam que os modos de representação verbal e visual primeiramente, não veiculam os mesmos significados e nem são equivalentes, logo não coexistem ao acaso, mas interagem e compõem sentidos. Ademais, sua interconexão semiótica contribui e afeta modos de interação sendo permeados e, ao mesmo tempo, produzindo textos multimodais.



Temos vivido atualmente grandes mudanças no que concerne ao uso da linguagem. A concepção tradicional de texto apenas como linguagem escrita se torna obsoleta na medida em que a escrita deixa de ocupar cada vez mais o papel principal como representação cultural. Isso porque vivemos na era da comunicação visual, e os modos imagéticos de representação estão cada vez mais presentes na sociedade (FERRAZ e CASTRO, 2016, p. 141)

Nessa perspectiva, todo texto é multimodal, as imagens e outros modos semióticos perpassam a produção de sentidos. Considerando o significado potencial das imagens, Kress e van Leeuwen postulam haver uma sintaxe específica da linguagem visual – denominada Gramática do Design Visual.

Dessa forma, o nosso entendimento sobre a natureza dos textos multimodais é embasada na ideia de que a comunicação e a representação são construídas por uma multiplicidade de modos que contribuem para geração de sentidos.

Portanto, um texto multimodal é um texto que se realiza por mais de uma modalidade semiótica em sua composição, seu significado é construído por mais de um código semiótico. Nesse sentido, as imagens fazem parte da composição e da construção de sentidos dos textos, não sendo meramente ilustrativas.

Por fim, Dionisio, Vasconcelos e Souza (2014), baseadas na definição de Carey Jewitt, apresentam três pressupostos teóricos subjacentes à Multimodalidade, sintetizados como: (i) múltiplos modos contribuem para a construção de significados na representação e na comunicação; (ii) para os modos gerirem sentidos os recursos semióticos precisam apresentar significados na vida prática social da comunidade; (iii) a multimodalidade pressupõe pessoas orquestrando o sentido por meio da escolha e da configuração dos modos, para os quais motivações e interesses das pessoas em contextos sociais específicos influenciam a produção de signos.

Como o nosso *corpus* é constituído por textos multimodais, consideramos importante dedicar uma seção específica a esse tema.

### **2.1.1 *Textos Multimodais***

Considerando Multimodalidade, conforme van Leeuwen (2005), como a combinação de diferentes modos semióticos num evento comunicativo; a linguagem, nessa perspectiva, sempre foi multimodal, como argumentam Kress e van Leeuwen:

Um texto falado nunca é apenas verbal, mas também visual, combinam-se gestos, expressões faciais, posturas e outras formas de auto apresentação, da mesma forma o é o texto escrito: há diferentes lugares [...], instrumentos [...], os tipos de letra e fontes etc. (KRESS e van LEEUWEN, 2006, p. 41)<sup>3</sup>

No entanto, os autores salientam que essa multimodalidade tem sido ignorada no âmbito educacional, linguístico e popular. Ferraz e Castro (2016) apontam

como os recursos multimodais tomam parte da composição do sentido do texto, a informação é transmitida por diferentes modos semióticos, regra da era do argumento visual. Sendo assim, não há mais como desconsiderar a multimodalidade para os estudos linguísticos e mesmo para a formação de docentes de língua, pois esses profissionais devem ser capazes de lidar com esse tipo de material, de maneira estruturada e consciente e não mais como apenas uma “complementação” em suas aulas [...] (FERRAZ e CASTRO, 2016, p.146)

De modo semelhante, dá/dava-se importância ao verbal e principalmente ao modo de realização escrita. Nos textos, que também são multimodais, por vezes, a modalidade escrita tem o destaque mesmo que haja outras modalidades e recursos semióticos. Todavia, o papel central da escrita tem mudado, o uso de outras modalidades ganha espaço e passam a interagir e coexistir na comunicação, cada uma apresentando valor e papel específico no processo de construção de sentido.

Dessa forma, Kress e van Leeuwen (2006), induzem a reflexão acerca do uso das imagens e do seu papel na comunicação, visto que a imagem deixou de ser ilustração ou somente representação da arte e passou a receber importância, ainda Ferraz e Castro (2016) acrescentam

Na atualidade, mais precisamente na pós-modernidade, toda produção linguística (discurso) é multimodal, o mundo contemporâneo nos força a viver cercados de imagem. Se a linguagem é produto da prática social e as imagens compõem sentido com o texto, as imagens, as fotografias e outros recursos imagéticos são materiais de pesquisa social, ajudam a entender certos processos sociais e sua influência na materialidade linguística (discurso). (FERRAZ e CASTRO, 2016, p. 143)

---

<sup>3</sup> “A spoken text is never just verbal, but also visual, combining with modes such as facial expression, gesture, posture and other forms of self-presentation, A written text, similarly, involves more than language: it is written on something, on some material (paper, wood, vellum, stone, metal, rock, etc.) and it is written with something (gold, ink, (en)gravings, dots of paint, etc.); with letters formed as types of font “ (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 41)

Os autores destacam a relevância do visual como grande influência mundial exercida pelos impérios culturais globais – propagandas, anúncios, estratégias de marketing -, além de ser percebida pelo vínculo ideológico a fatores políticos, o uso de propagandas e a produção de cartazes, por exemplo, nos governos ditatoriais carregavam fortemente intenções ideológicas. É nesse sentido, da imagem inserida e produzida em contextos sociais, históricos e culturais, que a Multimodalidade tem atuação.

No âmbito da análise do visual, na perspectiva da Gramática do Design Visual, os diversos elementos de um texto – imagem, som, cores – interagem a fim de produzir significados. O mesmo acontece em um texto visual e seus diferentes participantes, tanto pessoas, coisas, lugares representados na imagem, bem como os leitores do texto interagem de alguma maneira. Essa interação realizada em algum nível pode ser percebida no modo como o texto e todos os seus elementos estão estruturados.

Para a Teoria da Semiótica Social, a interação entre os múltiplos elementos presentes ou não na imagem podem ser analisados segundo algumas categorias, uma delas se refere à modalidade. De acordo com a conceituação de van Leeuwen (2005), modalidade é :

[...] a abordagem da semiótica social sobre questões de verdade. Relaciona-se com as questões de representação - fato *versus* ficção, realidade *versus* fantasia, real *versus* artificial, autêntico *versus* falso - e de interação social, pois a questão de verdade também é uma questão social - o que é considerado verdade num contexto pode não o ser em outro. (LEEUVEN, 2005, p. 160, tradução nossa)<sup>4</sup>

Para o autor, linguistas e semioticistas não estão preocupados com a questão de quanto algo é verdade ou não, mas como algo é representado como verdade, já que é possível representar algo que não existe como algo que existe e vice-versa.

Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico Funcional (LSF) de Halliday, Kress e van Leeuwen, estabeleceram noções sobre metafunções ideacional, interpessoal e textual originalmente propostas por Michael Halliday, os dois autores propuseram funções mais próximas da Análise visual, ainda referenciadas pela LSF, são elas:

---

<sup>4</sup> “‘Modality’ is the social semiotic approach to the question of truth. It relates both to issues of representation – fact versus fiction, reality versus fantasy, real versus artificial, authentic versus fake – and to questions of social interaction, because the question of truth is also a social question – what is regarded as true in one social context is not necessarily regarded as true in others, with all the consequences that brings.” (VAN LEEUVEN, 2005, p. 160)

- a) Representacional: refere-se à capacidade de representação de aspectos do mundo e suas relações. Realizadas por meio de estruturas *narrativas* e estruturas *conceituais*;
- b) Interativa: capacidade de se estabelecer relação social entre produtor, observador e elementos representados. Realizam-se através da *distância*, *do contato* (vetor do olhar), *da Modalidade* e da *Atitude* (ângulos da imagem);
- c) Composicional: capacidade de formar textos de acordo com o contexto de produção organizados de modo que permitam a construção de diferentes significados textuais. Realiza-se através de três categorias inter-relacionadas: *saliência*, *valor de informação* e *enquadramento (framing)*.

Krees e van Leeuwen (2006) propõem uma série de categorias analíticas que contribuem para análise da modalidade visual: referem-se aos graus de articulação: (a) do detalhe; (b) do pano de fundo; (c) da profundidade; (d) de luz e sombra e (e) de tom; e referem-se aos graus: (f) de saturação da cor; (g) de modulação da cor; e (h) de diferenciação da cor.

Discorreremos na próxima seção sobre a Representação dos Atores Sociais, outro vértice da análise inicialmente proposta para esta pesquisa.

## 2.2 Representação de Atores Sociais

Van Leeuwen (1997; 2008), ao propor uma perspectiva teórica para a análise da representação de atores sociais, objetiva refletir e discorrer a respeito dos modos como os atores sociais podem ser representados no discurso, no caso do autor, o discurso em língua inglesa, e sobre quais escolhas a língua nos apresenta para nos referirmos às pessoas. Nesse sentido, ele aponta: “as representações incluem ou excluem atores sociais para servir aos interesses e propósitos em relação aos leitores para quem (os produtores) se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 28)<sup>5</sup>

Antes de iniciar uma análise linguística, o teórico propõe-se a “esboçar um inventário sócio semântico dos modos pelos quais os actores sociais podem ser representados, e

---

<sup>5</sup> “Representations include or exclude social actors to suit their interests and purposes in relation to the readers for whom they are intended.”

estabelecer a relevância sociológica e críticas [...]“de algumas categorias (linguísticas.) (VAN LEEUWEN, 1997, p. 169)

Leeuwen contribuiu - além de estudos para o campo da Análise Críticas do Discurso – para a construção teórica metodológica da Multimodalidade e da Gramática do Design Visual juntamente com Gunther Kress. É nessa perspectiva multimodal do discurso percebido “não somente linguisticamente, mas também por meio de outros modos semióticos” (VAN LEEUWEN, 2008, p. viii) que van Leeuwen tece seu inventário sócio semântico. Essas categorias, conforme propõe o autor, deveriam ser vistas *a priori* como pan-semióticas, ou seja:

[...] uma dada cultura (ou um dado contexto de uma cultura) não só tem a sua própria e específica ordem de formas de representar o mundo social mas também as suas próprias formas de representar as diferentes semióticas nesta ordem, de determinar, com maior ou menor rigor, aquilo que pode ser realizado verbal e visualmente e aquilo que só pode realizar verbalmente, aquilo que só pode realizar visualmente, etc. (VAN LEEUWEN, 1997, p. 171)

Portanto, da mesma forma que são contextualmente e culturalmente marcadas, as diferentes formas de representar semioses estão sujeitas a mudanças, o que num dado momento histórico somente se representava verbalmente, poder-se-ia ampliar para a realização visual ou de outras maneiras.

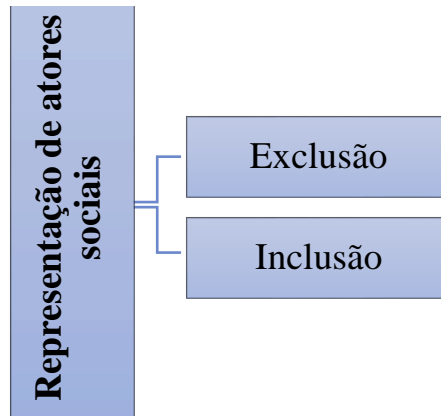
O caráter social do inventário refere-se ao fato de van Leeuwen focalizar em categorias sociológicas (nomeação, agência etc.) e não categorias linguísticas (nomeação, apagamento do agente da passiva etc.), bem como a preferência pelo conceito central “ator social” e não “grupo nominal”.

O estudo da representação de atores sociais insere-se num amplo campo de estudos empreendido pelo autor, no qual ele objetiva refletir e questionar como:

[...] as práticas sociais se transformam em discurso acerca dessas mesmas práticas sociais – e isto, que no sentido de que temos meios para o fazer quer no sentido de como é que nós, na realidade, o fazemos em contextos institucionais específicos que têm relações específicas com as práticas sociais e das quais produzem representações. [...]. (VAN LEEUWEN, 1997, p. 172)

Conforme Van Leeuwen (1997; 2008), a representação de atores sociais pode realizar-se por processos de exclusão e de inclusão.

Figura 3 - Representação de Atores Sociais

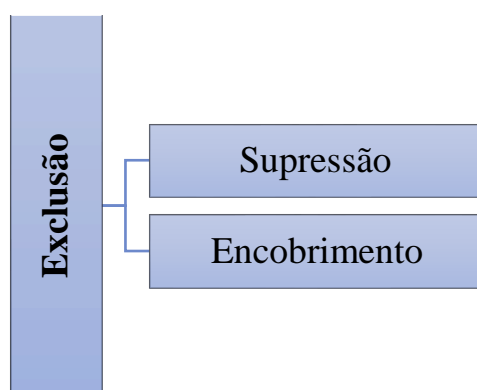


Fonte: Van Leeuwen (1997; 2008)

As representações excluem ou incluem atores sociais a serviço dos interesses e propósitos dos produtores dos textos. Segundo van Leeuwen (1997; 2008), as exclusões podem parecer “inocentes”, mas são organizadas de acordo com a construção específica de saberes, conhecimentos e afetos. Dessa maneira, em convergência com a ADC, o teórico evidencia que as escolhas não ocorrem de maneira aleatória e desconectada de questões sociais, pelo contrário, nas seleções são perpassadas por aspectos ideológicos, culturais, sociais.

Algumas exclusões não deixam marcas na representação, por não deixar marcas num único texto, a exclusão tão radical pode desempenhar seu papel numa comparação crítica de representações de uma mesma prática social. Por outro lado, há exclusões que deixam marcas, nos casos em que as atividades estão incluídas. Os vestígios efetivamente identificados apontam um movimento de inclusão e exclusão de parte dos atores sociais ou, em alguns casos, de todos eles. Cabe ao analista identificar as estratégias aplicadas, pois a exclusão pode ocorrer de duas maneiras: por Supressão, em que não há referência dos atores em nenhuma parte do texto; e por Encobrimento, colocação dos atores sociais em segundo plano.

Figura 4. Representação de Atores Sociais: Exclusão



Fonte: Van Leeuwen (1997; 2008)

Conforme van Leeuwen (1997), as duas realizações desempenham seu papel, porém em graus diferentes, entretanto, na redução das referências de atores sociais específicos tanto a exclusão como encobrimento secundarizam os atores sociais. O Encobrimento ocorre pelo recurso da elipse, a exclusão pode se realizar por cinco processos:

- a. Apagamento do agente da passiva;
- b. Orações infinitivas que funcionar como participantes gramaticais;
- c. Apagamento dos beneficiários de uma ação;
- d. Nominalização e nomes de processos; e
- e. Utilização de adjetivos.

Para o processo de inclusão há 9 processos, a saber:

1. Distribuição de papéis;
2. Gericização e Especificação;
3. Assimilação;
4. Associação e Dissociação;
5. Indeterminação e Diferenciação;
6. Nomeação e Categorização;
7. Funcionalização e Identificação;
8. Personalização e Impersonalização; e
9. Sobredeterminação.

A Distribuição de papéis ocorre quando papéis são atribuídos aos atores para serem desempenhados em representações, desempenhando agente (ator) ou paciente (finalidade). As

representações podem dotar os atores com papéis ativos ou com papéis passivos. Assim, pode ocorrer por processo de:

- a. Ativação e
- b. Passivação.

Na ativação os atores são representados como forças ativas e dinâmicas, já a passivação os atores são representados como se submetendo à ação. As formas de representação tanto ativas como passivas podem ocorrer através de papéis gramaticais participantes, van Leeuwen utiliza-se das categorias estruturais de transitividade da Gramática sistêmica Funcional (Halliday), através do uso de substantivos processuais, de normalização, nesse caso, o uso de preposições é essencial, pois agrega novos processos – circunstancialização, possessivação.

Ressalto, conforme van Leeuwen (1997) que o modo como o ator social é representado seja como (agente) ator seja como paciente (finalidade) é importante, pois não é necessário haver congruência entre os papéis desempenhados pelos atores em práticas sociais e a atribuição dos papéis gramaticais em textos. As representações podem redistribuir papéis e organizar as relações sociais entre os participantes.

Os atores sociais podem ser representados como classe ou como indivíduos específicos e identificáveis, isso se deve à escolha de referência genérica ou específica, gerando, assim, os processos de **Genericização** e **Especificação**. A primeira pode realizar-se pelo plural sem artigo, pelo singular com artigo definido ou indefinido e pelo tempo verbal, o presente, por exemplo, expressa ações habituais ou universais. A última realiza-se por numerativos.

Os atores sociais também podem ser representados como indivíduos – processo nomeado *de individualização* – e podem ser representados como grupos – processo chamado de **assimilação**. A assimilação pode ser a) por agregação - processo pelo qual quantifica grupos, apresentando-os como dados estatísticos – pode realizar-se ou através da presença de quantificadores definidos ou indefinidos e b) por coletivização, podendo ser realizada por substantivos contáveis ou que denotem grupos de pessoas. Em oposição à individualização que expressa singularidade, a assimilação expressa pluralidade.

Outro modo de representar atores sociais como grupos é a **Associação**, processo pelo qual grupos tanto formados por atores como grupo de atores são representados genérica ou especificamente, porém sem serem classificados nos textos. Sua realização pode ocorrer pelo uso de pronomes possessivos ou por orações possessivas com o verbo “ter” e “pertencer” que podem fazer associações sem classificarem os grupos. A associação pode fazer-se e desfazer-



se no fluxo do texto, ou seja, ora “agrupando” os atores ora separando-os – processo denominado **Dissociação**.

Quando os atores são representados como indivíduos ou como grupo não especificado ou “anônimo”, há o processo de **Indeterminação**, realizado pelo uso de pronomes indefinidos como “alguém, alguma pessoa etc.” em função nominal e pelo uso de expressões “alguns dizem”, “muitos acreditam”. Em contraste, a Determinação específica, de alguma maneira, a identidade do(s) atores sociais ou do grupo de atores. Quando atores sociais individuais ou grupos de atores são diferenciados explicitamente de outro grupo ou ator semelhante, há a **Diferenciação**, nesse caso há o realce do “nós” e “os outros”, do “eu” e “eles”.

Os atores sociais podem ser representados a) em termos de sua identidade única – processo denominado **Nomeação** – e b) em termos de funções que partilham com os outros – processo de **Categorização**. A nomeação realiza-se pelo uso de nomes próprios e pode ser titulada com o uso de termos que referem-se a cargos, a títulos padrão, termos de relações pessoais e de relação de parentesco.

A Categorização ocorre de duas formas – **Funcionalização e Identificação** – tais formas são classificadas como tipos de categorização e como categorias de representação de atores sociais, por isso, van Leeuwen (1997; 2008) as apresenta separadamente e não como subtópicos da categorização. A funcionalização ocorre quando os atores sociais são referidos em termos de uma atividade, de algo que fazem, como ocupação ou função.

Na identificação, os atores são definidos em termos daquilo que “são” numa determinada sociedade, é dividida em 3 tipos, a saber: classificação, identificação relacional e identificação física. O primeiro refere-se a forma pela qual uma dada sociedade ou instituição diferencia as pessoas – por idade, sexo, origem, classe social, riqueza, raça, etnia, religião, orientação sexual etc. – é evidente que tais categorias variam conforme a história, a cultura. O segundo tipo identifica os atores sociais em termos de relação pessoal, de parentesco e trabalho. A identificação física representa os atores sociais em termos de categorias física, com o uso de substantivos que denotem características físicas ou adjetivos, nesse processo, pode ocorrer a exaltação das características físicas do ator social.

Os atores sociais nos processos até aqui mencionados são personalizados, ou seja, apresentam características humanas, seja por meio de nomes próprios, seja pelo uso de pronomes pessoais ou possessivos, nesses casos, há o processo de **Personalização**. Entretanto, os atores sociais podem também ser representados por outros meio: por meio de substantivos abstratos ou por substantivos concretos cujos significados não apresentem características humanas podem sofrer o processo de **Impersonalização**, em outras palavras,

os atores sociais são representados como características não humanas. Podendo ocorrer por abstração, no qual os atores sociais são representados por meio de uma qualidade atribuída pela representação, como pobre, negro, não qualificado.

A impersonalização pode ocorrer também por objetivação, processo pelo qual os atores sociais são referenciados a um local ou associados a pessoas ou atividades a que estão ligados.

Segundo van Leeuwen (1997; 2008), há tipos de objetivação, pode ocorrer:

- a) Espacialização: forma no qual os atores sociais são representados por meio de referência a local ao qual estão associados;
- b) Autonomização do enunciado: referências aos enunciados dos atores sociais como meio de representa-los;
- c) Instrumentalização: um instrumento com o qual os atores sociais empreendem uma atividade a que estão ligadas são usados para referenciá-los;
- d) Somatização: a representação dos atores sociais se dá através de referências a uma parte de seu corpo.

Os atores sociais podem também ser representados como se estivessem, simultaneamente, realizando mais de uma prática social, esse processo é denominado **Sobredeterminação**. Van Leeuwen (1997; 2008) distingue 4 tipos de sobredeterminação, a saber:

- a) Inversão: processo pelo qual os atores sociais são representados conectados a duas práticas opostas. Há dois tipos: (i) o anacronismo, representação na qual, por exemplo, atores sociais de um determinado momento histórico desempenham práticas de um outro momento histórico e (ii) o desvio, processo pelo qual atores sociais são representados desempenhando atividade que não estariam qualificados, por exemplo, animais realizando atividades humanas;
- b) Simbolização: os atores ou grupo de atores sociais fictícios representam atores ou grupos em práticas reais;
- c) Conotação: ocorre quando uma única nomeação ou identificação física – determinação – corresponde a uma classificação ou funcionalização;
- d) Destilação: é a combinação da generalização com a abstração, conecta atores sociais a várias práticas sociais, abstraindo as características dos atores envolvidos nestas práticas.

Conforme van Leeuwen (1997; 2008) os processos de representação podem ser simultâneos, não sendo classificações rígidas e estanques, “as fronteiras podem ser deliberadamente tênues, com o intuito de alcançar efeitos representacionais específicos” e os

atores sociais, podem ser classificados, por exemplo, tanto classificados como funcionalizados.

No sistema de representação proposto por van Leeuwen, as categorias pertencem a uma rede de sistemas linguísticos diversos que englobam tanto nível léxico-gramatical como discursivo. Nessa rede, pode haver transformações que se realizam através dos processos de apagamento, de reestruturação e da substituição dos atores sociais.

Na seção seguinte, dedicamo-nos à revisão da literatura sobre a Análise de Discurso Crítica, um dos arcabouços teóricos desta pesquisa.

### **2.3 Análise de Discurso Crítica**

Tanto a multimodalidade como a Análise do Discurso Crítica consideram a relação interna e dialética entre discurso e estrutura social, da mesma forma, entre linguagem e sociedade, assim sendo, aspectos referentes ao social também se referem ao discurso. Diante desse pressuposto, Fairclough (2008) trata discurso como prática social e não, em comparação a linguística de Saussure, como uma atividade meramente individual.

Para Fairclough (2008), considerar discurso como prática social terá duas implicações principais: a primeira é tanto considerar o discurso como um modo de ação - uma forma de agir sobre o mundo e sobre os outros - como considerar o discurso modo de representação; a segunda é, perante essa relação dialética, que estrutura social é tanto uma condição como efeito da prática social, o discurso, assim, é moldado e restringido pelo estrutura social. Portanto, “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91).

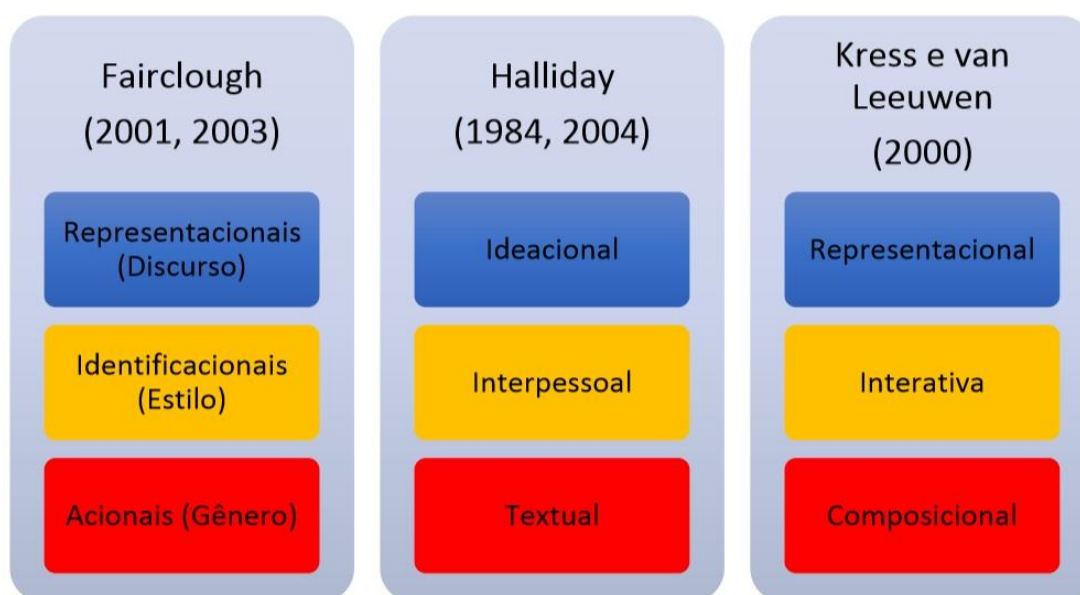
Referente a tal concepção de discurso como prática social e da relação dialética entre discurso e estrutura social, Fairclough (2008) caracteriza três efeitos construtivos do discurso: a construção de “identidade sociais”, de relações sociais entre as pessoas e a construção de sistemas de conhecimento e crenças:

Esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso – o que denominarei as funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ideacional. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 92)

A função identitária refere-se a maneiras de se identificar, ao modo como se estabelece as identidades sociais no discurso. A função relacional refere-se à interação discursiva, à representação e negociação das relações sociais entre os participantes do discurso. E a função ideacional relaciona-se aos modos de significar, representar o mundo e seus processos. Fairclough (2008) afirma ser possível acrescentar a essa lista de funções a função ‘textual’ – baseada nas categorias de Halliday – a qual diz respeito à organização do texto, ao modo como as informações são trazidas ao primeiro plano ou deixadas num plano secundário, são apresentadas como novas ou dadas e como parte de textos se ligam a determinadas partes e a situações sociais.

A Análise de Discurso Crítica bem como a Gramática do Design Visual dialogam com a Gramática Sistemática Funcional preconizada por Halliday e estabelecem relações teóricas e metodológicas. Em um quadro comparativo produzido por Campêlo, Santos e Ferraz (2018), é possível visualizar a proximidade das teorias:

Figura 5 – Interconexões teóricas - Halliday, Fairclough, Kress e van Leeuwen



Fonte: CAMPÊLO, SANTOS e FERRAZ, 2018

Convém salientar que Fairclough articulou a proposta das macrofunções aos conceitos de discurso, gênero e estilo, ampliando as funções da linguagem conforme apresentado no quadro acima. Entretanto, para a esta pesquisa, utilizamos Fairclough (2008) em *Discurso e*

*Mudança Social*. Nesse livro, Fairclough (2008) atribui a concepção tridimensional do discurso – como prática textual, prática discursiva e prática social.

Fairclough (2008) refere-se não somente ao discurso como constitutivo das representações de mundo, das relações sociais, mas à contribuição para a manutenção e transformação feitas no e pelo discurso. Enquanto parte da prática social, o discurso perpassa pessoas, constituindo-nas em relação às crenças, aos valores, às culturas, às histórias, às relações sociais, que envolvem poder e hegemonia para a manutenção e transformação das práticas discursivas.

A prática discursiva constitui-se de processos de produção, distribuição e consumo dos textos, segundo fatores sociais, a natureza desses processos difere em tipos de discurso. De acordo com contextos diferentes, os textos podem ser consumidos individual e coletivamente; pode ser lido, relido e preservado ou pode servir somente ao momento da prática social e ser esquecido; os textos podem ser transformados em outros textos e os participantes podem ter acesso a diferentes formas de texto de um mesmo texto.

Conforme fatores sociais, os textos podem ter distribuição simples, como uma conversa informal pertencente ao contexto imediato de situação em que ocorre, complexa, textos produzidos, por exemplo, por agentes governamentais são distribuídos em diferentes domínios, com diferentes formas de reprodução e de consumo.

Da mesma forma, os textos são produzidos de maneiras particulares em contextos específicos, de acordo com condições coletivas ou individuais de consumo, de produção e de distribuição. A natureza dessas condições está relacionada a dimensões sócio-cognitivas, nos termos de Fairclough (2008), na produção e interpretação dos textos, inter-relacionam-se o texto e os recursos dos membros, conhecimentos dos participantes do discurso ativados no processamento textual. Dessa maneira, a produção e a interpretação textual são socialmente restringidas, por um lado, pela carga de conhecimento de seus membros, por outro lado, pela natureza específica da prática social pertencente.

Passamos na subseção a tratar sobre os Estudos Feministas e de Gênero.

### ***2.3.1 Estudos Feministas e de Gênero***

Como constitutivo sócio historicamente em práticas sociais situadas, o discurso é atravessado por relações de poder e por ideologias que perpassam a vida em diferentes esferas do mundo social. Questões relativas de gênero social destacam-se nas diferentes sociedades como também nos estudos das ciências sociais e nos estudos referentes ao discurso.

Como campo de investigação reconhecido, os estudos de gênero e discurso surgem na década de 1970 e desde então alcançou reconhecimento não somente como um campo de investigação maduro, mas também como campo que tem avançando cada vez mais. Esse reconhecimento e avanço relacionam-se aos momentos históricos e sociais nas sociedades, destaca-se a nova onda de Movimento das Mulheres que estimulou interesses pelas relações de gênero e linguagem entre os investigadores de todo o mundo. (WEST, LAZAR e KRAMARAE, 2000)

O Movimento das Mulheres também contribuiu para que os investigadores compreendessem que “a maioria dos estudos do discurso (por exemplo, as gramáticas textuais, a semântica da coerência e a psicologia do processamento do texto) não abordavam, em absoluto, a questão de gênero” (WEST, LAZAR e KRAMARAE, 2000, p. 179, tradução nossa)<sup>6</sup>.

É nesse contexto que a Análise de Discurso Crítica insere-se como um dos campos que tem ampliado pesquisas e atuações referentes aos estudos de gênero, discurso, poder e ideologia, dessa maneira, essas questões assumem formas cada vez mais complexas e, por isso mesmo, é importante que sejam pontos imprescindíveis para reflexão.

Lazar (2007) realça a intersecção entre a Análise de Discurso Crítica e uma perspectiva Feminista crítica, pois ambas atentam-se a contextos de relações de poder desiguais pelos quais o discurso não somente atravessa, mas contribui para sua construção, manutenção, para o questionamento e a transformação de ordens sociais.

Outro aspecto de inter-relação entre os Estudos Feministas e de gênero e a ADC refere-se às concepções a respeito de sexo e gênero como socialmente constitutivas, no qual ser do sexo “feminino” ou “masculino”, ou ser “mulher/homem” perpassa por aspectos sociais, históricos, culturais, em que figuram ideologias, relações de poder pautadas em reproduções patriarcais de mundo.

Vieira (2018) argumenta a favor da interrelação entre Estudos Feministas, Análise de Discurso Crítica e perspectiva Decolonial, incorporando a Teoria Decolonial e as temáticas de gênero e sexualidade aos estudos críticos do discurso. Numa perspectiva similar a da ADC, que considera a linguagem como constitutiva e constituída de outros momentos da vida social – relações sociais, pessoas, saberes e crenças etc. – a Teoria Decolonial afirma que,

---

<sup>6</sup>. “También los llevó a comprender que la mayoría de los estudios del discurso (por ejemplo, las gramáticas textuales, la semántica de la coherencia y la psicología del procesamiento del texto) no habían abordado en absoluto la cuestión del género.” (WEST, LAZAR e KRAMARAE, 2000)

a linguagem constitui-se socialmente e constitui o social, sendo, assim, parcialmente constitutiva das ações e relações sociais, das (auto)identidades, dos sistemas de normas, valores, conhecimento e crença e do mundo material (VIEIRA, 2018, p. 3)

Dessa forma, as teorias apresentam pontos de encontro sobre o qual se destaca a concepção de linguagem que, materializada no discurso, implica relações desiguais de gênero, ao mesmo tempo que contribui para a constituição e manutenção das maneiras de agir e interagir, de representar e de identificar a si e aos outros na vida social, ao mesmo tempo.

Convergem, assim, estudos feministas e de gênero, Análise de Discurso Crítica e Teoria Decolonial para que seja possível a contribuição e construção para “crítica e para a decolonização das formas hegemônicas eurocentradas de poder, de ser, de viver, de pensar, de se relacionar, de fazer ciência [...]” (VIEIRA, 2018, p. 3-4)

A ADC, como transdisciplinar, amplia os modos teórico-metodológicos de fazer ciência e de construir conhecimento ao dialogar com estudos feministas e decoloniais. Entretanto, salienta Viera (2018),

Trazer a Linguística e os Estudos críticos do discurso para o pensamento Decolonial demanda todo um trabalho de reflexão epistemológica, teórico-metodológica, ontológica, mas também política, que já tem se mostrado difícil não só pela necessidade de rever o paradigma científico europeu, herdeiro do positivismo racional patriarcal, mas também pela dificuldade política enfrentada nos próprios limites da academia eurocentradas, reprodutora dos saberes e dos modos de fazer científicos do colonizador. (VIEIRA, 2018, p. 4)

Essa interrelação pode não se constituir caminho fácil dado o paradigma eurocêntrico prevalecente na constituição das disciplinas, bem como no modo de fazer ciência demarcados na academia. Dessa forma, estabelecer diálogos entre teorias constitui-se também trabalho político, visto que perpassa relações de poder-saber em epistemologias e modos de construir conhecimento.

A respeito das formas e maneiras de tecer reflexões e fazer ciência vinculados ao decolonial, Bonfim (2009) sugere que

[...] a condição de escravizada ou subalternizada a que a mulher negra esteve submetida nos últimos séculos da história brasileira, num contexto social misógino e de estigmatização racial, sobrepõe-se à memória histórica da mulher como protagonista nas sociedades africanas tradicionais. A vivência dessas duas condições forja o conflituoso dilema do contínuo refazer da identidade da mulher negra brasileira. (BONFIM, 2009, p. 219-220)

A afirmação de Bonfim conduz a reflexões e inferências a respeito de como as construções discursivas que a ciência (re) produz podem servir como reprodutoras de discursos misóginos, patriarcas, racistas, e por isso mesmo, podem contribuir para a sobreposição e anulação de modos de ver, viver e experienciar o mundo.

Dentro dos estudos críticos de discurso e dos estudos culturais, os estudos e as teorizações feministas fizeram emergir as discussões a respeito da questão de gênero como parte da produção de desigualdades. Quanto aos Estudos Feministas, o conceito de gênero não é “pedra lapidada”, durante muitos anos, seu estudo dava-se nas oposições binárias de sexo e gênero, atribuindo ao gênero a perspectiva social/cultural e ao sexo a perspectiva biológica e, portanto, natural, tal perspectiva se coaduna com uma visão naturalizada das construções de sexo como estável.

E assim, as identidades feminina e masculina eram biologicamente definidas como fixas, essenciais, entretanto, Louro (2016) acrescenta que “é possível, no entanto, subverter essa lógica (sexo = natureza e gênero = cultura), se pensarmos que o sexo é, também, um constructo cultural.” (LOURO, 2016, p. 69)

É nessa perspectiva que Judith Butler (2003) contribui consideravelmente ao propor a desconstrução do binário sexo e gênero, a teórica *queer* afirma ser tanto o sexo como o gênero construções sociais. Por um viés discursivo, Butler assevera a não pré-discursividade da concepção sexo, esta como o gênero também se constrói discursivamente e sócio culturalmente, as identidades sexuais, tal como a de gênero, é dependente da significação que lhe é atribuída.

No próximo capítulo, nos dedicaremos à Metodologia.



### 3 METODOLOGIA

Este capítulo destina-se à apresentação da linha metodológica que orienta o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, na seção 4.1, discorreremos a respeito da pesquisa qualitativa, segundo a qual nos orientamos. Na próxima seção, expomos o processo de geração de dados para a formação do *corpus*. Na seção 4.3, descrevemos as categorias analíticas adotadas para a análise dos textos selecionados.

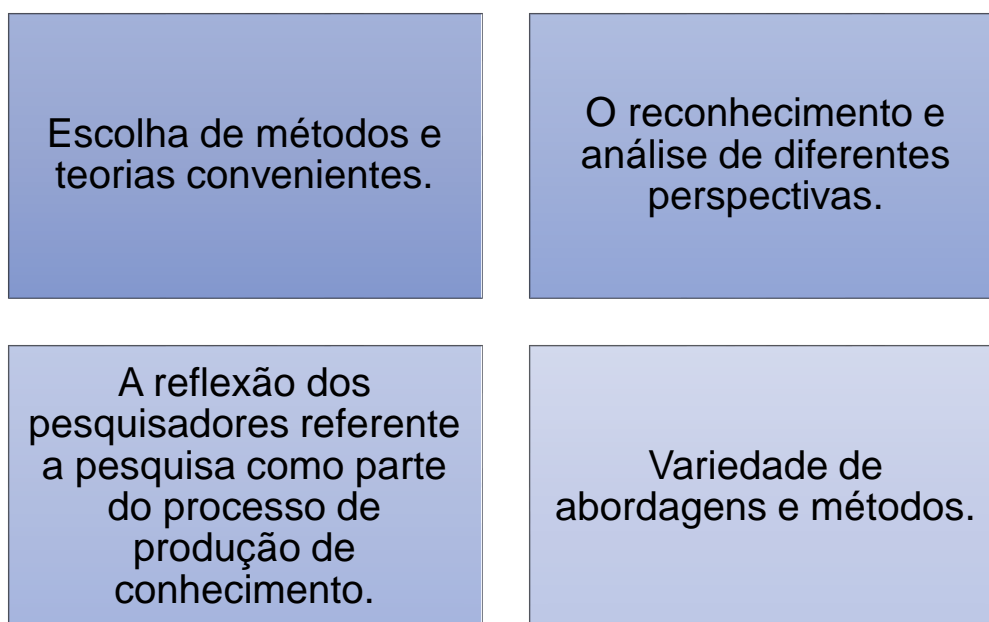
#### 3.1 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa terá orientação qualitativa, na qual buscamos a interpretação, a análise e a reinterpretação dos dados. Conforme Flick (2009), com a mudança social acelerada e a diversificação das esferas da vida social, novas demandas, contextos e perspectivas sociais surgem no panorama de estudo dos pesquisadores que, por vez, deparam-se com metodologias tradicionais obsoletas que não suprem mais o novo contexto de pesquisa.

É nesse panorama de mudança social, no qual a escrita tem deixado de ser a modalidade primordial das práticas sociais e tem passado a interagir e compartilhar, cada vez mais, espaço com outras modalidades, que a modalidade visual é reconhecida e valorizada perante a hegemonia monomodal da escrita. Nesse sentido, teorias e metodologias específicas para o estudo do visual e de outras modalidades são desenvolvidas a fim de suprir as novas demandas do panorama social atual.

No que se refere à pesquisa qualitativa, há quem a defina pelo caráter transdisciplinar e com multimétodos; por outro lado, há a definição segundo a oposição à pesquisa quantitativa. Quanto à última definição, para Flick (2009), a orientação da pesquisa qualitativa difere da pesquisa quantitativa em 4 aspectos, os quais, para o autor, são aspectos inerentes à pesquisa qualitativa:

Figura 6 - Aspectos essenciais da pesquisa qualitativa



Fonte: FLICK (2006)

Quanto ao primeiro aspecto diferencial, destaca-se que, na pesquisa qualitativa, a escolha do método é determinada de acordo com o objeto em estudo, e não o contrário. Os objetos em estudo, conforme Flick (2009), são representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos e, portanto, os campos de estudo não são situações artificiais, mas práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana.

Essa importância contextual e de práticas coaduna-se com a Análise de Discurso Crítica como empreendimento interdisciplinar, nos termos de Fairclough (2008), da qual decorre da concepção de discurso envolvendo o interesse nas propriedades dos textos, na produção, na distribuição e no consumo dos textos, na prática social em várias instituições, no relacionamento da prática social com as relações de poder e nos projetos hegemônicos no nível social. Nesse sentido, “[...] formas particulares de prática social e suas relações com a estrutura social[...]” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 276) contribuem para definir a pesquisa.

A reflexividade do pesquisador é outro aspecto diferencial de destaque, de acordo com Flick (2009, p. 25) “[...] os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo.” Portanto, diferentemente da pesquisa quantitativa, a subjetividade do pesquisador é parte do processo de pesquisa. No sentido que

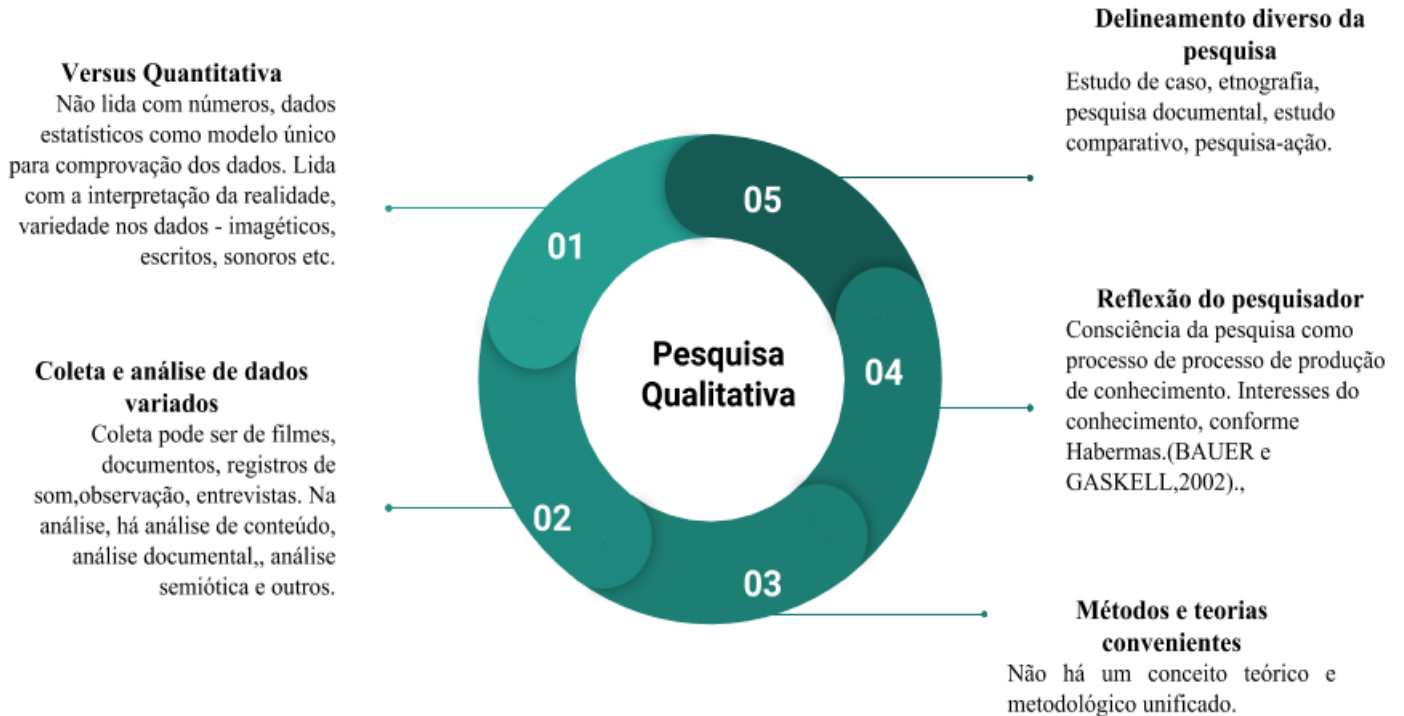
reflexões sobre as próprias atitudes e observações em campo, as impressões, irritações, sentimentos etc. podem até tornar-se dados de pesquisa quando documentados em diários, notas de campo etc.

Por outra perspectiva, mas não distinta, Chizzotti (2003) ressalta argumentos que corroboram a primeira definição, amplitude e a diversidade de tendência são características apresentadas para a designação qualitativa, diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direções de pesquisa sob o abrigo qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa - entrevista, estudo de caso, análise do discurso, observação participante etc. E, por sua vez, utilizam os mais variados recursos - diferentes semioses e gêneros - que permitem apresentar de forma inovadora os resultados de investigações, criando um excitante universo de possibilidades.

Além disso, pesquisadores das mais diversas áreas defendem a inclusão de outros tipos de fonte e de geração de dados para a pesquisa qualitativa e evidenciam o benefício da integração de diversos tipos de fonte - que não somente a escrita. Banks (2009) ao argumentar sobre a importância da pesquisa com fontes visuais, aponta duas razões para que se incorpore a análise de imagens a, uma pesquisa. A primeira se refere ao caráter onipresente das imagens que circulam em diferentes áreas e contextos da sociedade e, portanto, exames de representação visual podem adentrar, em algum nível, nos estudos da sociedade. A segunda razão está na capacidade de algum conhecimento que não é acessível por nenhum outro meio ser revelado pelo estudo da imagem, ou seja, pela análise visual pode-se tornar perceptível conhecimentos e dados não reconhecíveis em outras metodologias.

A pesquisa qualitativa, portanto, pode ser sintetizada segundo um conjunto de aspectos apresentados na Figura 7:.

Figura 7 - Características Pesquisa Qualitativa



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bauer e Gaskell (2002), Chizzotti (2003), Banks (2009), Flick (2009).

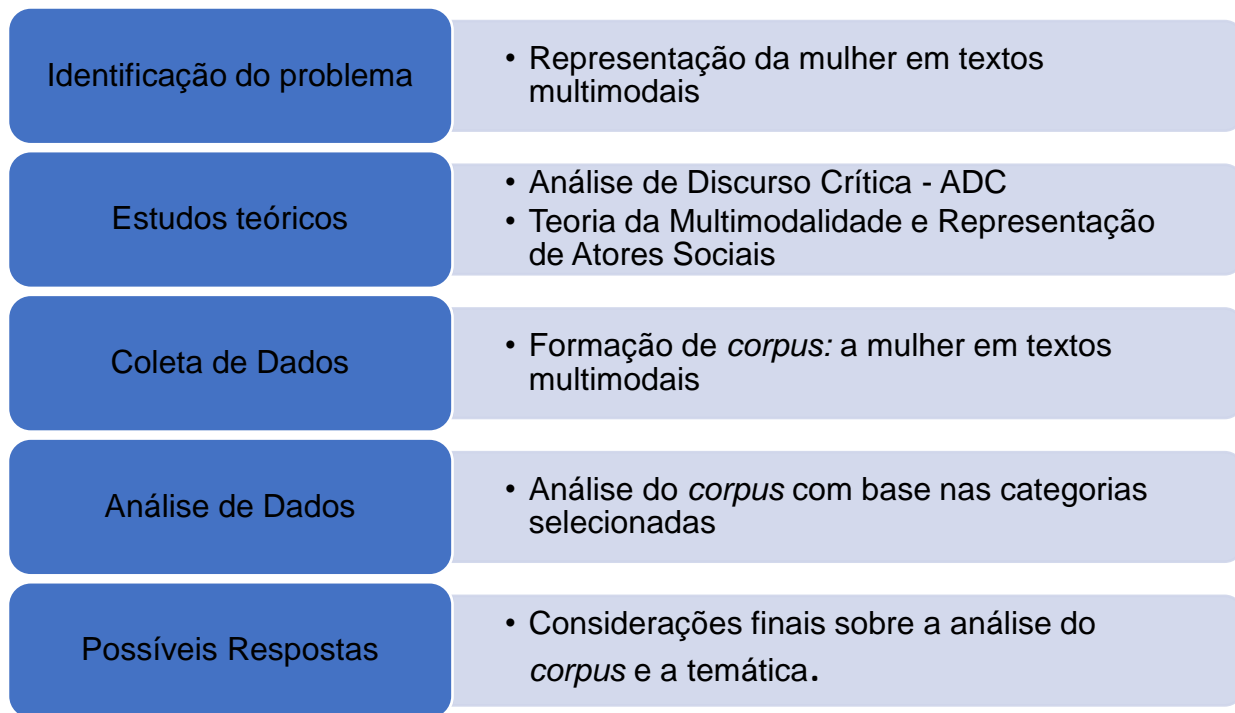
Desse modo, a Teoria da Multimodalidade e a da Semiótica Social, proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) e a Análise do Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2008) em Discurso e Mudança social, são teorias que contribuem como referencial teórico e metodológico.

Em termos da Análise de Discurso Crítica, Ferraz (2011) nos contempla com a seguinte explicação:

[...] a própria natureza da Análise de Discurso Crítica (ADC) pede um recorte qualitativo. A ADC definida por Fairclough (2001) como sendo um empreendimento interdisciplinar, que decorre da concepção de discurso que o autor vem defendendo, e que envolve um interesse nas propriedades, na produção, na distribuição e no consumo dos textos, nos processos sociocognitivos de produção e de interpretação dos textos, na prática social em várias instituições, no relacionamento da prática social com as relações de poder e nos projetos hegemônicos no nível social. Essas facetas do discurso coincidem com os interesses de várias ciências sociais e humanistas, incluindo a linguística, a psicologia e a psicologia social, a sociologia, a história e a ciência política. Dessa forma, a ADC é, ao mesmo tempo, teoria e método [...] (FERRAZ, 2011, p. 31)

Quanto às etapas metodológicas, seguimos as fases propostas por Ferraz (2011):

Figura 8 - Etapas metodológicas da Pesquisa Qualitativa



Fonte: Ferraz (2011)

Com respeito à execução da proposta, delimitados o objeto e o tema a serem analisados e estudados: a representação das mulheres em textos multimodais presentes em Livros Didáticos de Português Brasileiro como Língua Adicional, considerando a assertiva de que todo texto é multimodal e, portanto, em toda sua composição, abarca diversas semioses para a construção dos sentidos, os quais, partilham conhecimentos, significações, valores, crenças e representações. Dedicamo-nos à segunda etapa, quanto à perspectiva teórica de análise desta Dissertação – Análise de Discurso Crítica e da Teoria da Semiótica Social / da Multimodalidade – bem como realizar estudo teórico e bibliográfico no que diz respeito às questões de gênero.

A terceira etapa, refere-se à coleta de dados e a formação do *corpus* do estudo, os textos multimodais são compostos duas modalidades majoritárias: imagem e texto escrito. Com temática referente às mulheres no trabalho, nas atividades diárias, na família e nos aspectos culturais. Inicialmente, o levantamento de LD utilizados em escolas de Português para estrangeiros na cidade de Brasília levou-nos a identificar os seguintes livros didáticos:

Figura 9 – Livros Seleccionados



Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à quarta etapa, análise de dados, faremos o uso da Teoria em termos de proposta metodológica, pois a combinação dos estudos teóricos seleccionados nos proporcionou um arcabouço completo que atende nossas demandas teórico-metodológicas. O próximo passo será, por último, a apresentação da proposta/ resposta às questões apontadas nesta pesquisa, as quais visam a uma elucidação sobre os LD de PBLA, no que tange a representação do feminino. Na seção seguinte apresentamos os critérios para a formação do *corpus*.

### 3.2 *Corpus*

Para a formação do *Corpus* de pesquisa foi feito um levantamento de diversos livros didáticos hoje utilizados. Atuo como professora de português brasileiro para estrangeiros há 4 anos, tendo experiência no ensino individual e em contexto de grupos promovidos por núcleos privado ou vinculado à Universidade. O livro didático, nesses contextos, é um meio de promover o contato dos aprendizes com a língua e cultura, além disso, é também fonte para produção de outros materiais, tanto de instituições de ensino quanto de professores/as que desejam produzir seu próprio material.

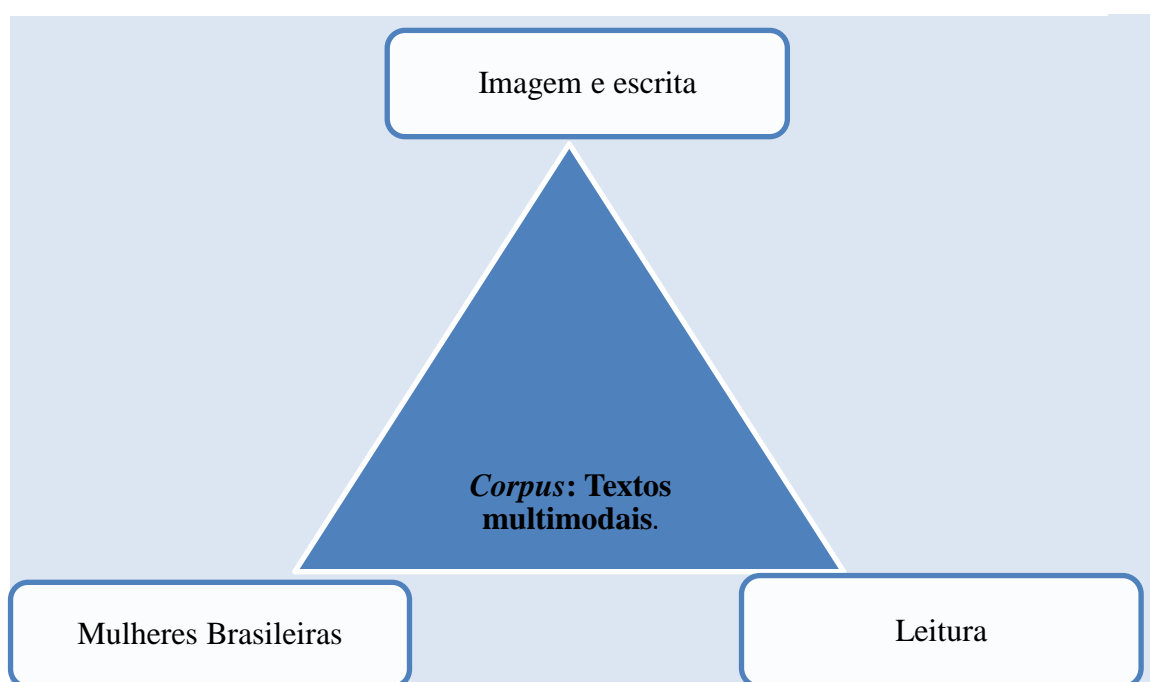
Foram seleccionados livros didáticos de PBLA circulantes em escolas de Português para Estrangeiros na cidade de Brasília.

A geração de dados seguiu os critérios:

- I. Levantamento inicial de Livros Didáticos de PBLA adotados em escolas em cursos para Estrangeiros em Brasília.
- II. Seleção de textos multimodais com temática relacionada às mulheres brasileiras e usados em seções destinadas à compreensão escrita, assim denominada na área do ensino de línguas e mais conhecida como leitura. que apresentavam as mulheres em cada livro. Não houve preocupação quanto ao gênero discursivo de cada texto.
- III. Escolha dos textos. Consideramos o critério da composição multimodal como fator de seleção, no caso, a bimodalidade – imagética e escrita – foi um fator da escolha, pois a imagem no ambiente de ensino de LA é bastante relevante na representação de aspectos culturais e a escrita é a modalidade em fase de aquisição por parte dos aprendizes que não dominam o código da língua-alvo.

Como dito anteriormente, o recorte para a escolha dos textos multimodais a serem analisados passou por três critérios: textos compostos por imagem e escrita; textos localizados em seções destinados à leitura; e textos que tenham a mulher brasileira como tema central. A triangulação de *corpus* pode ser apresentada da seguinte maneira:

Figura 10 – Triangulação de *corpus*.



Fonte: elaborado pela autora.

Destacamos que no levantamento realizado, há temas e assuntos nas quais há total ou parcial inexpressividade da figura feminina, ou seja, nos textos vinculados ao meio-ambiente, ao turismo e à tecnologia, por exemplo, constatamos baixa frequência ou mesmo a ausência de referência à mulher brasileira.

Inicialmente, 124 textos foram separados englobando as diversas habilidades, produção e compreensão escrita, produção e compreensão oral, mas posteriormente verificamos que a base das atividades é sempre um texto multimodal que, basicamente, deve ser lido, o que nos levou a entender o recorte das seções de leitura como um critério para a composição do *corpus*. Ao triangular os três critérios de seleção dos dados, foi possível convergir a uma amostra significativa e que nos fornece condições de análise discursiva, linguística e multimodal, propiciando, assim, um tratamento adequado ao que nos propomos fazer.

A seguir, podemos ver o quadro 1, no qual apresentamos os livros dos quais selecionamos os textos para a análise.

Quadro 1 - Livros Selecionados para a pesquisa

<b>Livros</b>
<p><b>Panorama Brasil: ensino do Português do Mundo dos Negócios.</b> Volume Único. Editora Galpão, 2006; Autoras: Harumi Ponce; Silvia Burim; Susanna Florissi.</p>
<p><b>Novo Avenida Brasil</b> – Volumes 1,2 e 3. Editora Pedagógica e Universitária – EPU, 2008; Autores: Emma Lima; Lutz Rohrmann; Tokiko Ishihara; Samira Iunes; Cristián Bergweiler</p>
<p><b>Muito Prazer: fale o português do Brasil</b> . Disal Editora, 2008 Autoras: Glaucia R. Fernandes; Telma Ferreira e Vera Lúcia Ramos.</p>
<p><b>Bons Negócios: português do Brasil para o mundo trabalho.</b> Primeira Edição. Disal Editora. 2013. Autoras: Denise Santos e Gláucia V. Silva</p>
<p><b>Falar...Ler...Escrever...português:</b> um curso para estrangeiros. Editora Pedagógica e Universitária – EPU. 2018. Autoras: Emma E. Lima; Samira Iunes.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.



Quanto aos textos selecionados:

Quadro 2 - Textos selecionados para a pesquisa

<b>Textos selecionados</b>
<p><b>Livro</b> Panorama Brasil: ensino do Português do Mundo dos Negócios.            Texto I: “ <b>Uma mulher no Comando dos Criadores de Nelore</b>”            Texto II: “ <b>Magic Paula: a magia feminina no Esporte</b>”</p>
<p><b>Livro</b> Coleção Novo Avenida Brasil – Volume I e II            Texto I: “<b>O dia-dia de duas brasileiras</b>”            Texto II: “<b>A vida da mulher antigamente era melhor?</b>”            Texto III: “<b>A mulher no mercado de Trabalho</b>”</p>
<p><b>Livro</b> Muito Prazer: fale o português do Brasil.            Texto I: “ <b>Minha rotina</b>”</p>
<p><b>Livro</b> Bons Negócios: português do Brasil para o mundo trabalho.            Texto I: “ <b>Diversidade no Topo</b>”</p>
<p><b>Livro</b> Falar...Ler...Escrever.... português: um curso para estrangeiros.            Texto I: “ <b>Para você que vai se casar</b>”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Destacamos que a habilidade de leitura, apesar de estar presente em praticamente todas as seções, não configura a habilidade a ser trabalhada, ou seja, nesse escopo, os LD são organizados e divididos entre as outras habilidades, como compreensão e produção oral e produção escrita. Sendo assim, a eleição da habilidade de leitura nos demanda um olhar atento que vai além da decodificação, um olhar que perpassa aspectos de compreensão, conforme afirma Rojo (2009):

A Leitura passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas e grafemas. (ROJO, 2009, p. 77)

Dessa forma, trabalhar a habilidade de leitura, é ir além de reconhecer globalmente as palavras de um texto ou utilizar a leitura dos textos como pretexto para extrair informações gramaticais. O processo da leitura envolve a compreensão do texto considerando uma série de capacidades mentais de leitura, como ativação de conhecimento de mundo, comparação de informações ao longo da leitura, generalização, produção de inferências locais e globais.

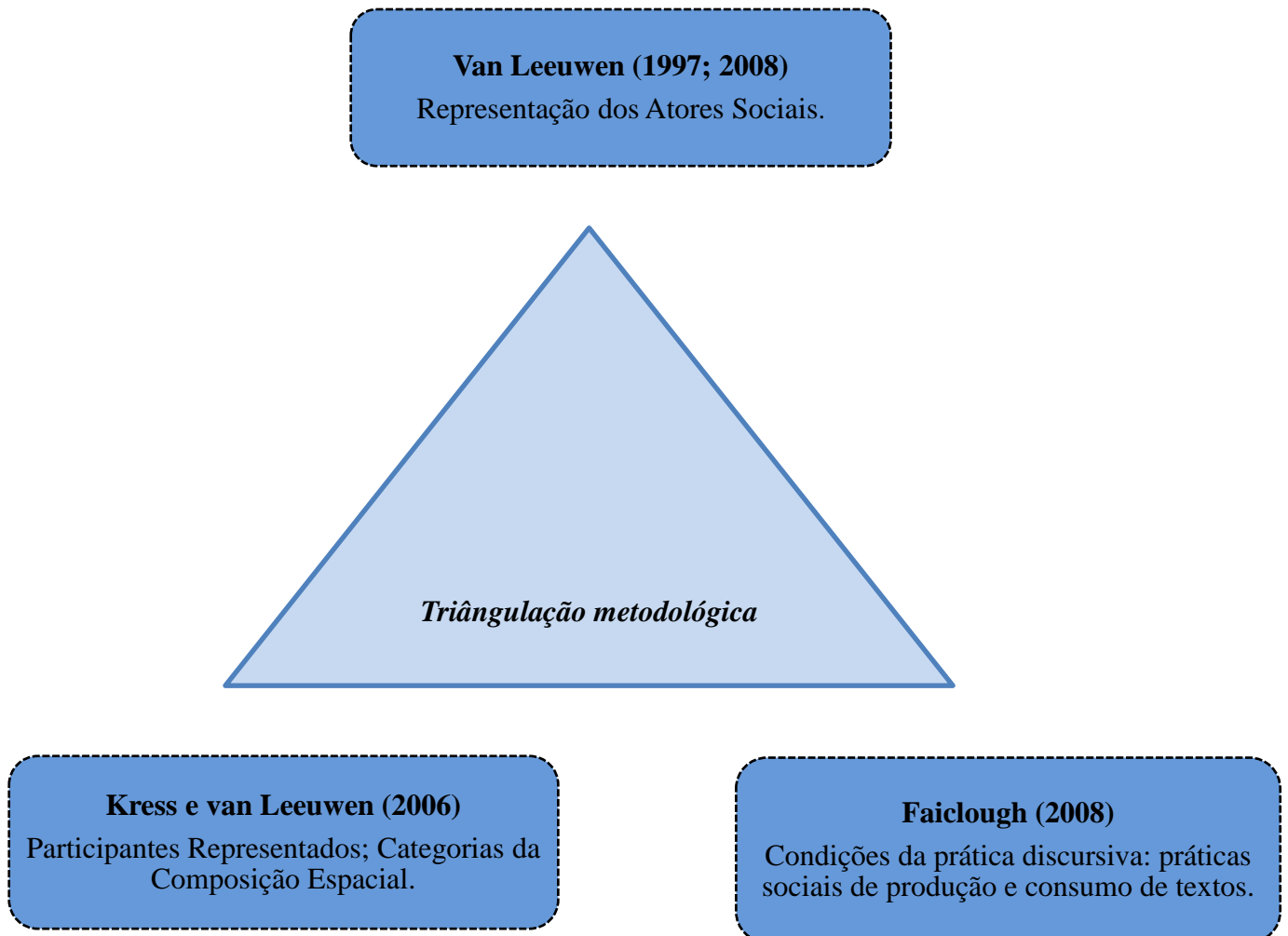
É nesse sentido que um texto multimodal inserido numa atividade específica e direcionada apresenta potencial de construção de sentidos não somente no intento de “disponibilizar” o acesso a informações, mas o potencial de interação, produção de inferências, detecção de implícitos ou pressupostos, elaboração de generalizações e conexões com a própria experiência do leitor.

Ademais, nas atividades que trabalhem leitura, há questões tanto focadas nessa habilidade como em outras como de produção oral ou de escrita, o que potencializa a produção de sentidos produzidos pelos textos, assim como, a interação com aspectos culturais, sociais contextuais e contextuais. Por isso que alinhamos a geração do *corpus* a textos alocados nas seções destinadas à habilidade de leitura.

### **3.3 Categorias Analíticas**

Para a análise da representação das mulheres nos textos dos livros didáticos selecionamos algumas categorias de análise propostas pelos teóricos: conforme a figura 11.

Figura 11 – Triangulação Metodológica - Categorias Analíticas



Fonte: Elaborado pela autora

### 3.3.1 Teoria da Multimodalidade - Gramática do Design Visual

Qualquer modo semiótico tem a potencialidade de formar textos em que se estabelece tanto uma coerência interna entre os elementos ali presentes como uma coerência externa com o contexto no qual foi produzido e para o qual foi produzido. Num texto multimodal, todas as modalidades se relacionam entre si formando um todo integrado e coerente. Para que isso aconteça, a função composicional se faz fundamental, contribui, para que a integração dos significados representacionais e interativos ocorra.

É pelo aspecto composicional que participantes e interagentes tornam-se um todo significativo, no qual elementos representacionais – participantes, ação e reação, interação – e elementos interacionais – olhar, distância, ângulos – integram-se formando sentidos e carregando valores informativos. Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que a posição dos elementos – participantes e suas interações entre si e com o *viewer* - dota-os com valores informacionais específicos em relação uns aos outros.

Quanto a categorias analíticas, Kress e van Leeuwen (2006, p.177) propõe para a análise da função composicional do texto três categorias de análise:

1. Valor da informação: refere-se à localização dos elementos representados segundo os eixos vertical e horizontal: alto/baixo; esquerda/direita e margem/centro – ideal/real e dado/novo

2. Saliência: primeiro plano ou plano de fundo; tamanho; contraste de cor e tons são recursos para atrair a atenção do espectador, em diferentes graus, para os elementos representados.

3. *Framming (enquadramento)*: presença ou ausência de linhas divisória que podem conectar ou desconectar elementos da imagem, formando grupos pertencendo ou não a um determinado significado

A função representacional, por outro lado, materializa-se por meio dos participantes, dos quais não se restringem a humanos/ pessoas, mas a objetos, lugares, coisas. Os participantes podem relacionar-se entre si, no quais participam e produzem ações e eventos, são o objeto da comunicação, nesse caso, são classificados como Participantes Representados. Por outro lado, os participantes podem interagir como receptores, são, nesse caso, o foco da mensagem, Kress e van Leeuwen utilizam o termo *viewer* para classificar os Participantes Interativos. Propõem para categoria dos participantes: Participantes Representados e Participantes Interativos.

### 3.3.1.1 *Participantes Representados e Interativos.*

Os sistemas semióticos têm a capacidade de representar objetos e suas relações com o mundo sem desconsiderar aspectos culturais e sociais, essa capacidade expressa-se pela função representacional das imagens, no qual objetos, pessoas, coisas contribuem para sua construção. Kress e Van Leeuwen (2006) utilizam o termo “Participantes” para os elementos

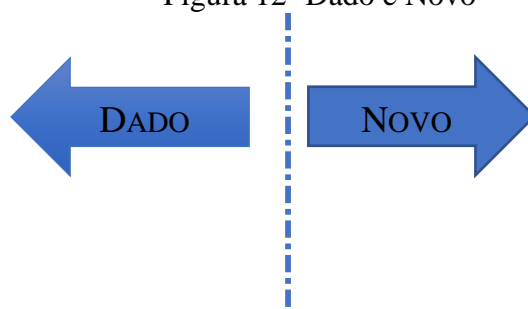
dessa construção imagética, atribuindo sentido à perspectiva relacional. Podem ser, conforme Kress e Van Leeuwen (2006):

- a) Participantes Representados: constituem o assunto da comunicação – pessoas, lugares, objetos, coisas (incluindo coisas abstratas) representadas na fala, escrita ou imagem – o participante sobre os quais se fala.
- b) Participantes Interativos: são os participantes do ato comunicacional, falam, escutam, leem, fazem imagens ou as visualizam. São denominados *viewers/leitores*, receptores que interagem com o texto.

### 3.3.1.2 *Dado e Novo*

Kress e van Leeuwen (2006) atribuíram essa categoria referente ao valor da informação segundo a direção da leitura e da escrita da esquerda para a direita ampliando para a composição das imagens. Segundo os autores, na sociedade ocidental, os elementos alocados à esquerda contêm informações fornecido ou familiares aos participantes, portanto, são representados como “dado”, como já compartilhado, conhecido pelo participante. Os elementos posicionados à direita são representados como “novo”, como não conhecido ou não completamente fornecido ao *viewer*.

Figura 12- Dado e Novo

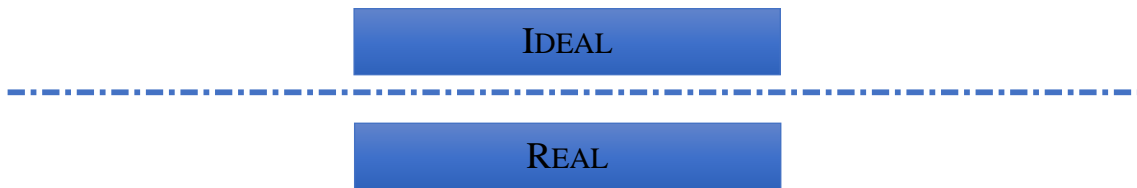


Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.3.1.3 *Ideal e Real*

Na sociedade ocidental, Kress e van Leeuwen argumentam que os elementos adquirem valores informacionais segundo a posição vertical que ocupam na composição do texto. Os elementos posicionados na parte superior do texto são apresentados como ideal – como idealizado, como a essência generalizada da informação, por outro lado, os elementos localizados na parte inferior do texto são apresentados como real – como mais próximo do concreto, com informações mais detalhadas e específicas.

Figura 13 - Ideal e Real



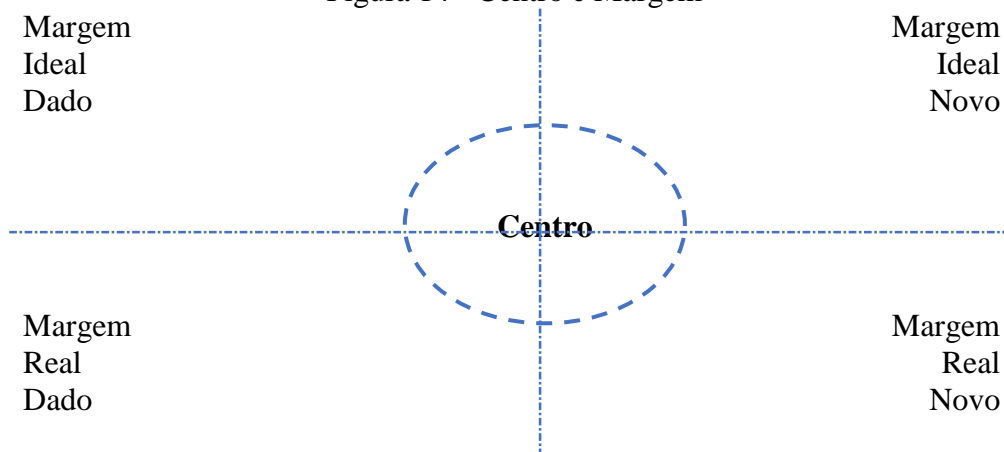
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 3.3.1.4 Centro e Margem

A composição visual estrutura-se também de acordo com as dimensões de Centro e Margem. O elemento que ocupa a posição do meio é caracterizado como elemento central e os outros que estão ao seu redor são elementos à margem. O elemento apresentado como centro significa que é apresentado como o núcleo da informação para o qual os outros elementos estão, de alguma maneira, subservientes. Sendo as margens são elementos auxiliares, dependentes. (Kress e van Leeuwen, 2006).

Relacionados ao Ideal-Real e Dado-Novo a organização dos elementos em posições Centro ou Margem contribuem para a construção de valores hierárquicos das informações. Podem relacionar-se “Dado- Novo e Ideal-Real podem combinar com Centro e Margem, dividindo espaço de acordo com as 3 dimensões” (Kress e van Leeuwen, 2006, p. 197). O esquema abaixo ilustra essas combinações:

Figura 14 - Centro e Margem



Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.3.1.5 *Saliência*

Os elementos podem adquirir mais ou menos importância que outros a depender da forma como estão apresentados com maior nitidez e evidência. A *saliência* refere-se aos níveis nos quais os elementos chamam mais atenção do leitor por meio do tamanho em comparação com outros elementos do texto, do posicionamento, do uso de cores, de contrastes (por exemplo, cores mais fortes e cores em tons de “bebê”) sombra, brilho, nitidez.

### 3.3.1.6 *Enquadramento (framing)*

Os elementos e modos semióticos do texto multimodal podem ser desconectados, relacionados, conectados na composição visual por meio de linhas divisórias, do uso de cores, sombras, vetores e demarcações de divisão ou conexão.

## 3.3.2 *Representação de Atores Sociais – Van Leeuwen*

Van Leeuwen (1997; 2008) sugere uma série de categorias para a análise da representação dos atores sociais num discurso em inglês sobre migração. Segundo o autor, trata-se de um inventário sociosemântico das formas pelas quais atores sociais podem ser representados.

As categorias referem-se à inclusão e exclusão dos atores sociais. Conforme van Leeuwen (2008), as representações incluem ou excluem atores sociais para se adequar aos interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se destinam. Por um lado, algumas exclusões podem parecer “inocentes”, detalhes em que se supõem que o leitor já saiba ou são considerados irrelevantes para o produtor ou leitor. Por outro lado, pode haver o interesse estratégico em produzir afetos em relação aos atores sociais, por exemplo, o autor cita o interesse em criar medo e construir os imigrantes como inimigos no texto usado exemplificar as categorias.

Van Leeuwen(1997) apresenta dez categorias quanto à análise do atores sociais:

1. Exclusão: os atores sociais podem ser incluídos ou excluídos. A exclusão pode ser “total”, não havendo referência ao ator social em qualquer parte do texto, realiza-se a supressão. A exclusão também pode acontecer quando os atores sociais são pouco visíveis, sendo mencionados em alguma parte do texto, porém em outras não, são, portanto, colocados em segundo plano. Ambas reduzem, em graus diferentes, a referência explícita dos atores sociais.

2. Distribuição de papéis: as representações podem atribuir papéis aos atores, seja como *ativos* – representados como forças ativas e dinâmicas – seja como *passivos* – submetendo-se ou sendo receptores de ações.

3. Genericização e Especificação: diz respeito à referência genérica ou específica, podendo surgir como classe, grupo ou como indivíduos específicos.

4. Assimilação: formas como os indivíduos são mencionados: como grupos (assimilação) ou como indivíduos (individualização).

5. Associação e Dissociação: modo pelo qual os atores sociais podem ser representados como grupos ou representados como distintos.

6. Indeterminação e diferenciação: os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não especificados ou “anônimos”. Podem ser representados diferenciados a um grupo ou ator social individual - diferenciação.

7. Nomeação e categorização: os atores podem ser representados por uma identidade única – nomeação – ou por identidades e funções partilhadas com outros. – categorização.

8. Funcionalização e identificação: são dois tipos de categorização: a funcionalização é quando o ator social é referido em termos de ocupação, atividade desempenhada, já na identificação os atores sociais são definidos segundo categorias de sexo, classe, raça, características físicas, qualidades.

9. Personalização e impersonalização: categorias que representam os atores sociais como seres humanos, que personalizam, ou como menos humanos, que impersonalizam. A impersonalização pode ocorrer por *abstração* – os atores sociais são representados por meio de uma qualidade – ou por *objetivação* – quando os atores sociais são representados (a) por meio de uma referência local, (b) por referência aos seus enunciados, (c) por referência a um instrumento com o qual desempenham uma atividade a que estão ligados e (d) por referência a uma parte de seus corpos, correspondendo respectivamente aos tipos de objetivação: espacialização, autonomização, instrumentalização, somatização.

10. Sobredeterminação: os atores sociais são representados como participantes de mais de uma prática social ao mesmo tempo. Essas práticas sociais podem se opor uma a outra, realiza-se a *inversão*, um ator social ou grupo de atores “ficcionalis” podem representar atores sociais não ficcionais, dá-se a *simbolização*, e uma única determinação (nomeação ou identificação) corresponde a uma classificação ou funcionalização, realiza-se a *conotação*. Inversão, simbolização e conotação são três tipos citados de Sobredeterminação.



### 3.3.3 *Análise de Discurso Crítica – Perspectiva Feminista*

A análise de Discurso Crítica (ADC) concebe a linguagem como prática social e língua na perspectiva não somente sistêmica, mas funcional, em que o discurso é um modo de ação, ou seja, agimos discursivamente no mundo – utilizando estruturas organizadas em textos através de gêneros situados em atividades sociais - inseridos em prática sociais sócio-historicamente contextualizadas.

Dessa forma, ao assumir a linguagem como modo prática social, consideramos que o discurso como parte da prática social figura nas representações sociais, nos modos de construir saber e conhecimento, figura nos modos de ser, na constituição das identidades, e também figura nas diversas formas de agir, de produzir vida social, ou seja, como parte da prática social, discurso é modo de ação, representação e identificação.

Sendo assim, o discurso é “uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91). Esse excerto de Fairclough remete não somente ao discurso como constitutivo das representações de mundo, das relações sociais, mas à contribuição para a manutenção e transformação feitas no e pelo discurso. Enquanto parte da prática social, o discurso partilha pessoas, que carregam - crenças, valores, culturas, histórias- relações sociais – que envolvem relações de poder para a manutenção e transformação das relações e atividades materiais.

Ao conceber discurso conforme a proposta de Fairclough (2008) no sentido de uso de linguagem como forma de prática social e não atividade meramente individual, considera-se discurso como prática social no sentido de ser “ um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 92), ao mesmo tempo que implica haver uma relação dialética entre discurso e estrutura social, sendo o discurso moldado e restringido pela estrutura social

Para a análise de discurso como prática discursiva focaliza-se os processos de produção, distribuição e consumo. Os livros didáticos, bem como os textos presentes nos LDs são materializações pelas quais identidades sociais, sistemas de conhecimentos e crenças são reproduzidos, servindo como espaço ao mesmo tempo para reforça-los, como para transformação não só de identidades, de conhecimentos e crenças, mas da sociedade de forma geral.

“A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la.” (FAIRCLOUGH, 2009, p. 92).

Os Livros didáticos comumente contribuem tanto para construção de uma imagem de Brasil turístico, das praias, do carnaval, do samba como para a construção de identidade de brasileiro estereotipada, vinculada ao cordial, à festas, ao futebol (CARVALHO, 2008; FERRAZ, 2015; NIEDERAUER, 2010). No processo de ensino os/as aprendizes chegam com suas próprias crenças a respeito do Brasil, dos/as brasileiras e o LD podem servir como ferramenta de reprodução e de reiteração de discursos homogeneizantes, entretanto, os LD também podem contribuir com a reflexão e a transformação destes e da própria sociedade.

A esse processo no qual os Livros Didáticos estão estritamente relacionados conecta-se a prática discursiva, que está relacionada à produção, à distribuição e ao consumo textual. Segundo Fairclough (2008), conforme fatores sociais, a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso em que “os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 107). Desse excerto, podemos inferir, por exemplo, que para um LD, entre muitas etapas, há a seleção de textos, pode-se adaptá-los conforme critérios elencados pelos/as produtores/as do LD, o texto é vinculado a um determinado tema do qual o/a produtor/a objetiva explorá-lo. Portanto, há diferentes etapas pelas quais os textos – situados genericamente– e o LD passam, etapas pelas quais envolvem aspectos específicos de suas produções.

Assim, a produção se realiza conectada ao contexto de ensino que, da mesma forma que todo o processo de elaboração de um Livro Didático, não existe desvinculada às questões sociais e culturais. O consumo desses textos também varia em contextos sociais diversos, por um lado, isso se deve a diferentes interpretações as quais se atribui aos textos. Por outro lado, o consumo, bem como a produção, conforme Fairclough (2008), pode ser individual ou coletivo.

Portanto, os textos multimodais vinculam-se a práticas sociais, sua eleição, sua produção, sua distribuição e seu consumo não se dão de forma neutra ou indistintamente, mas vinculados a questões ideológicas e de poder.

A presente pesquisa contempla como aspectos observados a produção, a distribuição e consumo tanto individualmente como coletivamente dos textos. Posteriormente, pretendemos ampliar a pesquisa para as condições de consumo de textos multimodais sob a perspectiva do aluno.

Próximo Capítulo é destinado à análise de dados, nos termos expostos na metodologia.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, analisamos como as mulheres são representadas nos LD de PBLA. Inicialmente, apresentamos os Livros Didáticos que constituem o *corpus* para esta pesquisa. Em seguida, dedicamo-nos a descrição dos livros analisados. Na seção 5.2, desenvolvemos a análise com base nas postulações teóricas de Kress e van Leeuwen (2006); van Leeuwen (1997; 2008) e Fairclough (2008). Por fim, tecemos algumas considerações a respeito da representação das mulheres segundo esses textos.

### 4.1 Livros didáticos selecionados

A produção de Livros Didáticos (LD) de português para estrangeiros não é nova, entretanto tem tido aumento significativo nos séculos XX e XXI. Conforme, Pacheco (2006), a década de 50 pode ser considerada um marco inicial nas produções de Livros Didáticos por profissionais de Português para estrangeiros, uma das primeiras publicações data de 1954, com o título *Português para Estrangeiros*, a década de 70 conduz com mais 5 publicações de LD para esse público.

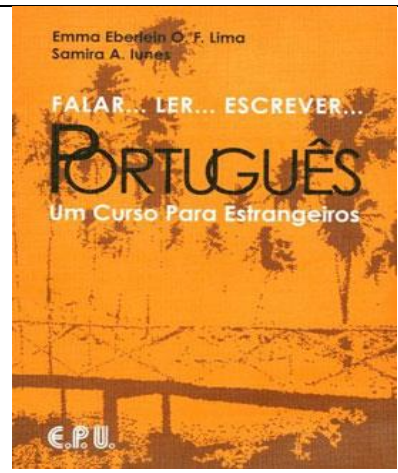
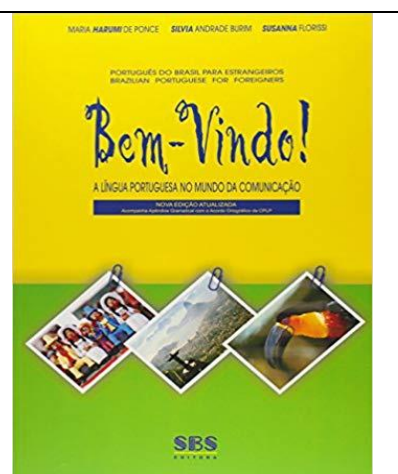
A partir dos anos 80 e 90, há lançamentos de obras até hoje reconhecidas, reelaboradas e republicadas posteriormente, alguns exemplos são: *Falando, lendo, escrevendo português: Um Curso para estrangeiros* (1980), *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* (1989), *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* (1989), *Avenida Brasil 1: Curso Básico de Português para Estrangeiros* (1991), *Bem Vindo!* (1999). No século XXI, além de novas publicações, muitas obras conhecidas são relançadas. Para a presente pesquisa, muitas obras haviam sido publicadas nas décadas de 80 e 90, todavia foram considerados apenas lançamentos mais recentes.

Nesses séculos e décadas, os LD passaram por mudanças tanto em metodologia e abordagem utilizadas, como na elaboração textual e visual - desde a capa até a construção interna do livro. As publicações buscam acompanhar a sociedade e suas mudanças sociais, a estruturação dos currículos, as tendências temáticas e a composição visual dos LD são materializações dessa conjuntura social.

Para construção do *corpus* da pesquisa, a seleção dos livros deve-se à disponibilidade de acesso e de consumo das obras, pois são consumidos por estrangeiros interessados em aprender português, bem como por profissionais da área que adotam as obras seja para práticas de ensino seja como fonte de pesquisa para produção de materiais didáticos. Procuramos, também, eleger livros publicados ou reimpressos no Brasil, tendo como marco

temporal o final do século XX e diferentes anos do século XXI. Para isso, foram selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa LD publicados entre os anos 1999 e 2018. Conforme apresentado no Quadro 3 por ano de publicação:

Quadro 3 - Referências Livros Selecionados

Ano	Título	Autores	Editora	Público-Alvo	Capa <sup>7</sup>
1999 (2009)	Falar...ler... escrever... português. Um curso para Estrangeiros	Emma. Eberlein. O. F.Lima Samira Abirad. Iunes	São Paulo: EPU	“Adultos e adolescentes a partir dos 13 anos, de qualquer nacionalidade.”	
2004	Bem Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação.	Harumi Ponce. Sílvia Burim. Susanna Florissi	São Paulo: Special Book Services Livraria. SBS	Não especificado	

<sup>7</sup> Imagens retiradas dos sites das editoras e sites de compras: <https://www.martinsfontespaulista.com.br>  
<https://www.amazon.com.mx/Bem-vindo-Portuguesa-Comunicacao-Portugues-Estrangeiros/dp/8575831240>  
[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-955415040-panorama-brasil-ensino-de-portugus-no-mundo-dos-negocios-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-955415040-panorama-brasil-ensino-de-portugus-no-mundo-dos-negocios-_JM)  
<https://www.disal.com.br/produto/1265393-muito-prazer---volume-unico---com-cd>

2006	Panorama Brasil: ensino do Português do mundo dos negócios	Harumi Ponce. Silvia Burim. Susanna Florissi	São Paulo: Editora Galpão.	Não especificado	
2008	Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros.	Emma. Eberlein. O. F. Lima. Lutz Rohrmann. Tokiko Ishihira. Samira A. Iunes. Cristián. González Bergweiler.	São Paulo: EPU	“Destina-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade, e adolescentes e adultos.”	
2008	Muito Prazer: fale o português do Brasil	Gláucia R. Fernandes. Telma de Lurdes Ferreira. Vera Lúcia Ramos.	Barueri, SP: DISAI	Não especificado	

2009	Novo Avenida Brasil 2: curso básico de português para estrangeiros.	Emma. Eberlein O. F. Lima. Lutz Rohrmann. Tokiko Ishihira. Samira A. Iunes. Cristián.González Bergweiler.	São Paulo: EPU	“Destina-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade, e adolescentes adultos.”	
2010	Novo Avenida Brasil 3: curso básico de português para estrangeiros.	Emma. Eberlein O. F. Lima. Tokiko Ishihira. Cristián.González Bergweiler.	São Paulo: EPU	“Destina-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade, e adolescentes adultos.”	
2013	Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho	Denise Santos. Gláucia V. Silva.	Barueri, SP: DISAL.	“Destinado para quem quer aprender Português Brasileiro para negócios” <sup>8</sup>	

<sup>8</sup> Traduzido pela autora: “Bons Negócios is a book designed for those who want to learn Brazilian Portuguese for business either individually, in private lessons, or group lessons.” (SANTOS; SILVA. 2013. p.13)



2017	Bem-vindo! :a língua portuguesa no mundo da comunicação	Harumi Ponce. Silvia Burim. Susanna Florissi	São Paulo: Hub Editorial	“[...]vertente direcionada especialmente para estrangeiros”	
2018	Falar...ler... escrever... português. Um curso para Estrangeiros	Emma. Eberlein. O. F.Lima Samira Abirad. Iunes	São Paulo: E.P.U	“Adultos e também adolescentes a partir dos 13 anos aproximadamente, de qualquer nacionalidade.”	

Fonte: Elaborado pela autora.

Reforço que, inicialmente, foi feito um levantamento de textos verbal e imagético nos quais as mulheres apareciam ou como produtora ou tema de textos ou como imagem para composição de atividade, entre outros. Em seguida, foram elencadas da primeira seleção os temas e as habilidades trabalhadas nas seções didáticas. Desse primeiro levantamento, pudemos constatar uma “horizontalidade temática”, ou seja, frequência, continuidade de temas presentes no *corpus*, na qual há maior referência às mulheres num determinado tema, ao mesmo tempo em que, em outros temas, a ausência é quase total.

Em cada livro, conforme a abordagem selecionada, ao objetivo proposto pelos autores e pelas autoras, as habilidades de leitura, de escrita, de compreensão e de produção oral são enfocadas de maneiras distintas e trabalhadas em maior ou menor grau.



## 4.2 Configuração dos Livros didáticos selecionados

A organização e composição dos Livros Didáticos realizam-se de diferentes modos a depender dos critérios adotados pelos/as autores/as. Apresentamos a configuração dos LD utilizados no *corpus* desta pesquisa.

### 1. **Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios.**

**Editora:** Galpão. **Ano de Publicação:** 2006. **Autoras:** Harumi de Ponce, Silvia Burim e Susanna Florissi.

*Panorama Brasil* é indicado para estudantes dos níveis intermediário e avançado. O objetivo da obra é trabalhar “temas que fazem parte da realidade brasileira, de seu dia a dia e, muito em particular, do modo como o povo brasileiro lida com os Negócios”. Ademais, em torno dos diversos ambientes de trabalho, busca-se salientar o vocabulário utilizado nesses contextos. O livro almeja ser “uma porta de entrada, um convite para que conheçam um pouco mais este País [...]” (PONCE, BURIM e FLORISSI SUSANNA, 2006, p. iii)

Não há explicitação quanto à estruturação e organização do livro, bem como os objetivos propostos das unidades. A obra contém dez unidades elencadas em torno de eixos temáticos: *Agronegócios, Tecnologia, Arte & Cultura, Saúde, Estilo de Vida, Turismo, Esportes, Meio Ambiente, Terceiro Setor, Emigração*. São temas selecionados pelas autoras para atender às várias áreas do Mundo dos Negócios.

As atividades e tarefas de cada unidade são propostas a partir de textos majoritariamente escritos relacionados ao tema da unidade e trabalham compreensão leitora, produção escrita e/ou oral e aspectos linguísticos, não há, todavia, atividades de compreensão oral. É destacável a ausência de longas sistematizações acerca de aspectos linguísticos ao longo das unidades do livro, este é feito ao final da obra com a inclusão de Apêndice com *Explicações Gramaticais*.

O LD é composto basicamente por atividades que contemplam as habilidades de escrita – compreensão e produção - a partir de textos multimodais em que predomina a modalidade verbal. Não há seções para demarcar o início e fim de uma atividade, para isso a inclusão de um texto define uma nova atividade.

### 2. **Novo Avenida Brasil – Curso de Português para Estrangeiros.**

**Editora:** EPU. **Ano de Publicação:** volume 1 – 2008, volume 2 – 2009, volume 3 - 2010. **Autoras:** volumes 1 e 2: Emma O. F. Lima, Lutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Cristián

G. Bergweiler e Samira Abirad Iunes. Volume 3. Autoras: Emma O. F. LIMA , Tokiko Ishihara e Cristián G. Bergweiler

A Coleção *Novo Avenida Brasil – Curso de Português para Estrangeiros* destina-se a “estrangeiros de qualquer nacionalidade, adolescentes e adultos, que queiram aprender Português para poder comunicar-se com os brasileiros e participar de sua vida cotidiana,” (LIMA, ROHRMANN, *et al.*, 2009, p. iii). Segundo as autoras, o método adotado é comunicativo estrutural. O objetivo da obra é capacitar estudantes a compreender e falar, a competência escrita é desenvolvida num conjunto de exercícios ao final da obra, para compreensão oral, os livros trazem áudios gravados, a maioria em formato de diálogo.

A Coleção contém três volumes correspondentes ao A1 (Volume1), A2 (Volume 2) e B1+ (Volume 3) do Quadro Europeu Comum de Referência. As autoras buscam abordar informações sobre o Brasil, “sua gente e seus costumes” a fim de estimular a reflexão intercultural e encontrar elementos que permitam “conhecer e compreender o Brasil e os brasileiros” (LIMA, ROHRMANN, *et al.*, 2009, p. iii)

Os Volumes 1 e 2 da coleção são compostos por seis lições e o Volume 3 por oito lições. Em todos os volumes, tópicos temáticos guiam as lições, que são organizadas em tópico comunicativo e tópico gramatical. Cada lição inicia-se com a seção O que vamos aprender ? a qual apresenta os objetivos de cada lição, bem como a introdução de tópicos comunicativos por meio de textos escritos e imagéticos.

As lições, em todos os volumes, são guiadas por tópicos temáticos, os quais são abordados na introdução, em textos e em algumas atividades. Ao final dos livros, há capítulos destinados à fonética, ao vocabulário, à descrição de áudios, a soluções de exercícios, há também apêndice gramatical e capítulo de revisão com exercícios complementares e de produção escrita.

### **3. Muito Prazer: fale o português do Brasil.**

**Editora:** Disal. **Ano de Publicação:** 2008. **Autoras:** Gláucia R. Fernandes; Telma de Lurdes Ferreira; Vera Lúcia Ramos.

O objetivo do LD é capacitar o aluno, de qualquer nacionalidade, que deseja aprender o português do Brasil a comunicar-se com fluência, contemplando do Básico ao Intermediário. As autoras do livro salientam que a escolha de temas é de grande utilidade e interesse para o aprendiz que queira entrar em contato com os costumes brasileiros, bem como

as informações culturais estimulam discussões e comparações interculturais, além de servirem para integrar as competências trabalhadas na unidade. (FERNANDES e FERREIRA, 2008)

O livro compõe-se de 20 unidades, intercaladas por revisões e pronúncias. Cada unidade apresenta um tópico principal e 3 lições subdividas em A, B e C, em cada lição há subseções de: a) contextualização do tópico; b) diálogo, c) sistematização linguística, d) vocabulário; e) compreensão oral; f) produção oral; g) leitura; h) consolidação lexical.

As autoras descrevem os objetivos e propostas em cada subseção, além de sugerir que a utilização do LD seja em sequência e que há possibilidade de adaptações dos professores caso seja necessário. Acrescenta-se ao livro: um mapa do Brasil; apêndice gramatical e lexical; respostas dos exercícios; e transcrição dos áudios.

#### **4. Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho.**

**Editora:** Disal. **Ano de Publicação:** 2013. **Autoras:** Denise Santos e Gláucia V. Silva

O Livro *Bons Negócios* é destinado para o ensino e a aprendizagem do Português do Brasil para negócios em ambientes privados ou grupais. Objetiva desenvolver a aprendizagem das habilidades da fala, audição, leitura e escrita inserindo, ao mesmo tempo, vocabulário e gramática. Aspectos culturais que caracterizam a vida e o trabalho no Brasil também são focalizados com a finalidade de auxiliar a/o aprendiz. (SANTOS e SILIVA, 2013, p. 12)

O Livro é organizado em temas-chave do mundo do trabalho, em 20 unidades, subdividas em 5 seções destinadas à gramática, ao vocabulário (e pronúncia), à comunicação oral – compreensão e produção, à comunicação escrita – compreensão e produção e à cultura. Cada unidade é introduzida por diálogos ou textos que buscam situar o tema a ser trabalhado na unidade. As unidades abordam sobre: profissionais, empresas, gestão e administração de empresas, importação e exportação, tecnologia, práticas sociais inseridas no contexto de trabalho (entrevistas, reuniões etc.), divulgação, ética, todos direcionados ao contexto de trabalho e de negócios.

Há apresentação da organização do LD e da proposta de cada subseção. É dedicado capítulo sobre a pronúncia em PB, sobre alfabeto, sobre Siglas em PBLA, sobre numerais, sobre termos linguísticos (sintáticos, morfológicos), além de haver apêndice gramatical; transcrição de áudios; resolução de exercícios e glossário Português-Inglês.

#### **5. Falar... Ler...Escrever... português: um curso para estrangeiros.**

**Editora:** E.P.U. **Ano de Publicação:** 2018. **Autoras:** Emma E. Lima, Samira A. Iunes.

O Livro foi reimpresso em 2018, entretanto preservou grande parte da publicação de 1999. Os elementos imagéticos sofreram consideráveis modificações, desenhos e fotografias foram todos refeitos e atualizados, mantendo a linha temática anterior.

Por meio de um método ativo, situacional, visando à compreensão e à expressão oral e escrita em nível coloquial correto, o LD destina-se a adultos e adolescentes a partir de 13 anos de qualquer nacionalidade que queiram aprender o português do Brasil até o nível B2 do Quadro Europeu Comum de Referência. (LIMA e IUNES, 2018, p. v)

Por fim, a obra é composta por 18 Unidades introduzidas com diálogos situacionais e finalizadas com textos narrativos e/ou músicas que buscam inserir o/a aprendiz no contexto cultural brasileiro. Os exercícios de preenchimento de lacunas são a parte representativa do livro. Intercala-se nas unidades a seção “Contexto” em que a habilidade de leitura é mais trabalhada.

Portanto, diante do exposto, observamos que os LD apresentam configuração específica condicionada aos objetivos propostos pelos autores, ao público-alvo, à abordagem adotada e ao tipo de organização selecionado – por temas, por habilidades, por tópicos gramaticais. Cabe mencionar que a maioria dos/as autores/as dos LD do *corpus* apresenta formação em áreas de Linguística, de Linguística Aplicada, de Literatura e/ou experiência como profissionais de ensino de PBLA.

Dedicamo-nos na próxima seção à análise dos textos multimodais das obras ora apresentadas.

### **4.3 Análise dos Textos**

Para responder às questões propostas para esta dissertação orientamo-nos por meio das categorias Analíticas da Gramática do Design Visual propostas por Kress e van Leeuwen (2006); das categorias analíticas do inventário sócio-semântico para análise da Representação dos Atores Sociais propostas por van Leeuwen (1997; 2008) e pela análise das condições da prática discursiva proposta por Fairclough (2008).

### **4.3.1 Texto Multimodal 1 - Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore - Livro Panorama Brasil**

O texto Multimodal “Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore” (TM1) situa-se na página 16, pertencente à Unidade de Agronegócios, a qual é composta por textos que tratam de pecuária, agricultura, problemas na criação, exportação etc.

Sobre o texto a ser analisado, o TM1 inicia com uma breve trajetória de Alice Ferreira até chegar ao cargo atual na empresa, em seguida apresenta as intenções frente à posição de chefia, finalizando com comentário a respeito da presença das mulheres no agronegócio, à direita, há uma fotografia de Alice Ferreira de perfil. Como atividade relacionada ao texto, há, primeiramente, produção escrita referente ao TM1, após, outra produção relacionando a área de atuação do/a aprendiz.

- I. Título da unidade: Agronegócios.
- II. Título do texto: Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore.
- III. Corpo do texto: à esquerda, escrita e à direita, imagem.
- IV. Imagem: fotografia de perfil de mulher.

Quanto às impressões iniciais, o texto apresenta um viés diferenciado, sugerindo ser uma exceção a figura feminina no ambiente da pecuária e do agronegócio. Inferimos, nesse sentido, que as produtoras do LD consideraram dois aspectos: (i) o agronegócio é um espaço majoritariamente masculino; (ii) necessidade de apresentar a presença da mulher nesse espaço. Assim, podemos considerar certa atenção quanto à presença da mulher no contexto de agronegócios e de trabalho também. Entretanto, as categorias analíticas contribuirão para uma percepção crítica aprofundada do texto.

Figura 15 - “Uma Mulher no Comando de Nelore”

### Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore

O que começou como lazer, virou profissão e, em 2005, a pecuarista Alice Ferreira assumiu a presidência da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. É a primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional de gado de corte. Alice resolveu virar pecuarista quando herdou do sogro a fazenda de Indaiatuba, em São Paulo, que servia de lazer à família. Comprou gado e hoje tem um plantel de 10 mil cabeças, destinado ao melhoramento genético. "Ser pecuarista é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independente de ser mulher ou homem.", afirma. À frente da cinquentenária entidade, Alice pretende dar continuidade à administração atual, onde era vice-presidente. Entre as metas para a gestão, estão a difusão do Programa de Qualidade Nelore Natural e do Circuito Boi Verde de Julgamento de Carcaça, que visam estabelecer normas de criação dos animais e destacar os melhores da raça. Atualmente, são produzidas 700 toneladas/mês com o selo de qualidade da raça. Alice quer também aumentar em 20% o número de associados, que, no início de 2005, era de 1,6 mil pessoas. Para atingir essas metas, a ACNB pretendia investir R\$ 2 milhões em 2005. Alice acredita que a participação das mulheres tem crescido no setor. O reflexo da força feminina no agronegócio verificou-se no Congresso Internacional da Mulher no Campo, em abril de 2005.



Foto: Roberto Laffel

Fonte: adaptado do artigo de Neila Baldi para o jornal *Gazeta Mercantil*, março/2005

Fonte: PONCE, BURIM e FLORISSI SUSANNA (2006, p. 16)

#### 4.3.1.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual

As seguintes categorias evidenciam-se na Figura 16:

Figura 16 – TM1: Análise da Gramática Visual

Agronegócios

5. Vera dá uma dica para quem deseja manter afastados os caramujos: uma barreira com sabão em pó. Passe as instruções abaixo sobre como montá-la para o Preférito Perfeito do Indicativo.


- Pegue o sabão em pó e misture-o com água.
- Espera adquirir consistência de mingau.
- Demarque o entorno da casa, ou os limites do jardim ou da horta com um pincel ou brocha.
- Uma simples passada é suficiente para barrar os caramujos por até três semanas, se não chover.

**Participantes Representados: mulher, o contexto de agronegócio, o agronegócio.**

---

**Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore**

O que começou como lazer, virou profissão e, em 2005, a pecuarista Alice Ferreira assumiu a presidência da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. É a primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional de gado de corre. Alice resolveu virar pecuarista quando herdou do sogro a fazenda de Indaiatuba, em São Paulo, que servia de lazer à família. Comprou gado e hoje tem um plantel de 10 mil cabeças, destinado ao melhoramento genético. "Ser pecuarista é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independente de ser mulher ou homem.", afirma. À frente da cinqüentenária entidade, Alice pretende dar continuidade à administração atual, onde era vice-presidente. Entre as metas para a gestão, estão a difusão do Programa de Qualidade Nelore Natural e do Circuito Boi Verde de Julgamento de Carcaça, que visam estabelecer normas de criação dos animais e destacar os melhores da raça. Atualmente, são produzidas 700 toneladas/mês com o selo de qualidade da raça. Alice quer também aumentar em 20% o número de associados, que, no início de 2005, era de 1,6 mil pessoas. Para atingir essas metas, a ACNB pretendia investir R\$ 2 milhões em 2005. Alice acredita que a participação das mulheres tem crescido no setor. O reflexo da força feminina no agronegócio verificou-se no Congresso Internacional da Mulher no Campo, em abril de 2005.



**IDEAL**

Fonte: adaptado do artigo de Neila Baldi para o jornal Gazeta Mercantil, março/2005

---

6. a. Use informações do texto acima para escrever um dos parágrafos do discurso de posse de Alice Ferreira na ACNB.

b. Imagine ser o fundador de uma Associação de Classe em seu ramo de negócios. Desenvolva um discurso para a divulgação da associação em eventos relacionados à sua área de atuação. Inclua informações sobre:

- recursos financeiros
- meios para atrair novos sócios
- atividades a serem oferecidas
- outras informações que lhe pareçam pertinentes.

**REAL**

**16**

**Participantes Representados: aprendizes; os/as professores/as**

Fonte: PONCE, BURIM e FLORISSI SUSANNA (2006, p. 16)

No tocante ao *layout* da página na qual se insere o texto, a primeira categoria, referente aos **participantes representados e interativos**, contempla como participantes representados a mulher numa posição de comando, a mulher no agronegócio e o ramo da agronegócio; como participantes interativos estão os/as professoras e os/as aprendizes. O interessante da proposta da atividade está no convite ao participante interativo a se colocar na posição do participante representado, estabelecendo o exercício de alteridade e de interação entre o texto e o/a aprendiz que pode carregar outra visão de mundo.

Continuamente relacionado ao *layout* da página, o texto ocupa posição de **centro** o que contribui para a construção de destaque do texto em relação aos demais na unidade, demonstra, assim, ser o texto um núcleo de informação a ser considerado – a mulher no ramo de agronegócio. Esse dado pode contribuir para o entendimento de que as produtoras consideram ser importante deter a atenção na presença da mulher nessa área, como também consideram ser o agronegócio predominantemente masculino.

Ainda sobre o *layout* da página, o valor de informação pode ser construído por meio da posição a qual os elementos estão dispostos, quando distribuído na parte superior é apresentado como **ideal**, ou seja, significa a informação generalizada, o Texto Multimodal 1 (TM1), em relação às atividades, situa-se mais acima, apresentando a figura feminina no agronegócio de forma geral sem detalhar sobre as condições pelas quais as mulheres passam no ramo do agronegócio.

De outra forma, quando distribuído na parte inferior, apresenta-se o **real** - a informação mais detalhada – no *layout* da página do TM1 estão alocadas as atividades de produção textual referentes ao “real”, são atividades de sugestões de produções textuais - discurso de posse numa empresa e discurso de divulgação de produto - inseridas em práticas sociais situadas em que o/a aprendiz é convidado/a a se colocar como ativo.

Quanto à categoria de **Dado e Novo** - as quais consideram a disposição dos elementos à esquerda e à direita para a construção da informação - destaca-se na Figura 16 a distribuição do texto “Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore”. À esquerda está localizado o texto verbal escrito, o dado, considera-se que as informações na modalidade verbal escrita sejam compartilhadas ou conhecidas; à direita, situa-se a modalidade imagética - a foto de Alice Ferreira – configura-se o novo, ou seja, constitui-se como a informação desconhecida, a qual precisamos prestar mais atenção, apresentando quem é “a mulher” que está no comando de uma empresa.

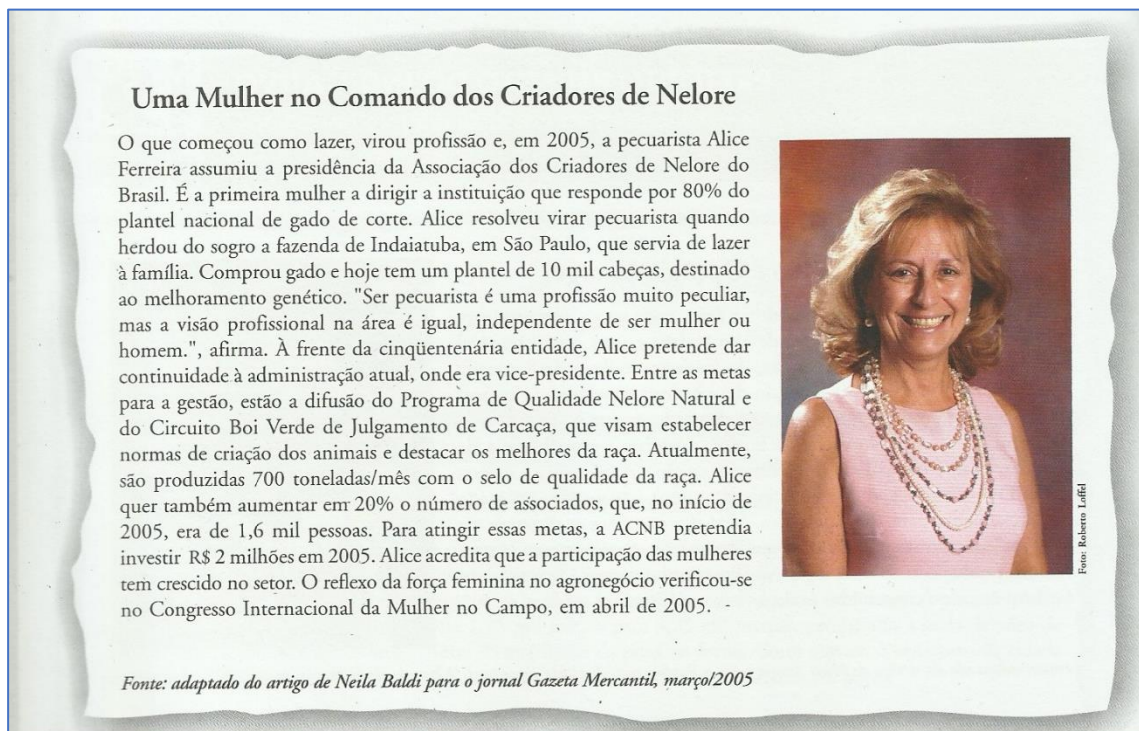
A fotografia de Alice Ferreira é um dos meios pelo qual se constitui o destaque textual e dos participantes representados. A categoria **Saliência** é importante para que percebamos a atribuição de relevância na composição espacial. A fotografia é nítida compondo o primeiro plano textual, o fundo em cor rosa predominantemente, o uso na composição da imagem em paleta cor de rosa, a roupa, o colar e até a pele recebe realce rosado, efeitos que contribuem para a construção de realce da fotografia. Entretanto, o uso da cor rosa na construção do significado representativo de mulher é uma construção que deve ser problematizada. Essa construção contribui para configurar a imagem do que se acredita ser a



representação das mulheres nesse campo, converge para a manutenção de um paradigma patriarcal nas construções de gênero.

Outro recurso que contribui para o destaque da fotografia é o enquadramento. A demarcação dos textos ocorre por meio de um enquadramento em forma de papel rasgado, indicando que foi retirado de um suporte para colocar em outro – o livro didático, isso induz a autenticidade do texto e dos atores sociais.

Figura 17 – TM1: Dado e Novo



Fonte: PONCE, BURIM e FLORISSI SUSANNA (2006, p. 16)

Para ampliar a análise passamos para a Análise da Representação dos Atores Sociais.

#### 4.3.1.2 Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais

Quanto ao arcabouço sócio-semântico proposto por van Leeuwen (1997; 2008), destacam-se alguns aspectos do texto. Primeiramente, no título, atribui-se destaque ao papel social das Mulheres, que é colocada em realce, ao mesmo tempo em que o texto sugere que sua presença seja uma exceção, algo incomum no contexto da pecuária. Esse sentido é demarcado no título pelo uso do pronome indefinido “uma”:

1. “Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore”

Dessa forma, o texto inicia pela representação da mulher como referência genérica, vinculando as mulheres à classe, e por isso também, pelo processo de **Genericização e Especificação** dá-se o destaque à mulher num contexto prioritariamente masculino. Essa referência corrobora, pois, para que se construa a ideia de que haja relações desiguais de distribuição de poder entre os gêneros, já que as notícias buscam informar sobre o que é geralmente incomum, no nosso caso, uma mulher no comando do agronegócio.

Em seguida, ocorre a transferência da representação das mulheres como grupo para a representação específica, definindo o ator social, agregando materialidade ao dado e aproximando o/a leitor/a da realidade. Define-se, assim, na primeira parte do texto quem é a mulher no Comando, seu nome, sua história e sua trajetória.

Dessa forma, as mulheres como atores sociais são representadas pelo processo de **Nomeação e Categorização**, no qual esse grupo passa a ser definido por uma identidade única – “Alice Ferreira”. Conforme van Leeuwen (1997; 2008), o processo de nomeação pode ocorrer de modo formal (com a identificação do sobrenome), semiformal (pelo uso do nome e do sobrenome) e do modo informal (somente o nome). No início do texto, a mulher é identificada pelo modo semiformal (demonstrado no exemplo 2), passando-se para a identificação informal em todo o texto.

2. [...] a pecuarista **Alice Ferreira** assumiu....
3. **Alice** resolveu virar pecuarista...
4. **Alice** pretende dar continuidade à administração atual...
5. **Alice** quer também aumentar em 20%....
6. **Alice** acredita que a participação das mulheres....

O uso do processo de **Nomeação** pela identificação informal atribui um caráter de proximidade e menor formalidade, no intento de destacá-la pela identificação como pessoa específica e como exceção num espaço predominantemente masculino.

Da mesma forma, há no texto, além do título, o uso da **Genericização e Especificação**. Quando utilizados, há referência ao assumir posição de poder, sendo uma forma de relacionar gênero social e posições de poder, vinculando-o ao desempenho de cargo de chefia, da mesma forma que exalta a exceção feminina em cargos de comando, além do contexto da pecuária .

7. “É a primeira mulher a dirigir a instituição [...]”

Ao mesmo tempo em que a mulher é **Nomeada**, é também representada pelo processo de **Funcionalização**, em que os atores sociais são representados de acordo com funções que partilham com outros. No texto, a mulher é representada em termos de sua ocupação como pecuarista:

8. [...] a **pecuarista** Alice Ferreira assumiu a presidência ...
9. “Ser **pecuarista** é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independentemente de ser mulher ou homem”

No exemplo 8, dá-se a especificação do ator social tanto pela nomeação como pela funcionalização, evidencia-se a mulher como ator social desempenhando uma função, a qual se atribui legitimidade ao seu cargo e sua posição. Infere-se que para poder desempenhar um cargo de poder é necessário reforçar elementos que o justifiquem, assim, para assumir a presidência do setor de pecuária, é preciso que se “justifique”, reforce atributos para que o cargo seja legítimo, nesse caso, ser pecuarista.

No nono exemplo, a atividade desempenhada pela mulher, a **funcionalização** em referência à profissão, ocorre pelo discurso de Alice, que se auto define segundo sua profissão, relacionando-a às questões de gênero, o destaque na fala da própria mulher é uma forma de validar a existência da exceção da mulher como pecuarista e em cargo de comando.

Na finalização do texto, as mulheres são representadas como ator social em termos de grupo, em que a referência às mulheres se dá pela **Assimilação**, processo pelo qual os atores sociais são representados como grupo. Vejamos duas ocorrências no TM1:

10. Alice acredita que a **participação das mulheres** tem crescido no setor.
11. O reflexo da **força feminina** no agronegócio verificou-se ....

O uso dos substantivos e suas especificações “participação das mulheres” e “força feminina” demarca a ocorrência da **Impersonalização** das mulheres que é representada através de substantivo que denota grupo, no qual não há referência às atividades desempenhadas pelas mulheres no contexto de agronegócio, mas somente sua evidência como grupo. Isso é forma de atribuir estatuto de consenso sobre a presença das mulheres na pecuária e no agronegócio, bem como de inferir que tenha predominância masculina nesses espaços.

Portanto, percebemos que a forma de representação das mulheres como atores sociais se dá pela estratégias de Genericização, Nomeação e Impersonalização que ressaltam a

presença feminina, oscilando entre uma representação como grupo sem voz, ausente de diversidade e identificada por meio de ações sem marcas de atividade e uma representação específica, identificada.

A geração de sentidos do texto se inicia com a representação das mulheres como grupo que chegam ao comando, perpassando pela especificação da mulher como ator social vinculado ao êxito profissional e a sua exceção, finalizando e “costurando” o texto ao início pela representação como grupo conectado ao macro espaço da pecuária e da agricultura no qual se encontram mulheres com diferentes profissões, funções e cargos.

Em relação às mulheres representadas por uma identidade única, consideramos um processo de destaque. Primeiramente, apresenta-se a Mulher, Alice Ferreira, como protagonista de uma conquista – chegar ao comando de uma empresa. Nesse aspecto, podemos perceber a **atribuição de papéis**, a posição da mulher é destacada como ativa pelo processo de ativação:

12. “ Alice Ferreira assumiu a presidência...”
13. “ É a primeira mulher a dirigir a instituição...”
14. “ [...] comprou gado e hoje tem um plantel....”
15. “Alice resolver virar pecuarista quando herdou do sogro a fazenda [...]”

Representa-se a mulher, Alice, como desempenhando papéis de atividade e autonomia para construir sua carreira e alcançar o cargo, evidencia, assim, a legitimidade em exercer sua profissão e assumir a posição de comando. Entretanto, esse dado demonstra que mesmo que as mulheres sejam qualificadas, a sua presença apresenta-se como exceção.

Portanto, o texto pauta na representação das mulheres como grupo e na exceção feminina, principalmente em posições de comando, no contexto do agronegócio. Demarca, inclusive, o contexto predominante masculino. Nessa perspectiva, analisamos o mesmo texto com base nas categorias da ADC.

#### 4.3.1.3 *Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

Para análise da prática discursiva, a qual envolve processos de produção e consumo textual, Fairclough (2008) afirma haver a inter-relação entre natureza de tais processos e fatores sociais que contribuem para se tenha diferentes tipos de discurso. Para isso, os

contextos sociais de produção e de consumo são importantes no entendimento da inter-relação dos elementos que contribuem para o processo de interpretação textual.

No tocante às condições da prática discursiva, Fairclough (2008) aponta dois aspectos relevantes: o primeiro se refere ao contexto de produção e consumo do texto que pode ser individual ou coletivo; há textos que são transformados em outros textos e se tornam públicos; outros que são individuais e esquecidos; na produção, tanto um texto de autoria coletiva pode receber assinatura individual, como outros textos e “vozes” podem ser acrescentados e apresentados de diferentes maneiras. Outro aspecto relevante se refere aos resultados variados não somente discursivo, mas extradiscursivo que os textos podem apresentar: modificar ou contribuir para a manutenção de atitudes, crenças ou práticas das pessoas. Para a análise desses aspectos da condição de prática discursiva, torna-se relevante questionar:

- A produção e o consumo do texto são individual ou coletivamente?
- Que tipos de efeitos não discursivos possui essa amostra?

O texto apresenta-se como formato de notícia, são mencionados sua fonte, produtor e veículo de comunicação em que foi reproduzido, a saber, respectivamente, artigo de Neila Baldi, reproduzido no jornal Gazeta Mercantil. Portanto, é um texto de circulação ampla, direcionada para um público específico: interessados no contexto de negócios; entretanto, o público direcionado para o texto ‘originalmente’ – brasileiros/as - diferencia-se do público do Livro Didático – estrangeiros/as por isso pode haver a necessidade do compartilhamento de certos aspectos culturais e sociais para o entendimento do texto. Para questões de cunho cultural e social a atividade não sugere questões que para debate, ficando, portanto, a cargo do profissional mediador.

Referente à segunda pergunta a respeito dos efeitos não discursivos da amostra, o texto apresenta caráter informativo e não dialoga com o leitor, por exemplo, a expressão feminina em determinados setores da sociedade, a escolha de veicular aspectos restritos e não panorâmico são informações em que há a necessidade do compartilhamento de certos aspectos culturais e sociais para o entendimento do texto e podem conduzir a leituras enviesadas quanto às representações de mulheres no agronegócio, como a vinculação da exceção na profissão e de posição de comando, a naturalização da questão de raça e o desempenho em determinadas posições e a inexistência das mulheres no agronegócio.

Há no texto marcas de outras vozes, intertextualidade manifesta, explorada de modo a dar credibilidade ao argumento da competência feminina. Há intertextualidade manifesta, evidenciada pelo uso das aspas no qual se destaca o discurso feminino, apresentado por Alice Braga, a respeito da vivência no agronegócio:

16. “ Ser pecuarista é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independente de ser mulher ou homem”

Ressalta-se nesse trecho a busca por posicionar as mulheres na horizontalidade masculina, entretanto, ao usar uma estrutura adversativa após a afirmativa da própria experiência caracterizada de forma diferente “peculiar”, marca tanto a existência da própria experiência diversificada como mulher no meio masculinizado do agronegócio, na pecuária especificamente, como demarca uma perspectiva profissional distinta entre os gêneros. Ser mulher pecuarista é identificar-se, experienciar de maneira distinta da dos homens pecuaristas e, portanto o ponto de vista da profissão não é sentido e vivenciado do mesmo modo, no entanto, diante de um cenário machista, a qualificação e a capacidade profissionais precisam ser frisadas como igual a dos homens.

Diante da amostra apresentada no texto, a experiência como mulher na pecuária é evidenciada como incomum, mas a mulher busca em seguida demonstrar que isso não muda a sua posição profissional e demonstra a necessidade de se legitimar num contexto machista. A necessidade de ser afirmar como tão profissional como os homens advêm de um contexto patriarcal que não a reconhece como legítima.

#### **4.3.2 Texto Multimodal 2 - Magic Paula: a magia feminina no Esporte – Livro Panorama Brasil**

O Texto Multimodal 2 (TM2) – “ Magic Paula: a magia feminina no esporte” é o texto introdutório da Unidade sobre esportes, a unidade integra este tema ao do empreendedorismo e dos negócios, abarcando textos sobre bolsa atleta, o esporte tênis, o ato de colecionar como o esporte, o futebol e a exportação .

A atividade é feita pela leitura do texto “Magic Paula” que diz respeito à vida da esportista com foco na sua atuação no basquete e nas competições, apresentando a trajetória de Paula no basquete, o percurso nas equipes internacionais e competições até a atuação como empresária de Centro de Esportes, e por uma atividade de elaboração de perguntas sobre a vida da atleta. Quanto às partes da composição do texto.

- I. Título da unidade: Esportes
- II. Título do texto: Magic Paula: a magia feminina no Esporte.
- III. Corpo do texto: à esquerda, escrita e à direita, imagem
- IV. Imagem: fotografia de perfil de mulher



#### 4.3.2.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual

A figura 15 evidencia a construção multimodal do texto:

Figura 18 - TM2: Análise da Gramática Visual

**PANORAMA BRASIL**

Participantes Representados: mulher, contexto de esporte.

**UNIDADE 7**  
*Esportes* **IDEAL**

**Magic Paula**  
*A Magia Feminina no Esporte*

Maria Paula Gonçalves da Silva nasceu no dia 11 de março de 1962, em Osvaldo Cruz, cidade paulista de 30 mil habitantes. Em 1976 já era convocada para a Seleção Brasileira de Basquete. Aos 18 anos, transferiu-se para Piracicaba (SP), para defender a Unimep local. Em 1989, foi jogar no Tintoretto, de Madri (Espanha), onde se sagrou vice-campeã. Retornou ao Brasil em 1990 para defender o BCN de Piracicaba. No ano seguinte, recebeu de Fidel Castro a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de Havana, em Cuba. Em 1994, ganhou a medalha de ouro no Mundial da Austrália, e nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, ficou com a de prata. Após 28 anos de trabalho, a atleta encerrou uma das carreiras mais brilhantes do basquete mundial. Em 2005, dirige o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

Fonte: adaptado de entrevista dada à revista da **DADO** em 10 março/2005 **NOVO**

**REAL**

1. Formule perguntas para as respostas dadas por Magic Paula durante a entrevista.

a. Eu tinha uma vida muito saudável, livre, e podia fazer tudo a pé. Sempre fui de brincar e jogar na rua. No clube, queria participar de tudo, xadrez, natação e atletismo; entrava e conseguia pelo menos uma medalha de prata.  
Pergunta: \_\_\_\_\_

b. Eu enxergava o esporte como uma brincadeira. Para mim, jogar basquete era brincar no clube porque, há 30 anos, fazer esporte não era comum para as mulheres.  
Pergunta: \_\_\_\_\_

c. Uma das condições para eu praticar esportes era tirar notas e passar de ano. Meus pais me alertaram para a importância de ter uma profissão.  
Pergunta: \_\_\_\_\_

d. Na minha opinião, o esporte é um meio super-rápido não de afastar ou tirar a criança de situações de criminalidade, mas de poder ajudá-la.  
Pergunta: \_\_\_\_\_

e. Desde o ano 2000 estava atrás de parceiros para o meu Projeto. Apenas no ano passado o "Passe de Mágica" se tornou realidade.  
Pergunta: \_\_\_\_\_

Participantes Interativos: aprendizes; os/as professores/as

À categoria dos **participantes**, apresenta como participantes representados, na parte superior do *layout* da página, a mulher no esporte, a trajetória de uma atleta, ou seja, o assunto da comunicação. Referente aos participantes interativos, para os quais se dirige o texto, são os/as aprendizes e o/a professor/a já que o LD foi composto para eles.

Quanto à categoria **Dado e Novo**, categoria referente ao valor dado à informação na composição espacial (esquerda e direita) do *layout* da página, essa categoria destaca-se na composição do próprio texto que recebe um *framing* que contribui para seu destaque – a cor branca e moldura de recorte de página. À esquerda, que apresenta o “dado”, situa o texto verbal com informações sobre a trajetória de Paula no esporte. À direita, apresentando o “novo”, localiza-se a imagem, a fotografia de Paula, ou seja, a informação não conhecida, a qual o *viewer* deve prestar mais atenção. A imagem apresenta Paula como empresária e não como atleta, focalizando a sua atuação profissional no presente.

Apesar de o texto verbal investir em informações sobre a trajetória de Paula como atleta e ao final apresentar sua atuação como empresária, a imagem a apresenta em outra posição que não como jogadora, mas a de empresária, construindo uma integração com o texto, contribuindo, assim, para a construção de sentidos. A fotografia de perfil, com roupa casual e sorriso atribui leveza à imagem, por outro lado, o braço cruzado contribui para a construção de uma ideia de poder e de defesa femininos.

No tocante à categoria **Ideal e Real**, categoria relacionada ao valor dado à informação quanto à disposição dos elementos na posição superior e inferior da página, podemos considerar que o TM2 localiza-se mais na parte superior, ou seja, revela o “ideal”, a informação considerada como generalizada, já a atividade - composta por elaboração de perguntas com trechos com mais informações sobre Paula - está localizada na parte inferior, revelando o “real”: a informação mais detalhada sobre a trajetória da atleta. A respeito das informações específicas da vida de Paula, há referência a sua presença tanto no ramo esportivo como no empresarial.

No *layout* da página, o texto “Magic Paula” destaca-se, visto que recebe enquadramento e cores diferenciados, dessa forma, percebemos a categoria da **saliência** que, na composição interna do texto, evidencia a imagem, a fotografia de Paula que está em primeiro plano, seu tamanho relativo ao texto verbal, o uso da cor preta – vestuário e cabelo - que dá destaque ao rosto da participante representada, principalmente ao sorriso e ao olhar. A imagem do rosto é nítida e podemos perceber as marcas de expressão em volta do sorriso, os tons avermelhados no canto do rosto e o olhar. Da mesma maneira, as mãos recebem destaque



demonstrando a postura corporal – braços cruzados – que atribuem significado de poder e de defesa por parte da participante.

Dessa forma, embora o texto busque construir uma perspectiva de êxito das mulheres no mundo do esporte e do trabalho, demonstra que se trata de uma exceção, de algo pouco evidenciado, pelo menos, no contexto jornalístico. Dessa forma, em continuação ao processo de análise, utilizamos as categorias propostas por van Leeuwen (2008; 1997) para a Representação dos Atores Sociais.

#### 4.3.2.2 *Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais*

O texto Multimodal 2 “Magic Paula: a magia feminina no esporte” apresenta a trajetória de Maria Paula como atleta do basquete, produzido em terceira pessoa, compartilha informações das conquistas e competições da atleta enquanto integrante da seleção brasileira de basquete. Na figura 19, apresentamos o texto analisado:

Figura 19 – TM2: Análise discursiva

**Magic Paula**  
*A Magia Feminina no Esporte*

Maria Paula Gonçalves da Silva nasceu no dia 11 de março de 1962, em Osvaldo Cruz, cidade paulista de 30 mil habitantes. Em 1976 já era convocada para a Seleção Brasileira de Basquete. Aos 18 anos, transferiu-se para Piracicaba (SP), para defender a Unimep local. Em 1989, foi jogar no Tintoretto, de Madri (Espanha), onde se sagrou vice-campeã. Retornou ao Brasil em 1990 para defender o BCN de Piracicaba. No ano seguinte, recebeu de Fidel Castro a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de Havana, em Cuba. Em 1994, ganhou a medalha de ouro no Mundial da Austrália, e nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, ficou com a de prata. Após 28 anos de trabalho, a atleta encerrou uma das carreiras mais brilhantes do basquete mundial. Em 2005, dirige o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

*Fonte: adaptado de entrevista dada à revista da empresa Kalunga, nº 170, março/2005*

Nesse sentido, como umas das atletas de destaque, Magic Paula é representada no texto como agente único das ações desempenhadas pela seleção, podemos considerar que há **inclusão** de Paula, que é selecionada das outras mulheres que compunham a equipe:

16. “Em 1989, foi jogar no Tintoretto [...] onde se sagrou vice-campeã.”
17. “[...] recebeu de Fidel Castro a medalha de ouro [...]”
18. “ Em 1994 ganhou a medalha de ouro [...]”
19. “ Em 1996, ficou com a de prata[...]”

Dessa forma, o objeto da representação não está no grupo, mesmo que tenha tido participação no processo, mas na mulher especificada. Essa forma de representação – a exclusão de outros atores sociais - bem como a especificação de determinado ator social se justifica pelo fato de o objeto da representação ser uma pessoa específica, apesar de o texto utilizar alguma referência genérica.

Nesse sentido, pelo objeto da representação – um ator social específico – há a representação do ator social pela **Nomeação**, de modo a apresentar nome e sobrenomes, bem como acrescentar detalhes de data de nascimento, naturalidade e informações a respeito da cidade de nascimento. Cabe mencionar que o subtítulo do texto “A magia feminina no esporte”, sugere uma generalização das mulheres como atores sociais.

O texto se configura no pretérito, pontuando as conquistas e ações do ator social marcadas sempre por cronologias e marco temporal, Magic Paula, sendo uma das formas de configuração da **especificação**, a qual corrobora com o objeto do texto – que se destina a apresentar a trajetória de uma mulher específica.

20. “ Em 1975, já era convocada para a Seleção Brasileira de Basquete.”
21. “ Aos 18 anos, transferiu-se[...] para defender a Unimep[...]”
22. “ Em 1989, foi jogar no Tintoretto [...]”
23. “ Após 28 anos de trabalho, a atleta encerrou uma das carreiras [...]”

Conforme os exemplos mencionados, o ator social também é representado de acordo com as atividades que desempenha no contexto do esporte e da competição, diante disso, podemos verificar a ocorrência da **Funcionalização**, tanto em termos da forma com o ator social é mencionado segundo as atividades que exerce como também pelo substantivo “atleta” que denota profissão. Ressaltamos que a identificação pela definição da profissão ocorreu somente uma vez no texto, predominando a ausência de marcação explícita. Acreditamos que essa ausência de demarcação no texto seja uma forma de contribuir para a construção da trajetória profissional das mulheres pautada na exceção de um sistema predominantemente patriarcal.

Nesse sentido, o texto se potencializa, de modo que, conforme a genericização utilizada no título “A Magia Feminina no Esporte” e juntamente com a caracterização de uma trajetória sem identificação explícita, seja possível considerar que a ideia de exceção, sirva como conhecimentos culturais partilhados de forma generalizada ao grupo de mulheres atletas. Nessa perspectiva, prosseguimos a análise do TM2 “Magic Paula: a magia feminina no esporte” com base nas categorias propostas por Fairclough (2008).

#### 4.3.2.3 *Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O texto originalmente foi retirado de uma entrevista e transformado em notícia, aproxima-se de uma nota biográfica, mas a composição textual configura-se para notícias – Título, “lead”, corpo do texto, imagem e enquadramento. Quanto às práticas sociais de produção e consumo do texto, o/a(s) produtor/a(s) não são fornecidos, são apresentadas a fonte e a data de produção do texto: entrevista da Revista da empresa Kalunga, do ano de 2005, pelo formato de texto adaptado, fica evidente que mais de um produtor contribuiu para a produção do texto. Ressalta-se a seleção da ordem cronológica dos acontecimentos e de conquistas em competições, o que conduz à ideia de biografia e ao desempenho feminino brasileiro no esporte.

No que diz respeito às condições de prática discursiva, o público-alvo pode ser grupo ou apenas um único estudante. Sobre os efeitos não discursivos da amostra, o texto tem caráter informativo e não interage com o leitor, entretanto alguns aspectos podem ser levantados: o uso do apelido ‘Magic Paula’ para a atleta, bem como do termo ‘magia feminina’ como referência ao desempenho das mulheres no esporte. Saliento que o nome Magic Paula foi cunhado pelo jornalista esportivo Juarez Araújo<sup>9</sup> em alusão ao jogador Magic Johnson, esse dado é de relevância, pois demarca o referencial masculino para atribuir às mulheres.

Para o entendimento dessa expressão, no contexto de ensino e aprendizagem de língua adicional, é necessário o conhecimento de língua e de cultura e o compartilhamento de aspectos sociais, nos quais tal expressão pode ser redutora de experiências e lutas de mulheres no contexto do esporte. Esses aspectos contribuem para que se configure a imagem das mulheres nesses contextos e de seu percurso profissional vinculado a referenciais masculinos.

Na próxima seção, analisamos o terceiro Texto Multimodal inserido no Livro Novo Avenida Brasil.

---

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.magicpaula.com.br/trajetoria/timeline/> <acesso em 10 de janeiro de 2019>

### **4.3.3 Texto Multimodal 3 - O dia-dia de duas brasileiras - Livro Novo Avenida Brasil**

O Texto Multimodal 3 (TM3) “O dia-dia de duas brasileiras” insere-se na Lição 6 (O dia-a-dia) do Livro Nova Avenida Brasil – Volume I. A unidade a qual pertence TM3 trata de hábitos e rotinas e do relato de ações no passado. É um dos três textos presentes na unidade, a qual aborda a rotina de duas brasileiras e compõe-se de duas partes: primeiro, um relato sobre a rotina de duas brasileiras, o dia-a-dia como mães, a profissão, o trabalho dentro e fora de casa; num segundo momento, apresenta uma conversa de uma das mulheres com o marido e de outra com uma amiga. A atividade é formada pelo texto, por perguntas relativas ao texto e por outra atividade de cunho linguístico desvinculada do TM3.

Quanto aos aspectos dos textos, há um título para cada relato composto por: nome, (somente o primeiro nome) antecedido pela palavra Dona, idade, profissão, quantidade de filhos, no decorrer do texto, há referência à classe, moradia, estado civil. Quanto à organização do texto:

- I. Título da unidade: O dia-a-dia
- II. Título do texto: O dia-a-dia de duas brasileiras.
- III. Corpo do texto: escrito e à direita no topo, imagem.
- IV. Imagem: fotografia de mulher

Passemos à análise do TM3 com base nos pressupostos de Kress e van Leeuwen (2006).

#### **4.3.3.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual**

A composição textual no Texto Multimodal 3 é reforçada pelas seguintes categorias apresentadas na figura 20:

Figura 20 – TM3: Análise da Gramática Visual

Participantes Representados: mulheres brasileiras, contexto cotidiano, relação com a família, família.

**A1 O dia-a-dia de duas brasileiras**

**Dona Cecília, 38 anos, professora e dona-de-casa, 4 filhos.**

Sou professora, e mãe de 4 filhos. Três vezes por semana, dou aulas numa escola particular. Como nossa casa é grande e dá muito trabalho, tenho uma empregada e uma faxineira. As crianças almoçam em casa. Durante a semana, à tarde, elas têm aulas de inglês, de teclado, de judô e de ballet. Eu as levo para lá e para cá o tempo todo. E depois, vou buscá-las. É terrível, mas, o que posso fazer? À noite, geralmente, ficamos em casa; mas, de vez em quando, às 6<sup>as</sup>-feiras, meu marido e eu saímos. Às vezes, quando o tempo está bom, vamos à praia no fim de semana. Temos uma casa lá.

**Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes.**

Moro na periferia, longe do meu emprego. Levanto muito cedo, dou café para minha família e vou trabalhar. Tomo dois ônibus. Chego às 8 horas na casa da minha patroa. Limpo a casa, lavo e passo roupa, faço o almoço e arrumo a cozinha. Às 4 horas, vou para casa. Mais dois ônibus! Em casa, eu tenho muito serviço, mas o que posso fazer? Meus filhos, graças a Deus, já estão trabalhando: dois na fábrica, os outros, num supermercado. O Zeca vai à escola à noite. Ele diz que gosta de estudar.

**IDEAL**

**Dona Cecília conversando com o marido:**

- Puxa! Ainda estou cansada hoje!
- Verdade? Cansada de quê? Ontem você passou o dia inteiro com as crianças.
- Por isso mesmo. Fomos à piscina de manhã, depois almoçamos. À tarde, eles quiseram ir ao cinema. Fomos. E fizemos compras. Depois ainda estivemos na casa da Mônica.
- Não diga. Tudo isso?
- Mas foi bom. Nossa! Como estou cansada!

**Dona Conceição falando com uma amiga:**

- A senhora não foi trabalhar ontem, Dona Conceição?
- Fui trabalhar sim, mas ontem foi um dia diferente. Dona Cecília saiu com as crianças logo de manhã, por isso, tive menos trabalho. Não fiz o almoço e fui para casa mais cedo. Foi muito bom! Finalmente, pude pôr minha casa em ordem.

**DADO**      **NOVO**

---

**A2 Rotinas**

1. O que você sabe sobre Dona Cecília e Dona Conceição? Preencha o quadro e fale sobre o dia-a-dia delas.

	Dona Cecília	Dona Conceição		Dona Cecília	Dona Conceição
idade			outras atividades		
filhos					
profissão					
horário de trabalho			atividades das crianças		

**REAL**

Participantes Interativos: aprendizes; os/as professores/as

No tocante à categoria **Participantes**, como participantes representados estão hábitos de mulheres brasileiras, estrutura familiar brasileira. A categoria dos participantes representados, referente ao assunto sobre a qual se produz o texto, o TM3 refere-se a duas mulheres brasileiras vinculadas à maternidade, ao estado civil, à profissão e à classe. As duas mulheres são apresentadas com semelhanças, como a maternidade e atreladas às tarefas domésticas na casa, entretanto, é por meio da classe e da raça que se atenuam as principais diferenças na rotina. Na parte inferior do *layout* da página, na atividade referente à leitura do texto, podemos verificar os participantes interativos, que interagem com o texto por meio da atividade de extração de informações e de resumo.

A categoria de **dado e novo**, que diz respeito à posição dos elementos no *layout* da página e a relação de informações consideradas familiares, conhecidas à esquerda; e de informações não completamente compartilhadas, a qual deve-se prestar mais atenção, à direita. Podemos verificar que o texto sobre Cecília - mulher de classe média, professora e dona de casa - à esquerda, situa-se como o dado, e que os/as produtores/as consideram como perfil e informações compartilhadas a respeito das mulheres e das brasileiras; por outro lado, verificamos, à direita, o texto sobre Conceição - mulher negra, de classe baixa e empregada doméstica - como informação considerada pouco conhecida, que pode corroborar com construções estereotipadas sobre as mulheres.

De modo relacionado à categoria de participantes, podemos verificar, quanto ao *layout* da página e o valor dado à informação, a categoria do **Ideal e Real**. Na parte inferior da página, referente ao real, podemos observar a atividade de leitura sobre o texto, ou seja, as informações pelas quais se considera que os/as aprendizes devem detalhar e especificar. O exercício sugere uma comparação entre as duas mulheres: pela perspectiva de raça e classe traçam-se as diferenças. Na parte superior do *layout* da página, associada ao ideal, está o texto multimodal, ou seja, a informação dada como generalizada, a rotina de duas mulheres brasileiras de classes diferentes.

Referente à categoria de **saliência**, o título do texto verbal escrito está em primeiro plano, contendo informações genéricas sobre as mulheres - nome, idade, profissão, quantidade de filhos. As fotografias estão em segundo plano, são pequenas e pouco nítidas, por outro lado, representam as mulheres segundo a profissão - Cecília como professora e Conceição como empregada doméstica. A fotografia de Cecília é menor, o rosto não tem destaque, o ambiente é pouco perceptível, mas infere-se que seja uma sala de aula, pelo quadro ao fundo, a postura de Cecília. A fotografia de Conceição é maior, apresenta o



ambiente de trabalho e sua ação realizada mais evidente, a cozinha, percebida pela pia, azulejo, lavagem de alfaces.

Os produtores selecionaram o que consideraram o mais representativo do dia-a-dia das mulheres brasileiras, entretanto essa representação configura as mulheres em papéis específicos de dona de casa e mãe, bem como figura as mulheres de acordo com raça e classe. A modalidade imagética, nesse sentido, tem importante papel na configuração dessas imagens, pois traça o perfil de como são e o que fazem essas mulheres.

Para dar continuidade ao processo de análise, utilizamos a aplicação das categorias propostas por van Leeuwen (2008; 1997) para o mesmo texto.

#### 4.3.3.2 Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais

Para análise das próximas categorias, consideramos o texto apresentado na figura 21:

Figura 21 – TM3: Análise Discursiva

**O dia-a-dia de duas brasileiras**

**Dona Cecília, 38 anos, professora e dona-de-casa, 4 filhos.**

Sou professora, e mãe de 4 filhos. Três vezes por semana, dou aulas numa escola particular. Como nossa casa é grande e dá muito trabalho, tenho uma empregada e uma faxineira. As crianças almoçam em casa. Durante a semana, à tarde, elas têm aulas de inglês, de teclado, de judô e de ballet. Eu as levo para lá e para cá o tempo todo. E depois, vou buscá-las. É terrível, mas, o que posso fazer? À noite, geralmente, ficamos em casa; mas, de vez em quando, às 6<sup>as</sup>-feiras, meu marido e eu saímos. Às vezes, quando o tempo está bom, vamos à praia no fim de semana. Temos uma casa lá.

**Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes.**

Moro na periferia, longe do meu emprego. Levanto muito cedo, dou café para minha família e vou trabalhar. Tomo dois ônibus. Chego às 8 horas na casa da minha patroa. Limpo a casa, lavo e passo roupa, faço o almoço e arrumo a cozinha. Às 4 horas, vou para casa. Mais dois ônibus! Em casa, eu tenho muito serviço, mas o que posso fazer? Meus filhos, graças a Deus, já estão trabalhando: dois na fábrica, os outros, num supermercado. O Zeca vai à escola à noite. Ele diz que gosta de estudar.

**Dona Cecília conversando com o marido:**

- Puxa! Ainda estou cansada hoje!
- Verdade? Cansada de quê? Ontem você passeou o dia inteiro com as crianças.
- Por isso mesmo. Fomos à piscina de manhã, depois almoçamos. À tarde, eles quiseram ir ao cinema. Fomos. E fizemos compras. Depois ainda estivemos na casa da Mônica.
- Não diga. Tudo isso?
- Mas foi bom. Nossa! Como estou cansada!

**Dona Conceição falando com uma amiga:**

- A senhora não foi trabalhar ontem, Dona Conceição?
- Fui trabalhar sim, mas ontem foi um dia diferente. Dona Cecília saiu com as crianças logo de manhã, por isso, tive menos trabalho. Não fiz o almoço e fui para casa mais cedo. Foi muito bom! Finalmente, pude pôr minha casa em ordem.

Fonte: LIMA, ROHEMANN, et al. (2008, p. 44)

Há, no Texto Multimodal 3 (TM3) “O dia-a-dia de duas brasileiras”, **genericização e especificação**, os quais se referem a escolha de referência genérica (classes e grupos) ou específica (indivíduos identificáveis) na representação de atores sociais. A presença de numerativos pode indicar referência específica, no TM3 é evidenciada no título: “O dia-dia de duas brasileiras”, indica, pois, que, num grupo de atores sociais, mulheres e brasileiras serão especificados e identificadas.

E como forma de mencionar às duas brasileiras, há casos de especificação dos atores sociais pelo processo de **Nomeação**. No texto, as mulheres são mencionadas como indivíduos identificados por uma série de dados:

24. “ Dona Cecília, de 38 anos, professora e dona de casa, 4 filhos”
25. “ Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes”

A identidade das mulheres é especificada como forma de identificar esse grupo e inserir uma série de classificações a seu respeito - nomeação, idade, funcionalização (profissão, ocupação), filiação - serve, assim, como forma de identificação geral do grupo de mulheres e brasileiras. Essa forma de especificação utilizada pode, no contexto de ensino e aprendizagem de língua adicional, induzir a algumas generalizações ou equívocos quanto à relação entre as formas de ser e vivenciar o mundo por mulheres brasileiras.

Nesse ínterim, podemos depreender no texto a **Identificação e Funcionalização** como categorias utilizadas para a construção da representação da mulher no texto, são tipos de categorização, no qual os atores sociais podem ser referidos a atividades que exercem, por meio da funcionalização, e podem ser referidos de acordo com aquilo que são, por meio da identificação. A identificação distingue-se em 3 tipos – classificação, Identificação Relacional e Identificação física - dentre elas temos a classificação, processo pelo qual os atores sociais são referidos em termos das principais categorias pelas quais uma determinada sociedade ou instituição diferencia classes de pessoas – sexo, raça, classe social, orientação sexual, religião etc. Nos seguintes excertos ocorre a utilização da **funcionalização** e da **identificação** por classificação:



26. Dona Cecília, 38 anos, professora e dona de casa, 4 filhos”
27. “Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes.”
28. “Sou professora e mãe de 4 filhos.”
29. “Moro na periferia, longe do meu emprego [...]”

As mulheres brasileiras nesses exemplos são funcionalizadas e classificadas segundo idade, profissão, filiação, classe social e parentesco, categorias vinculadas às formas patriarcais de representar e identificar mulheres. A escolha para tais classificações conduz a leitura de que as mulheres são definidas em relação à profissão ou ocupação (no texto, todas são referenciadas a tarefas do lar), à maternidade e ao papel de esposa. Essa forma de representação corrobora para que se mantenha a naturalização dos modos de ser e de vivenciar o mundo, de identificar a si e aos outros, no qual a experiência de ser e de conhecer mulheres brasileiras está imbricada ao desempenho da maternidade, da mulher do lar e da esposa. O questionamento sobre essa forma de representação não está associada aos papéis desempenhados pelas mulheres, mas a tendência social e história de restringir a representação aos papéis de mãe e dona de casa principalmente.

Corroboram, portanto, para que se mantenha a conexão mulher-mãe-esposa, do marido como provedor da casa e a naturalização desses papéis. Da mesma forma, a classe social é utilizada nas diversas classificações da sociedade brasileira, no texto, é colocada como tópico frasal, servindo, assim, como informação importante para definir as mulheres (atores sociais), especificá-las, diferenciando-as das outras mulheres. No discurso de Dona Conceição, a primeira informação se refere ao local de moradia – a periferia, quanto à Cecília, não é dado, porém, o/a aprendiz pode inferir que seja de outra classe. No seguinte trecho, a classe não ocorre pela nomeação, mas por uma série de atributos que ficam implícitos sua classe social:

30. “Como nossa casa é grande e dá muito trabalho, tenho uma empregada e uma faxineira”

Nesse caso, o compartilhamento de conhecimentos socioculturais do Brasil é importante para a condução dessa leitura: pertencer a determinada classe está relacionado ao *status* material, definido, no texto, pelo “possuir”/ ter: possuir casa grande e “possuir” funcionários para auxiliar na casa. Por outro lado, a mulher de periferia, Conceição, sua classificação de classe social não se realiza pelos elementos possuídos, mas pela identificação

de pertencimento e moradia – a periferia, assim, é a primeira informação a ser apresentada e, portanto, elemento condutor para a leitura do texto e construção de implícitos culturais.

Esse dado conduz a leitura de que a representação das mulheres brasileiras está, por um lado, pautada no compartilhamento de características reforçadas e naturalizadoras – maternidade, filiação, vínculos ao lar – e indistintas na questão de classe. Por outro lado, está pautada nas diferenças de classes sociais, em que contribui para a distinção de características referentes à classe: hábitos de lazer, trabalho e estudo, por exemplo.

#### *4.3.3.3 Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O Texto Multimodal 3 “O dia-a-dia de duas brasileiras” apresenta a rotina de duas brasileiras por meio de depoimento/comentário e de conversação informal. As duas mulheres apresentam características semelhantes e diferentes, a semelhança está no papel desempenhado de ser mãe e de ser dona de casa, a diferença perpassa pelas questões de classe, filiação, estado civil e raça.

O texto conduz a inferências a respeito das diferenças de classes sociais entre as mulheres, interseccionando a aspectos de raça, maternidade e estado civil. Visto que os hábitos e as identificações induzem a leitura sobre classe social, a modalidade imagética constroem o sentido vinculado à raça.

Para a compreensão da prática discursiva, duas questões precisam ser respondidas:

- A produção e o consumo do texto são individual ou coletivamente?
- Que tipos de efeitos não discursivos possui essa amostra?

Quanto à primeira pergunta, não há referência ao produtor do texto, podemos considerar que seja uma produção para fins didáticos e, portanto, a produção se deu coletivamente, visto que o LD Novo Avenida Brasil apresenta mais de um produtor. O consumo poderá ser individual ou coletivo, a depender da modalidade de aula adotada.

Referente à segunda pergunta, visto que o texto constitui imagens sobre as mulheres, demarcando papéis específicos ao ser mulher negra e ser mulher branca, todas as modalidades orquestram essas informações para que o sentido seja construído, demarcando o que se entende, no texto, pelo papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade brasileira. Entretanto, todos esses aspectos perpassam por visões patriarcais na representação das mulheres.

Na próxima seção iniciamos a análise do Texto Multimodal 4 pertencente ainda à coleção Novo Avenida Brasil.

#### ***4.3.4 Texto Multimodal 4 - A vida da mulher: antigamente era melhor? - Livro Novo Avenida Brasil***

O Texto Multimodal (TM4) “A vida da mulher: antigamente era melhor?” localiza-se na Lição 2 do Livro Novo Avenida Brasil – Volume 2. Integra-se como um dos 3 textos da unidade, a qual é composta por um texto que apresenta alguns direitos dos trabalhadores retirados da Constituição Federal; e por outros dois textos cujo tema refere-se à mulheres.

A atividade destinada ao texto considera a habilidade de leitura e de condução de opinião e argumentação. Apresenta a mulher em diferentes papéis desempenhados em esferas diferentes da sociedade – trabalho, casa, família, além disso, é pautado pelo marco temporal “presente e passado” – as mulheres de hoje e as mulheres de antigamente. A organização textual realiza-se da seguinte maneira:

- V. Título da unidade: Trabalho
- VI. Título do texto: A vida da mulher: antigamente era melhor?
- VII. Corpo do texto: imagem, ao topo superior, escrita.
- VIII. Imagem: mulheres em diferentes papéis.

Na seção seguinte, analisamos o texto com base nos pressupostos de Kress e van Leeuwen (2006).

##### *4.3.4.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual*

Na figura 22, destacamos as categorias apresentadas por Kress e van Leeuwen (2006) no texto:

Figura 22 – TM4: Análise da Gramática Visual

**A4 A vida da mulher: antigamente era melhor?**

Ouçã a gravação e dê a sua opinião.

**IDEAL**

**REAL**

Participantes Interativos: aprendizes; professores/as

Pressão dobrada: no escritório, o chefe em casa, a família

Antigamente, era melhor: A mulher f... casa e cuidava só da família.

• O que você acha disso?  
• Eu não concordo. Acho que antigamente a vida da mulher era mais difícil. A mulher trabalhava ...

Trabalho dobrado: trabalho no escritório. Depois, mais trabalho em casa.

Antigamente, era melhor: a mulher tinha mais tempo.

Tensão, tensão tensão! A mulher compete com os homens e com as outras mulheres.

Antigamente, a mulher era mais feliz. A vida para ela era mais tranquila.

**DADO** **NOVO**

14 Participantes Representados: mulher em relação histórica, com contexto do trabalho, em casa, na família .

Na categoria de **Participantes**, como participantes representados, está a mulher, apresentada de forma generalizada, sua relação com trabalho fora de casa, dentro de casa, suas relações com a família, com filhos e com o mercado de trabalho – chefe, homens e outras mulheres – na atualidade e no passado, há também a representação de tempo colocado como idealizado. O trabalho é apresentado como ambiente de conflito gerado pela competição com outros homens, com outras mulheres e pelas relações de poder desiguais; na família é caracterizada como mãe, esposa, cuidadora da casa.

Destacamos que como participante representado, temos as mulheres e suas relações com diversos aspectos da sociedade, entretanto, essa mulher situada no percorrer do tempo é uma mulher muito específica: é branca, heterossexual, de classe média-alta e da mesma forma se configura a estrutura familiar e o contexto de trabalho. Esse dado evidencia que a construção do texto multimodal não se realiza de forma neutra e desvinculada do contexto social. O/a produtor/a selecionou o que considera ser mais apropriado para representar a mulher e sua relação com a sociedade, no entanto sua escolha não somente está associada a aspectos sociais e culturais, mas também é influenciada por processos ideológicos e de poder, configurando uma visão calcada em estruturas patriarcais, racistas e heterossexuais.

Ao passo que como participantes interativos, estão os/as aprendizes e os/as professores/as que são convidados a interagir opinando sobre os participantes representados.

Destaca-se a categoria **Dado e Novo**, o que está à esquerda é definido no TM4 pelo que representa a atualidade, perceptível tanto pela linguagem verbal como pela imagética expressando ações compartilhadas por muitas mulheres atualmente – apresenta, portanto, o “dado”, ou seja, são informações consideradas como compartilhadas: a dupla ou tripla jornada da mulher, “a competitividade” com homens e entre mulheres. As informações contidas no lado esquerdo servem como ponto de partida da mensagem, o que, de certa forma, revela o “acordado” entre produtores/as e *viewers*, como a mulher no trabalho, nas atividades de casa, como mãe, e dentro dessas ações, evidenciam-se aspectos negativos na maternidade e no trabalho.

Por outro lado, o lado direito é marcado pelo ressaltar de aspectos “positivos” marcado por meio da linguagem verbal e pelas imagens, revelando o “novo”, no qual situa as informações que se deve prestar mais atenção, destacam-se a marcação do passado durativo, a vinculação da mulher à casa, à maternidade, como mãe e esposa feliz e a presença do homem em predominância, marcando a estrutura familiar.

O interessante é que o quadrinho, ao situar um presente idealizado à esquerda e um passado idealizado à direita, interage com a ideia de construção histórica linear de passado e

presente e assim de progresso, invertendo a possibilidade dessa lógica e sugerindo a ideia de que o presente é um retrocesso.

Podemos observar na figura 23, na composição do TM4, as categorias **Ideal e Real**, cada quadrinho apresenta a estruturação em que a linguagem verbal está situada acima e a imagem abaixo, dessa maneira, configura para que as frases introdutórias de cada quadro seja apresentada como “ideal”, como a informação generalizada, e que as imagens, logo abaixo, construirão o “real” com a informação mais detalhada e conduziram a um determinado significado da mensagem.

Figura 23 – TM4: Ideal e Real



Fonte: LIMA, ROHRMANN, *et al.* (2009, p. 14)

Podemos perceber que na figura 23 a parte superior predomina a linguagem verbal e configura-se como informação generalizada e idealizada, sendo, portanto, o “ideal”, ou seja, no quadrinho do lado esquerdo podemos compreender que as mulheres vivenciam pressão dobrada atualmente pelo chefe no trabalho e pela família em casa. À medida que é por meio da imagem - o “real”- que a informação toma sua forma, significando como e por quem a pressão se realiza: por um chefe com comunicação agressiva e pelo estresse com os filhos no processo de educação.

Ao passo que no quadrinho do lado direito (configurado como o “novo”), a informação que está acima, também idealizada, realiza-se pela expressão verbal “Antigamente, era melhor: a mulher ficava em casa e cuidava só da família”. Por outro lado, ficar em casa e “só” cuidar da família é especificado pelo que é construído como “real”: todas as informações apresentadas pelo imagético como ser mãe, cuidar dos filhos, cozinhar e servir o marido; nesse caso, cuidar ‘só’ da família se traduz como servir ao marido, exercer os papéis de mãe, esposa e cuidadora do lar.

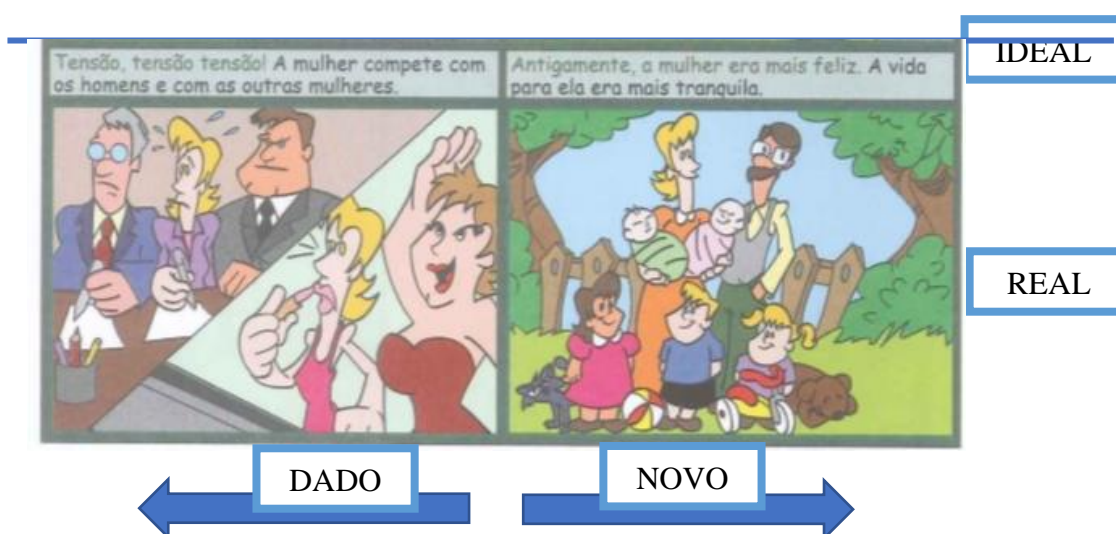
Na figura 24 também podemos observar as categorias Ideal e Real na construção dos sentidos e na composição dos significados. Conforme apresentado, no “ideal”, a parte superior

do quadrinho, predomina a linguagem verbal e a informação generalizada; o “real” é caracterizado pelo imagético, fazendo com que a informação seja detalhada. Dessa forma, a mensagem idealizada “*Tensão, Tensão, Tensão! A mulher compete com os homens e com outras mulheres*” é detalhada predominantemente pelo imagético na medida em que significa como e onde a tensão se realiza e qual o objeto da competição, assim sendo, a tensão se dá por meio da competição tanto no trabalho quanto na vida pessoal.

Dessa forma, no contexto de trabalho, a imagem da mulher aparentemente espremida por dois homens simboliza que a tensão se realiza pela “disputa” por espaço no mercado de trabalho, no qual a disputa não se dá com equidade, o mercado é fechado e a mulher “força” sua inserção. Já na vida pessoal, a tensão é gerada pela competição entre mulheres por beleza, o que é simbolizado pelo ato de estar em frente a um espelho passando batom e arrumando o cabelo; é evidenciado que a tensão é um problema somente para a personagem principal enquanto que a outra não é afetada.

O quadrinho ao lado direito apresenta como “ideal” a frase situada na parte superior “Antigamente, a mulher era mais feliz. A vida para ela era mais tranquila”, a informação a respeito da vida da mulher antigamente é idealizada para a construção de aspectos positivos. O significado de ser “mais feliz” e “mais tranquila” se expressa no quadro abaixo pela modalidade imagética, em que a felicidade e tranquilidade são expressas pela constituição de família tradicional – casal heterossexual com filhos, pela maternidade, pelo papel de esposa num ambiente “acolhedor” - a natureza.

Figura 24 - TM4 : Ideal/ Real e Dado/Novo





Portanto, todos os quadrinhos à esquerda, significam o tempo presente que é simbolizado por mais de uma tarefa e atividade exercidas pela mulher, ao mesmo tempo, apontam de forma não reflexiva e crítica para a estrutura patriarcal vivenciada pelas mulheres, além de não dar legitimidade às conquistas das mulheres.

Da mesma forma que os quadrinhos à direita significam o passado, apresentam também uma forma calcada no patriarcal para definir os papéis da mulher, ser mãe, ser esposa, dona de casa e se dedicar à maternidade. Assim, ao passo que busca construir como melhor a vida em que algumas mulheres - os participantes representados – desempenhavam /am esses papéis evidencia o papel do homem como núcleo da estrutura familiar e sua ausência na contribuição de papéis em casa, como pai ou como marido, os quais não são questionados.

Para a compreensão dos significados expressos nos quadrinhos e sua relação com as categorias acima apresentadas, a categoria de **saliência** contribui para um entendimento mais aprofundado, a seleção de cores e o tamanho na composição da imagem faz com que alguns elementos recebam mais importância que outros. Os quadrinhos do lado direito são compostos por cores mais vivas, tanto os elementos de primeiro plano – a mulher, a família– como o plano de fundo.

Na composição do plano de fundo, duas cores ressaltam para que se construa a ideia de aconchego e de tranquilidade: o uso da cor azul - presente na representação do céu ( 1º e 3º quadrinho) e no quadro de parede com desenho de mar calmo em tons de azul (1º e 2º quadrinho) – e o uso da cor verde bem intensa expressa nas paisagem natural do último quadrinho. Já como primeiro plano, no primeiro quadrinho, está a mulher servindo o marido e segurando o filho, a cor rosa intensa do vestido contribui para atrair mais atenção para a mulher que expressa tranquilidade e felicidade em suas ações; no segundo quadrinho, em fundo cinza, busca-se evidenciar a mulher na vida tranquila, em descanso, para isso, o uso do rosa da poltrona e do verde do vestido e dos sapatos atraem o olhar para a posição da mulher em descanso – pernas esticadas, poltrona reclinada, ao mesmo tempo que esse sentido é reforçado pelo amarelo do tapete e da presença do cachorro que fazem com que se dê mais importância ao momento da mulher. Ao passo que no terceiro quadrinho, o foco se dá na mulher realizada em família, o verde forma uma moldura em torno da família, atraindo atenção para a constituição familiar, a família é o elemento central.

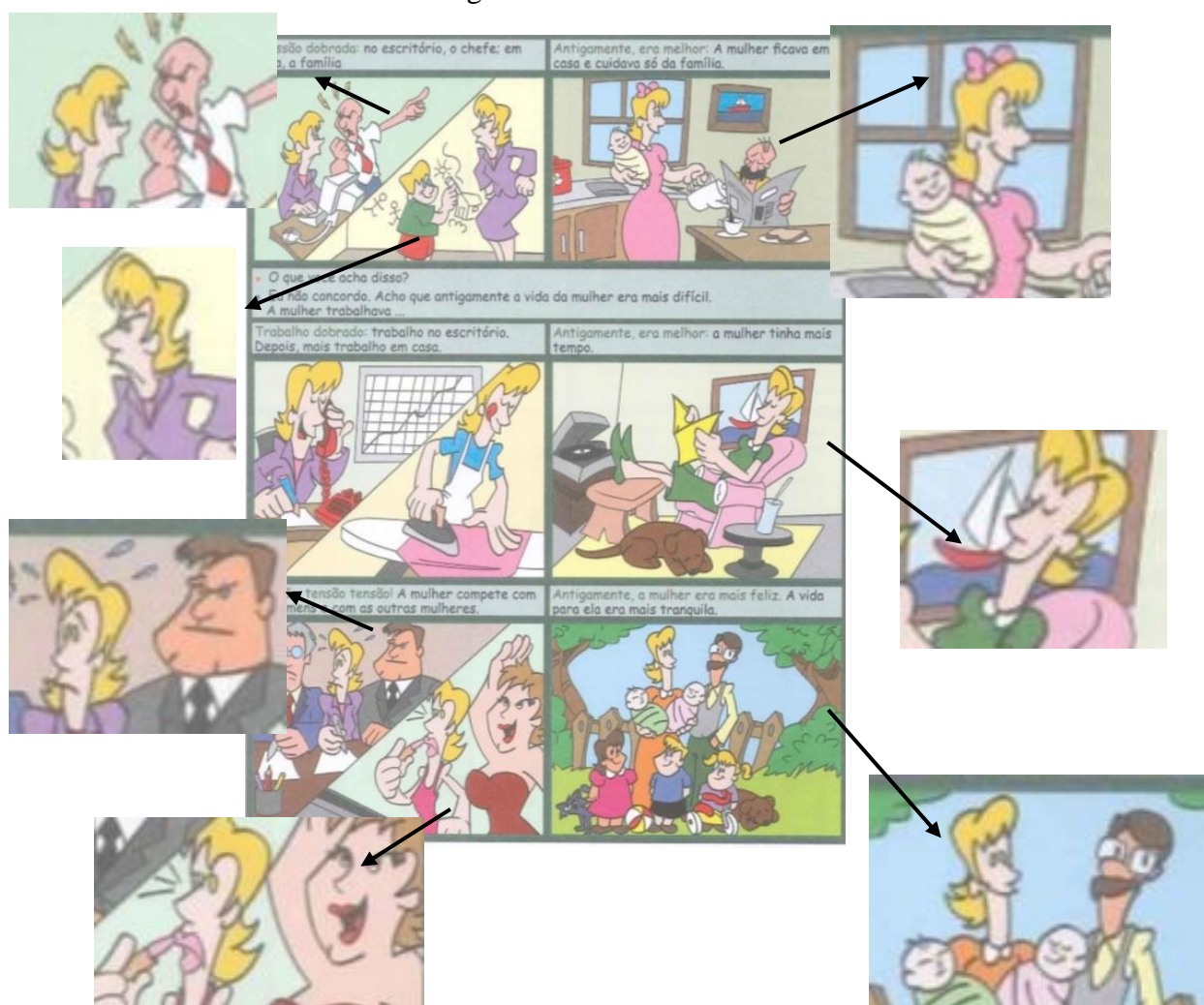
As expressões faciais também apresentam maior saliência, as marcas do rosto de descontentando da mulher no TM4 são expressas com nitidez e funcionam como forma de



representação dos sentimentos das mulheres e de suas visões e reações a diferentes ações, exercidas em contexto sociais e históricas específicas.

A forma como a mulher representada no quadrinho reage é demarcada em relação ao marco temporal, em que como podemos observar na figura 25 expressões que demonstrem contentamento e satisfação por meio do sorriso estão situadas nas vivências do passado, ao passo que expressões de insatisfação marcam predominantemente as experiências do presente. Colaboram, assim, para que se construa a representação de vivências consideradas negativas - tensão, competição, trabalho excessivo - e positivas - família feliz, maternidade, dedicação ao lar - ao olhar não somente do produtor, mas das próprias mulheres.

Figura 25 - TM4: Saliência



Podemos perceber, assim, que com a interação entre os modos, a construção de sentidos direciona para deslegitimar as conquistas das mulheres, para a construção das mulheres e de seus êxitos pautados numa lógica patriarcal, em que da mesma forma que predomina “a mulher feliz” relacionada ao lar, ao marido e aos filhos, predomina o acesso a outros espaços e papéis considerados no texto como negativos.

Em ampliar o processo de análise passamos para as categorias da Representação dos Atores Sociais.

#### 4.3.4.2 *Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais*

O Texto Multimodal 4 é titulado como “ A vida da mulher: antigamente era melhor?” , podemos verificar que há no título **Genericização e especificação**, modo pelo qual os atores sociais podem ser representados como classes ou como indivíduos específicos. A genericização pode ser marcada pelo uso do singular da palavra com artigo definido ou indefinido e/ou pelo uso de tempo verbal que expresse ações habituais. No texto temos:

30. “A vida *da mulher*: antigamente era melhor?”
31. “[...] A mulher ficava em casa e cuidava só da família.”
32. “ [...] A mulher tinha mais tempo.”
33. “ [...] A mulher compete com os homens e com as outras mulheres”

Podemos perceber que a referências às mulheres ocorre de modo genérico, pelo uso do singular da palavra “mulher” e do artigo definido “a” – no exemplo 30, há contração com a preposição “de” - bem como pelo uso, do presente e do pretérito imperfeito, tempos e aspecto que denotam ações habituais.

Contribui, assim, para que as mulheres sejam referenciadas como grupo homogêneo, no qual as diferentes vivências de mulheres e suas inter-relações com classe, raça, gênero, sexualidade não sejam consideradas e compartilhadas. Ademais, o processo de ensino corrobora para que se construa uma percepção pouco reflexiva e crítica da diversidade de experiências das mulheres.

A **distribuição de papéis** é outra categoria para demarcar as mulheres como grupo homogêneo, ao mesmo tempo em que a coloca desempenhando papéis. A ativação ocorre nas seguintes trechos do texto:

34. [...] A mulher ficava em casa e cuidava só da família.  
 35. [...] A mulher compete com os homens e com outras mulheres.

A forma de colocar a mulher como ativa em duas situações e tempos distintos, além de reduzir e de definir a experiência da chamada dona de casa “a ficar em casa” e a “de cuidar da família”, restringe as experiências das mulheres no passado à casa e à família heterossexual patriarcal.

Da mesma forma que colocar a mulher como ativa no processo de competir (exemplo 35) faz com que se suponha uma ideia do homem como objeto do processo e não como parte ativa do processo, no qual as mulheres que competem com homens e não homens que competem com mulheres ou homens e mulheres competem entre si. Tal demarcação é importante, pois faz sugerir que o espaço e papéis sociais requeridos ou ocupados por mulheres não sejam legítimos. O competir com outras mulheres restringe e define a inter-relação entre mulheres a competição e por beleza, desconsiderando, por exemplo, as vivências de sororidade.

Portanto, todos esses aspectos contribuem para que se construa no texto a representação das mulheres de forma generalizada segundo viés patriarcal, no qual, como atores sociais as mulheres desempenham atividades específicas como dona de casa, esposa, mãe. Nessa perspectiva, analisamos o mesmo texto com base nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica.

#### 4.3.4.3 *Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O texto Multimodal 4 caracteriza-se como uma tirinha, gênero por primazia constituído por sátiras, ironias, sarcasmos, seu propósito comunicacional é constituído por críticas a valores, comportamentos e hábitos sociais e culturais. Em conjunto, a atividade inserida no texto conduz a produção de opinião. Destarte, o texto trabalha com a articulação de modos de ser, viver e experienciar o mundo pelas mulheres dum ponto de vista externo e particularizado.

Consideramos, portanto, que o TM4, por meio da tirinha, é meio para que se possa argumentar, construir críticas a respeito dos modos de viver no mundo por algumas mulheres. Ao contrário de uma reportagem que normalmente precisa-se de outros recursos para a construção de críticas, por exemplo. Dessa forma, a seleção não é neutra, o gênero escolhido é espaço para se desenvolver ironia, para que se questione e critique questões sociais e de valor. A problemática talvez resida na não condução de crítica e opinião sobre aspectos que

reforçam a desigualdade de poder entre os gêneros ou o desempenho de determinados papéis destinados às mulheres.

Diante do exposto e do objetivo de compreender as condições da prática discursiva, é necessário responder a duas perguntas:

- A produção e consumo do texto é individual ou coletiva?
- Que tipos de efeitos não discursivos possui essa amostra?

A respeito da primeira pergunta, o público-alvo do TM4 presente no LD pode ser para aulas em grupo ou individuais, mulheres ou homens, o que corroborará com diferentes maneiras de interpretar o texto. Quanto à produção, os/as produtores são desconhecidos, não há identificação, entretanto, o estilo dos desenhos do TM4 segue a mesma linha dos desenhos utilizados nos Livros didáticos, que são produzidos por Pergaminno Design( conforme a descrição da edição) trata-se, portanto, de uma empresa a qual deve seguir uma linha de produção composta por mais de um produto e pela indicação dos produtores do Livro Didático Nova Avenida Brasil que da mesma forma, fazem parte no processo de produção.

Ressalta, no texto, o uso de representação de aspectos ‘negativos’ a respeito vida das mulheres na atualidade, em oposição ao no passado, ao qual é caracterizado pelo “melhor”, pelo “positivo”. Essas escolhas, por um lado, romantiza a vida das mulheres que aderem ao ser dona de casa, mãe e esposa (conforme toda a apresentação do texto), pelo qual estresse, trabalho e pressão dobrados, tensão e outros não perpassam essa vida, por outro lado, a marcação do texto sobre a vida das mulheres na atualidade é desenvolvida com base em aspectos extremamente negativos advindos do direito ao trabalho fora de casa, do mesmo modo, o texto não somente suprime a experiência das mulheres como também escamoteia as lutas feministas de conquista do trabalho.

Quanto aos efeitos não discursivos, a amostra conduz a argumentação e a produção de opinião do/a leitor, a tirinha, de forma irônica, caracteriza a vida das mulheres em bom e ruim em relação ao tempo e a papéis bem definidos. É nesse contexto que o texto tende a naturalização de afirmativas, avaliações e caracterizações, pois é necessário que o público estrangeiro tenham um nível mínimo intermediário para emitir opiniões, argumentos contrários e réplicas. Nesse sentido, além do texto corroborar com avaliações, afirmações e significações a respeito das mulheres, a língua torna-se limitante ao agir e interagir no mundo e o/a aprendiz não atuando como agente no processo de ensino e aprendizagem na língua-alvo.

Destacamos, ademais, que a língua escrita apresenta a mensagem de forma generalizada, no qual a utilização de avaliações como afirmações soam como verdades

universais, os quais contribuem não somente para a naturalização dos papéis de gêneros estabelecidos segundo uma ótica, mas para o não questionamento das relações de poder, de forças e embates entre os gêneros. Na próxima seção, analisamos outro texto pertencente à Coleção Novo Avenida Brasil.

#### ***4.3.5 Texto Multimodal 5 - A Mulher no Mercado de Trabalho - Livro Novo Avenida Brasil***

O Texto Multimodal (TM5) “A Mulher no mercado de trabalho” localiza-se na Lição 2 do Livro Novo Avenida Brasil – Volume 2. Integra-se como um dos 3 textos da unidade, a qual é composta pelo TM5, pelo Texto “ A vida da mulher: antigamente era melhor?” e por um texto sobre direitos dos trabalhadores segundo a Constituição Federal.

O texto apresenta de forma geral e panorâmica o tema ‘mulher’ e mercado de trabalho. O formato é de artigo de jornal ou revista, dando assim, no contexto de língua adicional caráter informativo. A atividade de leitura dos textos destina-se a extração de informações do texto, de correlações de informações e, ao final, de produção oral destinada à conversação sobre a experiência do/a aprendiz no primeiro emprego e sobre a relação mulheres e trabalho - profissões e atividades desempenhadas por mulheres nos países; questões salariais em comparação aos homens. Conforme apresenta a figura 26 na próxima página.

Quanto às partes da composição do texto:

- IX. Título da unidade: trabalho
- X. Título do texto: A mulher no mercado de trabalho
- XI. Corpo do texto: escrito
- XII. Imagem: ausente.

Figura 26 – TM5: “A mulher no mercado de trabalho”.

**D1 A mulher no mercado de trabalho**

1. Leia os textos.

**A**té algumas décadas atrás, não cabia à mulher ganhar o sustento da casa. O marido era o grande provedor. As viúvas ou as mulheres da elite empobrecida, para sustentar-se e a seus filhos, faziam doces e roupas por encomenda, arranjos de flores, bordados, davam aulas de piano ...

Essas atividades, no entanto, não eram muito valorizadas e, geralmente, eram malvistas pela sociedade. Mas, a partir dos anos 70, as mulheres foram conquistando, com muita determinação, um espaço maior no mercado de trabalho.

Atualmente, no Brasil, as mulheres são 44% da força de trabalho. Deixaram de ser apenas parte da família para, em muitos casos, tornar-se o comandante dela: 50% das mulheres que trabalham são responsáveis únicas por seu lar e sua família. Essa evolução deve-se, em grande parte, à redução da família brasileira: há 40 anos eram 6,3 filhos por mulher; agora são 1,8.

Esse fato possibilitou à mulher estudar mais tempo, e dedicar-se a outros papéis, além do papel de mãe e dona de casa, o que faz muito bem a sua autoestima.

Apesar disso, ainda 90% das mulheres que trabalham têm uma segunda jornada.

**N**a área do trabalho feminino, há dois pontos extremamente negativos. O primeiro é que a mulher que trabalha tem rendimentos menores que o homem, os dois trabalhando na mesma função – 30% menos do salário masculino, notadamente em atividades menos qualificadas. O segundo é que é difícil para a mulher conquistar altos postos. Para alcançá-los ela precisa provar que sua competência é maior do que a de todos os seus concorrentes homens. Percebe-se nisso preconceito que dificulta seu progresso na carreira. Vai levar ainda algum tempo para que ela seja, finalmente, aceita, sem restrições no mercado de trabalho e possa desenvolver-se ombro a ombro com os homens.

“Lugar de mulher é na beira do fogão” é frase conhecida, mas completamente desatualizada. Ridícula até!

3. Relacione as informações abaixo.

a) Mulheres com menos filhos  trabalhar fora

b) Faz bem à autoestima da mulher  têm mais chance de desenvolver sua carreira

c) Muitas mulheres que trabalham fora  têm dupla jornada

2. Qual é a afirmação correta, de acordo com os textos?

Mais de 50% das mulheres trabalham.


50% das mulheres que trabalham sustentam sozinhas sua família.

É impossível à mulher alcançar altos postos na empresa em que trabalha.

4. Fale com seus/suas colegas.

— Se você trabalha, lembra-se ainda de problemas no seu primeiro emprego?

— Como é o trabalho da mulher no seu país? Ela é aceita em qualquer profissão? Ganha tanto quanto os homens?



18

Fonte: LIMA, ROHRMANN, *et al.* (2009, p. 18-19)

Na próxima seção analisamos o Texto Multimodal 5 com base nos pressupostos da Gramática do Design Visual proposta por Kress e van Leeuwen (2006).

#### 4.3.5.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual

Conforme podemos observar na figura 27, no Texto Multimodal 5 (TM5) intitulado “A mulher no Mercado de Trabalho”, predomina a modalidade verbal escrita, mesmo que esse modo prevaleça, recursos semióticos empregados contribuem para a construção do significado composicional do texto. Ainda que o texto receba o título “Mulher no mercado de trabalho”, a constituição do seu conteúdo e da abordagem de temas extrapola a relação Mulher e trabalho, englobando as relações entre mulher, família e casa. Dito isso, podemos depreender que estes são **Participantes Representados**, ou seja, o objeto da comunicação é constituído pela

mulher no contexto de trabalho, no qual estão inseridos mulher, trabalho, casa, família e suas inter-relações.

Destacamos que estabelecer conexões entre esses temas é uma forma de conduzir a determinada leitura de experiências, fatos e ações, bem como de naturalizar a trajetória das mulheres e sua relação com o trabalho. Os participantes representados, que podem ser lugar, pessoas e coisas, também são definidos por meio de interconexões: o trabalho é o trabalho fora de casa, ser mulher é ser mãe e ser esposa e vinculada aos papéis na família e em casa.

Quanto à análise do texto e sua relação com os exercícios no *layout* da página, a categoria do **Ideal e Real** conduzem-nos a leitura na qual o TM5 está na parte mais superior destinada à atividade, ou seja, situado como o “ideal”, sendo entendida como a informação idealizada, generalizada. Em oposição, o exercício destinado à compreensão leitura, ou seja, informações pelas quais o/a produtor/a elegeram como mais próximas da realidade e qual se deve especificar: o percentual de mulheres como provedoras do lar.

Quanto ao TM3 apresentado na figura 27, é composto por 2 textos, o reconhecimento e o destaque a esses textos se dá pelo **enquadramento** (*framing*) de linhas divisórias e molduras entre os textos e pela composição do fundo nas cores azul e branco que demarcam o início e fim dos textos. A divisória em linha azul fragmentando o segundo texto, destaca-o, ao mesmo tempo, que o insere no plano de fundo do primeiro texto, sugere, então, ser uma continuação do primeiro elemento textual.

A **Saliência**, bem como a forma como os recursos - moldura, contraste de cores, disposição dos textos, uso de fontes de destaque - são empregados na composição textual indicam para que o texto tenha proximidade ao formato de artigo de jornal ou revista a qual se destina a informar a respeito de questões, de fatos do mundo.



Figura 27 – TM5: Categoria Análise Visual

Participantes Representados: mulher, contexto de trabalho, vínculo familiar, casa. .

**D1 A mulher no mercado de trabalho**

1. Leia os textos.

**A**té algumas décadas atrás, não cabia à mulher ganhar o sustento da casa. O marido era o grande provedor. As viúvas ou as mulheres da elite empobrecida, para sustentar-se e a seus filhos, faziam doces e roupas por encomenda, arranjos de flores, bordados, davam aulas de piano ...

Essas atividades, no entanto, não eram muito valorizadas e, geralmente, eram malvistas pela sociedade. Mas, a partir dos anos 70, as mulheres foram conquistando, com muita determinação, um espaço maior no mercado de trabalho.

Atualmente, no Brasil, as mulheres são 44% da força de trabalho. Deixaram de ser apenas parte da família para, em muitos casos, tornar-se o comandante dela: 50% das mulheres que trabalham são responsáveis únicas por seu lar e sua família. Essa evolução deve-se, em grande parte, à redução da família brasileira: há 40 anos eram 6,3 filhos por mulher; agora são 1,8.

Esse fato possibilitou à mulher estudar mais tempo, e dedicar-se a outros papéis, além do papel de mãe e dona de casa, o que faz muito bem a sua autoestima.

Apesar disso, ainda 90% das mulheres que trabalham têm uma segunda jornada.

**N**a área do trabalho feminino, há dois pontos extremamente negativos. O primeiro é que a mulher que trabalha tem rendimentos menores que o homem, os dois trabalhando na mesma função – 30% menos do salário masculino, notadamente em atividades menos qualificadas. O segundo é que é difícil para a mulher conquistar altos postos. Para alcançá-los ela precisa provar que sua competência é maior do que a de todos os seus concorrentes homens. Percebe-se nisso preconceito que dificulta seu progresso na carreira. Vai levar ainda algum tempo para que ela seja, finalmente, aceita, sem restrições no mercado de trabalho e possa desenvolver-se ombro a ombro com os homens.

“Lugar de mulher é na beira do fogão” é frase conhecida, mas completamente desatualizada. Ridícula até!

2. Qual é a afirmação correta, de acordo com os textos?

Mais de 50% das mulheres trabalham.

50% das mulheres que trabalham sustentam sozinhas sua família.

É impossível à mulher alcançar altos postos na empresa em que trabalha.

18

IDEAL

REAL



Quanto ao segundo elemento textual é composto por duas partes – à esquerda e à direita – entendemos que ambas fazem parte do mesmo texto, caracterizadas pelo **enquadramento**, a cor de plano de fundo em branco e a moldura em azul o configuram como único. Referente ao segundo texto, podemos identificar a composição textual **Dado e Novo** conforme apresentada na figura 28, ou seja, à esquerda apresenta-se o que é considerado como informação compartilhada: os problemas pelos quais as mulheres enfrentam no mercado de trabalho, à direita acrescenta-se a nova informação: no TM5 realiza-se a conclusão e o argumento de opinião dos/as produtores/as.

Figura 28 – TM5: Dado e novo

**A mulher no mercado de trabalho**  
1. Leia os textos.

**A**té algumas décadas atrás, não cabia à mulher ganhar o sustento da casa. O marido era o grande provedor. As viúvas ou as mulheres da elite empobrecida, para sustentar-se e a seus filhos, faziam doces e roupas por encomenda, arranjos de flores, bordados, davam aulas de piano ...  
Essas atividades, no entanto, não eram muito valorizadas e, geralmente, eram malvistas pela sociedade. Mas, a partir dos anos 70, as mulheres foram conquistando, com muita determinação, um espaço maior no mercado de trabalho.  
Atualmente, no Brasil, as mulheres são 44% da força de trabalho. Deixaram de ser apenas parte da família para, em muitos casos, tornar-se o comandante dela: 50% das mulheres que trabalham são responsáveis únicas por seu lar e sua família. Essa evolução deve-se, em grande parte, à redução da família brasileira: há 40 anos eram 6,3 filhos por mulher; agora são 1,8.  
Esse fato possibilitou à mulher estudar mais tempo, e dedicar-se a outros papéis, além do papel de mãe e dona de casa, o que faz muito bem a sua autoestima.  
Apesar disso, ainda 90% das mulheres que trabalham têm uma segunda jornada.

**N**a área do trabalho feminino, há dois pontos extremamente negativos. O primeiro é que a mulher que trabalha tem rendimentos menores que o homem, os dois trabalhando na mesma função – 30% menos do salário masculino, notadamente em atividades menos qualificadas. O segundo é que é difícil para a mulher conquistar altos postos. Para alcançá-los ela precisa provar que sua competência é maior do que a de todos os seus concorrentes homens. Percebe-se nisso preconceito que dificulta seu progresso na carreira. Vai levar ainda algum tempo para que ela seja, finalmente, aceita, sem restrições no mercado de trabalho e possa desenvolver-se ombro a ombro com os homens.  
“Lugar de mulher é na beira do fogão” é frase conhecida, mas completamente desatualizada. Ridícula até!

**DADO**                      **NOVO**

Fonte: LIMA, ROHRMANN, *et al.*(2009, p. 18)

Dessa forma, a disposição dos elementos no texto corrobora para que se construa de modo consensual informações generalizadas e que ressalte aspectos negativos e argumentativos a respeito da mulher no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, para dar continuidade ao processo de análise utilizamos as categorias de Representação dos Atores Sociais no mesmo texto.

#### 4.3.5.2 Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais

O texto Multimodal 5 “A mulher no mercado de trabalho” configura-se como um artigo de jornal ou revista no qual trata da relação entre mulheres, mercado de trabalho e sociedade numa perspectiva geral e temporal. Na figura 29 destacamos o texto:

Figura 29 – TM5: Análise Discursiva

### A mulher no mercado de trabalho

#### 1. Leia os textos.

**A**té algumas décadas atrás, não cabia à mulher ganhar o sustento da casa. O marido era o grande provedor. As viúvas ou as mulheres da elite empobrecida, para sustentar-se e a seus filhos, faziam doces e roupas por encomenda, arranjos de flores, bordados, davam aulas de piano ...

Essas atividades, no entanto, não eram muito valorizadas e, geralmente, eram malvistas pela sociedade. Mas, a partir dos anos 70, as mulheres foram conquistando, com muita determinação, um espaço maior no mercado de trabalho.

Atualmente, no Brasil, as mulheres são 44% da força de trabalho. Deixaram de ser apenas parte da família para, em muitos casos, tornar-se o comandante dela: 50% das mulheres que trabalham são responsáveis únicas por seu lar e sua família. Essa evolução deve-se, em grande parte, à redução da família brasileira: há 40 anos eram 6,3 filhos por mulher; agora são 1,8.

Esse fato possibilitou à mulher estudar mais tempo, e dedicar-se a outros papéis, além do papel de mãe e dona de casa, o que faz muito bem a sua autoestima.

Apesar disso, ainda 90% das mulheres que trabalham têm uma segunda jornada.

**N**a área do trabalho feminino, há dois pontos extremamente negativos. O primeiro é que a mulher que trabalha tem rendimentos menores que o homem, os dois trabalhando na mesma função – 30% menos do salário masculino, notadamente em atividades menos qualificadas. O segundo é que é difícil para a mulher conquistar altos postos. Para alcançá-los ela precisa provar que sua competência é maior do que a de todos

os seus concorrentes homens. Percebe-se nisso preconceito que dificulta seu progresso na carreira. Vai levar ainda algum tempo para que ela seja, finalmente, aceita, sem restrições no mercado de trabalho e possa desenvolver-se ombro a ombro com os homens.

“Lugar de mulher é na beira do fogão” é frase conhecida, mas completamente desatualizada. Ridícula até!

Fonte: LIMA, ROHRMANN, *et al.*(2009, p. 18)

Destaca-se no texto a representação das mulheres por meio das atividades que desempenham numa determinada época, por meio da **Funcionalização** as mulheres são representadas em termos das atividades e papéis que desempenhavam. Papéis considerados de pouca relevância social tanto na esfera privada como na pública, ao passo que seu poder de ação e sua potencia numa casa e no convívio social eram minimizados. Os excertos realçam:

36. “Até algumas décadas, não cabia à mulher ganhar o sustento da casa.”
37. “O marido era o grande provedor.”
38. “As viúvas ou as mulheres da elite empobrecida, para sustentar-se e a seus filhos, faziam doces [...], davam aulas de piano...”

É demarcado o papel dos homens como provedores, configurando as mulheres como inferiores aos homens por questões de gênero, independente do estado civil, classe, as mulheres e seus diversos papéis desempenhados caracterizam-se como inferior ao dos homens.

As mulheres pertencentes a grupos distintos, a determinadas classes e estado civil (elite e viúvas) são associadas, não sendo classificadas no texto e, muito menos, outros grupos que são excluídos do texto – mulheres negras e indígenas, mães solteiras, por exemplos -, é importante frisar que há anos muitas dessas mulheres sustentavam as próprias famílias.

As mulheres são **Assimiladas** por agregação, ou seja, são quantificadas e tratadas como dados estatísticos, não são considerados a diversidade e características das mulheres. Há no texto:

39. “As mulheres são 44 % da força de trabalho.”
40. “50 % das mulheres que trabalham são responsáveis únicas por seu lar e sua família.”
41. “[...] Ainda 90 % das mulheres que trabalham têm uma segunda jornada.”

Embora o texto apresente outra perspectiva a respeito das mulheres, essas são tratadas como força de trabalho e condicionadas a esse estilo de vida, ao mesmo tempo, sua potencialidade de ação e as possibilidades de cooperação masculina são anulados.

O texto concentra-se em aspectos negativos da relação entre mulher e mercado de trabalho: o excesso de trabalho, o não compartilhamento de tarefas no lar, menor salário, obstáculos na aceitação e oportunidades no mercado de trabalho. Os tópicos frásais contribuem para que se construa o realce e, ao mesmo tempo, a generalização da experiência feminina, a frase abaixo não somente evidencia tais questões como as intensifica:

42. “Na área de trabalho feminino, há dois pontos **extremamente** negativos.”

Além de focar em aspectos negativos, o advérbio “extremamente” funciona como reforço de tais características, coloca-as hierarquicamente em relação a outros aspectos negativos, valoriza alguns e desvaloriza muitos outros. Essa escolha não é aleatória, realiza-se em relação a uma série de demandas femininas, nas quais perpassam relações de poder para que umas sejam priorizadas em detrimento de outras.

O texto destaca a desigualdade da mulher no mercado de trabalho em relação ao homem, em termos de salário, de oportunidade, aceitação no mercado de trabalho, contribuindo, portanto, para que se configure a mulher como inferior ao homem. Todos esses aspectos convergem para que se construa o retrato do que se acredita em relação à representação da mulher nesse campo. Importante considerar que o texto trabalha com a discussão, o debate do tema mulher e mercado de trabalho, entretanto, os dados utilizados são desatualizados e a diversidade das mulheres brasileiras não é considerada.

Em continuação ao processo de análise, passamos agora à categoria referente às condições da prática discursiva proposta por Fairclough (2008).

#### *4.3.5.3 Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O Texto Multimodal 5 “A Mulher no mercado de Trabalho” configura-se como um artigo de jornal ou revista, é caracterizado pela exposição e argumentação das informações. A fonte e a produção são desconhecidas, supõe-se que não seja um texto que tenha sido produzido para a atividade, não havendo referência a fonte das informações, suporte do artigo produzido e do/a autor do texto. Dessa forma, quanto às condições de produção e consumo da amostra, a produção do texto é coletiva, visto que o Livro Didático Avenida Brasil apresenta mais de um autor. O consumo do texto pode englobar formato de aulas individuais ou coletivas, a depender da modalidade selecionada pelo/a aprendiz.

Quanto aos tipos de efeitos não discursivos da amostra, a atividades sugere uma discussão como o texto, o que nos conduz ao direcionamento da opinião do leitor. Ao apresentar de forma generalizada as mulheres no mercado de trabalho, não pontua as diversidades culturais, sociais, raciais, nacionais, o que, de certa forma, faz com que o/a aprendiz exponha sua opinião, entretanto, para expor e argumentar exige conhecimento intermediário - avançado da língua, o qual caracteriza o público-alvo do LD. Nesse sentido, permanece uma lacuna na interação com o texto, que funcionará como meio de figurar o que se define como representação da mulher no mercado de trabalho.

Convém enfatizar que o gênero textual escolhido não é neutro, mas se dá segundo alguns princípios: jornais, revistas apresentam carga de confiança, autoridade, no qual as informações são interpretadas como “dados”, como fatos e não informações a serem questionadas e refutadas. O exercício de leitura utilizado para o texto é outra maneira de reforçar a não condução a argumentação e opinião do leitor, bem como uma forma de enfatizar aspectos negativos dessa questão.

Na próxima seção analisamos o Texto Multimodal 6 “Minha Rotina” inserido no Livro Muito Prazer.

#### **4.3.6 Texto Multimodal 6 - Minha Rotina – Livro Muito Prazer**


O texto multimodal 6 (TM6) “*Minha Rotina*” encontra-se nas páginas 98 e 99, na seção destinada à Leitura pertencente à Unidade 5 “Que semana, hein?!”. O texto, em primeira pessoa, reporta a rotina de uma brasileira e de um brasileiro, insere o/a leitor/a na forma de relatar ações cotidianas, hábitos. As atividades relativas à leitura são divididas em subseções: a primeira, subseção A apresenta perguntas relativas ao texto “Minha Rotina” e na subseção B o/a aprendiz é convidado a esquematizar a sua própria rotina e compará-la com a de um colega, após, há sugestão de Produção Escrita sobre a rotina, conforme apresentado na figura 30. O texto apresenta a seguinte organização:

- I. Título da unidade: Que semana, hein?!
- II. Título do texto: Minha Rotina
- III. Corpo do texto: inferior, escrita e superior imagem
- IV. Imagem: imagem de perfil

Figura 30 – TM6: Minha Rotina

A: À noite. Depois das 8hs. Você pode?  
 B: Acho que não. Eu estudo às quartas-feiras à noite.  
 A: Você não quer ir sábado?  
 B: Sábado está ótimo.

**LEITURA**  
**Minha rotina**



“Minha rotina? Bem, durante a semana, eu acordo todos os dias às 6:45, tomo café e chego ao trabalho às 8:15. Começo a trabalhar às 8:30. Ainda bem que trabalho perto de casa! Eu sempre almoço no restaurante da empresa durante a semana das 12:30 às 13:30, depois volto para o trabalho e vou para a faculdade às 6:30 da noite. Chego sempre em casa às 11:30. Preciso de férias.”

Maria Rodrigues  
 assistente financeira e estudante

Pedro Gomes  
 segurança

A. Compreensão de texto.

1. Quem acorda antes das 7 da manhã? Quem acorda à noite?
2. Quem almoça todos os dias no restaurante da empresa?
3. Quem janta em casa?
4. Quem estuda à noite?

UNIDADE 5 QUE SEMANA, HEIN?

B. Como é sua rotina? Pergunte aos seus colegas e compare.

a que horas você...	a que horas seu colega...
...acorda?	_____
...vai para o trabalho ou escola?	_____
...almoça?	_____
...vai para casa?	_____
quando você...	quando seu colega...
...vai para a academia?	_____
...estuda?	_____
...viaja?	_____
...vai para o cinema/teatro?	_____
...vai para o restaurante/ barzinho/danceteria?	_____

**REDAÇÃO**

Escreva uma redação descrevendo sua rotina. Utilize os depoimentos da Leitura como modelo.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Fonte: FERNANDES e FERREIRA (2008, p. 98-99)

Analisamos o Texto Multimodal 6 “Minha Rotina” com base nas categorias da Gramática do Design Visual propostas por Kress e van Leeuwen (2006). Destacamos o texto analisado na página 99.

#### 4.3.6.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual

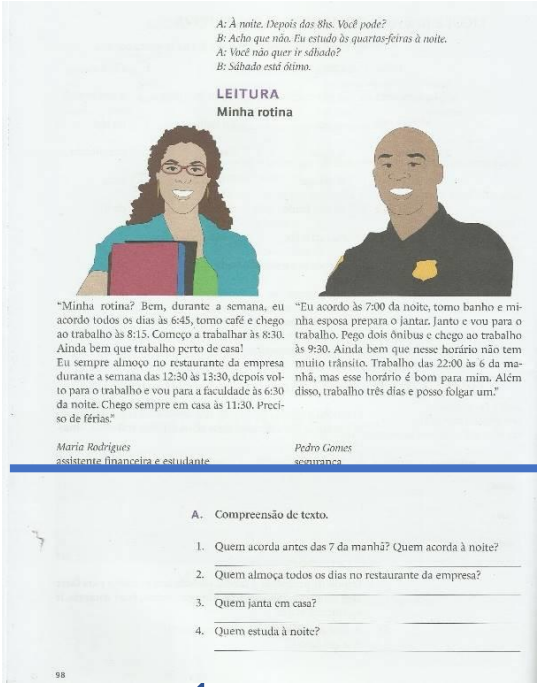
Quanto à disposição dos recursos semióticos e dos participantes, utilizamos as categorias propostas por Kress e van Leeuwen (2006) apresentadas na figura 31:

Figura 31 – TM6: Análise Gramática Visual

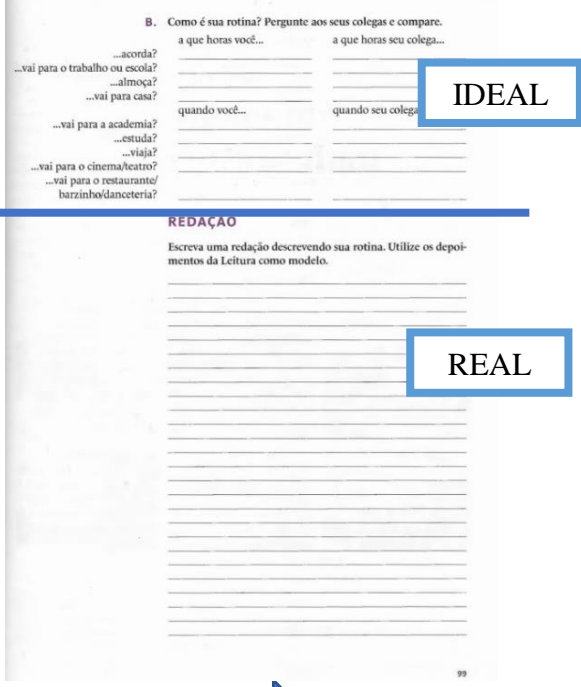
Participantes Representados: rotina de brasileiro e de brasileira

Participantes Interativos: aprendizes e professores/as



**Dado**



**Novo**

Fonte: FERNANDES e FERREIRA (2008, p. 98-99)

Quanto à categoria de **participantes**, a página 98 à esquerda apresenta como participantes representados uma brasileira e um brasileiro em situações do dia-dia, a página 99, à direita, apresenta os participantes interativos que são os receptores para o qual a mensagem se destina – leitores/*viewers* – nesse contexto, os/as aprendizes e os/as professores/as.

Referente à categoria **Dado e Novo**, a página à esquerda, localiza-se o “dado”, ou seja, contém elementos já compartilhados pelos/as aprendizes, apresenta, inseridos num texto particular, os conteúdos estudados durante a Unidade 5 inseridos, destacamos que são trabalhados durante a unidade aspectos linguísticos como verbos no presente, advérbios de tempo, horários, que estão presentes tanto no texto quanto são explicitados nas perguntas de compreensão textual – parte A. Apresentam, portanto, aspectos já conhecidos pelo/a aprendiz.

A próxima página à direita, apresenta o “novo”, isto é, o valor da informação é considerado como pouco conhecido, introduz-se novas informações ao que já é compartilhado, nesse caso, o/a aprendiz será conduzido a produzir a própria rotina, fará

primeiramente, um esquema com aspectos selecionados pelas produtoras do livro, num segundo momento, será a socialização e comparação com a dos colegas e, por último, a proposta é produzir um texto sobre a própria rotina. Dessa forma, à esquerda, o/a aprendiz tem acesso ao texto com elementos já compartilhados e conhecidos por ele/a, à direita, insere, produz e tem acesso a novas informações.

Quanto à categoria **Ideal e Real**, observa-se na figura das páginas 98 e 99 que a parte superior destina-se ao “ideal”, o texto “Minha Rotina” é o objeto a ser idealizado, generalizada, o tanto que é referido como modelo de construção de rotina na proposta de redação. Na página 99, a parte superior é apresentada como ideal por meio da proposta do exercício – o que se deve ou sugere-se utilizar para expressar/ construir uma rotina – com uma espécie de esquema/ pré-produção da proposta final de redação. Por outro lado, o “real” manifesta-se na parte inferior da página 98, é observado o que as autoras objetivavam com a leitura do texto – extração de informações relativas à construção de uma rotina -, ao passo que na página 99, as etapas percorridas na Unidade 5 e nas subseções de Leitura materializam-se em texto, numa produção específica.


Referente à mesma categoria, destacamos o texto principal, apresentado na figura 32, para a análise da representação das mulheres. A imagem representa o ideal, contém a informação generalizada, o foco da imagem na figura 32 está na construção da profissão dos participantes, correspondentemente, estudante e segurança: a mulher carrega livros, usa roupa mais formal, o homem usa uniforme da cor preta, normalmente utilizado por esses profissionais, a grande evidência é o escudo de segurança. Destaco que a mulher é assistente financeira, entretanto, os elementos utilizados na imagem - caderno, pasta, livro, óculos - direcionam para o perfil de estudante.

O texto escrito apresenta o “real”, ou seja, a rotina detalhada dos participantes, são mencionadas informações específicas sobre os participantes, detalhes sobre horário de acordar, ir trabalhar, dormir etc., frequência com que as ações são feitas etc. Ressaltamos que a construção imagética relaciona-se com a modalidade verbal escrita, a qual destaca o aspecto profissional dos participantes, conforme apresentada na figura 32.



Figura 32 – TM6: Ideal e Real

**LEITURA**  
**Minha rotina**



IDEAL

REAL

“Minha rotina? Bem, durante a semana, eu acordo todos os dias às 6:45, tomo café e chego ao trabalho às 8:15. Começo a trabalhar às 8:30. Ainda bem que trabalho perto de casa! Eu sempre almoço no restaurante da empresa durante a semana das 12:30 às 13:30, depois volto para o trabalho e vou para a faculdade às 6:30 da noite. Chego sempre em casa às 11:30. Preciso de férias.”

*Maria Rodrigues*  
assistente financeira e estudante

“Eu acordo às 7:00 da noite, tomo banho e minha esposa prepara o jantar. Janto e vou para o trabalho. Pego dois ônibus e chego ao trabalho às 9:30. Ainda bem que nesse horário não tem muito trânsito. Trabalho das 22:00 às 6 da manhã, mas esse horário é bom para mim. Além disso, trabalho três dias e posso folgar um.”

*Pedro Gomes*  
segurança

Fonte: FERNANDES e FERREIRA (2008, p. 98)

Referente à **Saliência**, as páginas do livro são em fundo azul claro, as cores das letras estão em preto, transparecendo uma continuidade entre as seções e subseções nas unidades, com isso os recursos semióticos empregados - cores, a fonte e tamanho da letra - na parte da modalidade escrita da figura 32 nomeadas como Leitura e “Minha Rotina” – atribuem destaque a seção destinada à leitura e ao início/ título do texto.

Entretanto, no *layout* a imagem recebe destaque devido ao tamanho, as cores marcadas e a posição superior central da página, novamente os sentidos são construídos direcionando-se o papel profissional dos participantes, quanto ao homem, o escudo amarelo ouro em fundo preto recebe maior projeção; à mulher, os livros, os óculos e a roupa fechada.

É importante ressaltar que esse texto configura-se como “exceção” entre muitos, pois apresenta a imagem de uma mulher negra, que nos LD do *corpus* dessa pesquisa são ausentes. Por outro lado, apesar de escolher como figura representativa mulheres desvinculadas do lar e da maternidade, esta é atrelada a uma rotina incansável de trabalho. Dessa forma,


prossequimos a análise do mesmo texto de acordo com os pressupostos da Representação dos Atores Sociais.

#### 4.3.6.2 *Categorias Analíticas da Representação de Atores Sociais*

O texto Multimodal 6 “Minha Rotina” apresenta a rotina de brasileiros segundo viés de gênero – a rotina de uma mulher e de um homem. Conforme os objetivos desse trabalho, o qual foca-se na representação da mulher, restringiremos a análise na questão das mulheres no texto apresentado na figura 33.

Figura 33 – TM6: Análise Discursiva

**LEITURA**  
**Minha rotina**



“Minha rotina? Bem, durante a semana, eu acordo todos os dias às 6:45, tomo café e chego ao trabalho às 8:15. Começo a trabalhar às 8:30. Ainda bem que trabalho perto de casa! Eu sempre almoço no restaurante da empresa durante a semana das 12:30 às 13:30, depois volto para o trabalho e vou para a faculdade às 6:30 da noite. Chego sempre em casa às 11:30. Preciso de férias.”

*Maria Rodrigues*  
assistente financeira e estudante

“Eu acordo às 7:00 da noite, tomo banho e minha esposa prepara o jantar. Janto e vou para o trabalho. Pego dois ônibus e chego ao trabalho às 9:30. Ainda bem que nesse horário não tem muito trânsito. Trabalho das 22:00 às 6 da manhã, mas esse horário é bom para mim. Além disso, trabalho três dias e posso folgar um.”

*Pedro Gomes*  
segurança

Fonte: FERNANDES e FERREIRA (2008, p. 98)

Quanto ao depoimento da mulher, sobretudo, destaca-se a rotina de trabalho e estudo, a conciliação entre os dois e o caráter cansativo dessa rotina, o foco está no aspecto profissional do participante, visto que não há menção às atividades no tempo livre ou finais de semana, por exemplo. Nesse sentido, comentário da mulher é marcado por ação após ação, ao passo que o do homem as tarefas exercidas por ele não são contínuas, dando a entender haver momentos de lazer.

Num segundo momento, quanto ao comentário do homem, há a inclusão do participante feminino nas atividades, esse participante, mulher, desempenha o papel de esposa e dona de casa, vinculada a tarefa doméstica.

Há no texto a **Funcionalização e identificação**, processo pelo qual a mulher é representada em termos das atividades que desempenha – trabalhadora, estudantes ou esposa, dona de casa:

42. “ Acordo[...] chego ao trabalho [...] começo a trabalhar [...]”  
 43. “ Volto para o trabalho [...], vou para a faculdade [...]”  
 44. “ Minha esposa prepara o jantar”

A rotina das mulheres está vinculada às ações e papéis que desempenha tanto como trabalhadora e estudante, quanto como esposa, efeito discursivo que restringe os papéis diversos desempenhados pelas mulheres. Destaca-se no texto, a escolha do termo estudante, ao contrário de universitária, uso que corrobora na diminuição da potencialidade do papel feminino. Na categorização da mulher como esposa e dona de casa, há a **Identificação Relacional**, no qual a mulher é representada em termos da relação de parentesco e de trabalho, corroborando para suposições de determinados papéis sociais desempenhados pelas mulheres. Dando continuidade ao processo de análise, passamos para as categorias Analíticas da ADC proposta por Fairclough (2008)

#### 4.3.6.3 *Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O Texto Multimodal 6 “Minha Rotina” caracteriza-se como comentário sobre hábitos cotidianos, é marcado pela pessoalidade, em primeira pessoa do singular, um homem e uma mulher descrevem a própria rotina sem muitos detalhes. Com o propósito de inserir o/a leitor estrangeiro no mundo rotineiro de brasileiros, o texto apresenta uma mulher e um homem em diferentes papéis e ao mesmo tempo compartilhando alguns aspectos.

Quanto às condições da prática discursiva, o texto é consumido tanto coletivamente quanto individualmente, de acordo com a modalidade de aula adotada – grupo ou individual. De outro modo, a produção dos comentários é evidentemente individual segundo alguns aspectos: pela explicitação das marcas em primeira pessoa tanto no verbo como nos pronomes pessoas, pelo uso de pronomes possessivos e por marcas de opinião a respeito da própria rotina. A saber,

45. “Minha rotina? Bem, durante a semana, eu acordo todos os dias às 6h45 [...]”  
 46. “Ainda bem que trabalho perto de casa”  
 47. “Preciso de férias!”

Os exemplos apresentados também demonstram informalidade, cuja utilização no texto funciona com forma de aproximação ao leitor e a quebra de uma possível hierarquização para com o/a leitor/a. Salientamos que não está inserido ou mencionado no texto o suporte textual para o qual foi produzido, o que sugere o propósito de produção para fins didáticos em simulacro de conversação.

Diante disso, evidencia-se o viés de gênero na produção do texto, bem como a suposição de que o/a leitor/a não tenha conhecimento sobre as rotinas dos/as brasileiros/as, nesse contexto, o/a produtor/a utiliza seu próprio sistema de conhecimentos e crença para a elaboração de seu comentário, o que faz com que surjam presunções a respeito dos/as brasileiros/as, supõe-se que em “Preciso de férias” e pela ausência de descrição de momentos de lazer, a mulher viva num rotina de trabalho, ao passo que, o homem, disponibiliza de tempo, além da esposa, a qual há também suposições a respeito da mulher como dona de casa.

Na próxima seção, analisamos o Texto Multimodal 7 “Diversidade no Topo” inserido no Livro Bons Negócios.

#### **4.3.7 Texto Multimodal 7 - Diversidade no Topo - Livro Bons Negócios**

O Texto Multimodal 7 (TM7) “Diversidade no Topo” é texto introdutório da Unidade 7 – Planejamento, para isso, apresenta informações sobre a composição de direção de uma empresa, a qual a maioria é mulher, apontando esse aspecto como sucesso e diversidade da empresa. O texto - apresentado na figura 34 página 124 desta pesquisa - apresenta uma questão relacionada à leitura do texto e outra questão motivada pelo texto direcionada ao aprendiz. Quanto à organização do texto:

- XIII. Título da unidade: planejamento
- XIV. Título do texto: Diversidade no Topo.
- XV. Corpo do texto: escrito

Analisamos o texto com base nos pressupostos da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006)

#### 4.3.7.1 *Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual*

Elencamos a seguir as categorias analíticas aplicadas nesta análise, conforme apresentado na figura 34. O Texto Multimodal 7 “Diversidade no Topo” insere-se no contexto empresarial, de negócios, como **Participantes** representados, portanto, são empresas destaques e mulheres que ocupam posições de comando, entretanto, o foco do texto está na empresa e no homem que comanda a empresa, o aspecto de gênero é usado como elemento para destacar a empresa e não advindo da competência das mulheres em ocupar tais posições.

Na composição do *layout* da página, destaca-se a categoria **Ideal e Real**, os elementos alocados na parte superior apresentam-se como informação generalizada, ou seja, como “ideal”, o TM7 é o texto introdutório da Unidade que serve como ponto de partida para o que será abordado nas próximas atividades. Os elementos, por outro lado, que estão alocados na parte inferior do *layout* referem-se às informações especificadas, ou seja, ao “real”; no TM7 essa informação refere-se aos exercícios de leitura do texto, os quais se restringem à identificação de informação gramatical do texto, não engloba como relevante o tema mulher, mas utiliza-o somente como pretexto para objetivos linguísticos.

Os recursos semióticos utilizados na modalidade verbal contribuem para que se tenha a atenção na “diversidade” no contexto empresarial, o uso da cor preta e do tamanho da fonte no título, bem como o uso do grifo no excerto conduz a esse enfoque. Nesse sentido, podemos identificar a categoria da **Saliência**, a qual pode criar hierarquia de importância entre os elementos num texto, o contraste da cor azul e preta atribui mais realce ao título “Diversidade no Topo” e à ideia da diversidade como fator de sucesso de uma empresa, ao mesmo tempo, minimiza a relação e importância das mulheres nesse aspecto. A figura 34 apresenta as categorias evidenciadas.



Figura 34 - TM7: Análise Gramática Visual

UN

Participantes Representados: mulheres no mercado de trabalho e em posição de comando; empresas, contexto de multinacionais.

## COMEÇANDO O TRABALHO

▶ LEIA E OUÇA.

### DIVERSIDADE NO TOPO

**A** Elavon, companhia americana de processamento de transações de cartões, está aterrissando no Brasil para competir com Cielo e Rede-card. Para comandar as operações no país foi escolhido Antonio Castilho, ex-Cielo e ex-Banco Votorantim. Chama a atenção a composição do board: dos 11 diretores, seis são mulheres. "Foi uma opção pela

competência técnica, visão estratégica e conhecimentos diversificados", diz Antonio. "Não levamos a questão do gênero em consideração." No entanto, o executivo reconhece a importância da diversidade de pensamento. "Nosso principal desafio é aprender uns com os outros e a diversidade vai ajudar", diz Antonio. A Elavon deve contratar 300 profissionais em dois anos.

(Você S/A. São Paulo: Abril, out. 2011. p. 28, grifo nosso.)

▶ REFLEXÕES INICIAIS.

**1 Responda.**

a. No texto, a locução verbal "vai ajudar" refere-se ao passado, presente ou futuro?

\_\_\_\_\_

b. O que você pode concluir sobre a "fórmula" desse tempo verbal em português?

VERBO \_\_\_\_\_ no presente + VERBO PRINCIPAL COM TERMINAÇÃO EM \_\_\_\_\_

▶ SOBRE VOCÊ.

**2 Responda.**

a. O que você vai fazer amanhã antes de ir ao trabalho? \_\_\_\_\_

b. O que seu/sua chefe vai fazer depois de amanhã à tarde? \_\_\_\_\_

c. Em que seus colegas vão trabalhar daqui a dois meses? \_\_\_\_\_

Hoje é dia 5 de novembro. / **Amanhã** é dia 6 de novembro. / **Depois de amanhã** é dia 7 de novembro. / Estamos em outubro. **No mês que vem** (novembro) eu vou tirar férias. **Daqui a dois meses** (dezembro) eu vou trocar de emprego.

IDEAL

REAL

Fonte: SANTOS e SILIVA (2013, p. 95)

Para dar continuidade ao processo de análise, passamos agora para as categorias de Representação dos Atores Sociais.

#### 4.3.7.2 *Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais*

Quanto à representação das mulheres como atores sociais no TM7, consideramos o texto apresentado na figura 35. Realiza-se a exclusão das mulheres por meio da **Supressão**, processo pelo qual a exclusão dos atores sociais deixa algumas marcas, no texto, há referência às mulheres, entretanto, essa é encoberta pelo direcionamento à questão da “diversidade” e não de questão de gênero:

48. “Chama a atenção a composição do board: dos 11 diretores, seis são mulheres”
49. “ Não levamos a questão de gênero em consideração.”

Assim, podemos identificar a origem do que o texto nomeia como diversidade, mas o foco é desviado, a atenção é alterada da questão de gênero para um aspecto mais amplo, englobando dentre muitas nuances o gênero e, da mesma forma, o excluindo e escamotear as mulheres nesse processo .

Figura 35 – TM7: Análise Discursiva

**DIVERSIDADE NO TOPO**

**A** Elavon, companhia americana de processamento de transações de cartões, está aterrissando no Brasil para competir com Cielo e RedeCard. Para comandar as operações no país foi escolhido Antonio Castilho, ex-Cielo e ex-Banco Votorantim. Chama a atenção a composição do board: dos 11 diretores, seis são mulheres. “Foi uma opção pela

competência técnica, visão estratégica e conhecimentos diversificados”, diz Antonio. “Não levamos a questão do gênero em consideração.” No entanto, o executivo reconhece a importância da diversidade de pensamento. “Nosso principal desafio é aprender uns com os outros e a diversidade vai ajudar”, diz Antonio. A Elavon deve contratar 300 profissionais em dois anos.

Paulo: Abril, out. 2011. p. 28, grifo nosso.)

Fonte: SANTOS e SILVA (2013, p. 95)

No uso da palavra diversidade no texto, portanto, há a **Impersonalização**, em que os atores sociais são representados através de substantivos sem características humanas, pois são as mulheres que estão no topo e são elas que contribuem com o aprendizado da alteridade, conforme os excertos abaixo:

48. “Diversidade no Topo.”

49. [...] o executivo reconhece a importância da diversidade de pensamento: “  
Nosso principal desafio é aprender uns com os outros e a diversidade vai ajudar.”

Nesse sentido, a atuação feminina é suprimida pela ideia de diversidade, os homens são ativados pela **Distribuição de papéis**, são marcados como o porta-voz da empresa, no qual demarcam e exaltam a perspectiva dos comandantes da empresa e não a experiência e ponto de vista das mulheres:

50. “Para comandar a s operações [...] escolhido Antônio Castilho [...]”

51. “O executivo reconhece [...]”

52. “Foi uma opção pela competências [...]” diz Antônio”

Há nesse caso a **Nomeação** dos homens juntamente com a filiação “Antônio Castilho/ Executivo/ Diretor Geral” e a **Categorização** das mulheres por meio da **Funcionalização**: “diretores”. Chama-nos atenção a esquivia do diretor em não tratar do tema, ao mesmo que desvia a questão de gênero, exalta a ideia da diversidade:

53. “ Não levamos a questão de gênero em consideração”. No entanto, o executivo reconhece a importância da diversidade de pensamento.”

Todos esses aspectos convergem para a construção das mulheres como não somente não ativas nesse processo, mas como inferiores aos homens. A importância das questões de gênero é minimizada pela diversidade, atribuindo foco à empresa e à atuação masculina. Contribuindo, portanto, com a modalização de um discurso patriarcal. Nessa perspectiva, analisamos o mesmo texto com base nos pressupostos dos ADC.



#### 4.3.7.3 *Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O Texto Multimodal 7 “Diversidade no topo” é um artigo de revista, cujo tema principal é a diversidade no ramo empresarial, entretanto, tal diversidade advém da questão de gênero e da atuação das mulheres que é minimizada no texto.

É uma forma de projetar a empresa à custa do desempenho feminino e da questão de gênero, todavia, as mulheres são pouco presentes e sua participação e atuação são apagadas na ideia da “diversidade”. No que tange às condições de produção e consumo dos textos, duas questões são importantes para a compreensão das condições da prática discursiva:

- A produção e o consumo do texto são individual ou coletivamente?
- Que tipos de efeitos não discursivos possui essa amostra?

Quanto à primeira pergunta, o texto pode ser consumido tanto coletivamente como individualmente, a depender da modalidade de aula adotado. Quanto à produção, o texto é de uma revista, o autor não é identificado, assim, podemos considerar que o texto segue uma linha de produção coletiva, da mesma maneira, coletivamente, o texto foi adaptado pelos autores do Livro Didático Bons Negócios. Importante destacar, o modo e o trecho cuja adaptação ocorreu:

54. “Nosso principal desafio é aprender uns com os outros e a diversidade vai ajudar”, diz Antônio’

Os autores grifaram a fala do diretor Antônio, o trecho destacado contribui para a suprimir a atuação feminina e realça a atuação masculina e o aspecto da diversidade em detrimento do aspecto de gênero ao mesmo tempo em que restringe o texto à contextualização gramatical ao grifar o trecho e usá-lo para essa finalidade somente. Essa “limitação” do aproveitamento do texto e do tema é evidenciada nos exercícios referente à leitura, a saber, (figura 36):

Figura 36 - TM 7 : Análise Discursiva

► REFLEXÕES INICIAIS.

**1 Responda.**

a. No texto, a locução verbal “vai ajudar” refere-se ao passado, presente ou futuro?  
\_\_\_\_\_

b. O que você pode concluir sobre a “fórmula” desse tempo verbal em português?  
VERBO \_\_\_\_\_ no presente + VERBO PRINCIPAL COM TERMINAÇÃO EM \_\_\_\_\_


► SOBRE VOCÊ.

**2 Responda.**

a. O que você vai fazer amanhã antes de ir ao trabalho? \_\_\_\_\_

b. O que seu/sua chefe vai fazer depois de amanhã à tarde? \_\_\_\_\_

c. Em que seus colegas vão trabalhar daqui a dois meses? \_\_\_\_\_

 Hoje é dia 5 de novembro. / **Amanhã** é dia 6 de novembro. / **Depois de amanhã** é dia 7 de novembro. / Estamos em outubro. **No mês que vem** (novembro) eu vou tirar férias. **Daqui a dois meses** (dezembro) eu vou trocar de emprego.

Fonte: SANTOS e SILIVA (2013, p. 95)

Destarte, tanto o texto como o trecho grifado é relegado a contextualizar um objetivo gramatical, aspectos sociais e de extrema importância para o mundo dos negócios são ausentes no Livro Didático.

Quanto à segunda pergunta - os efeitos não discursivos que possui a amostra - nos conduz ao debate do tema abordado no contexto empresarial e no mercado de trabalho, entretanto, a atividade utilizada para leitura não aproveita o texto em toda sua complexidade, convergindo, assim, na desconstrução das mulheres no mercado de trabalho, no qual se atribui ao homem o papel central, ainda com respeito ao tema mulheres.

Destaca-se, ademais, no texto, o trecho “Não levamos a questão do gênero em consideração” não somente por conter a voz masculina incluída no texto, mas a estratégia discursiva como uma modo de desviar a atenção quanto ao tratar sobre a questão de gênero, sugerindo haver certa polêmica no tema do qual o falante opta por não assumir e por se esquivar. São, portanto, formas de não evidenciar a mulher no mercado de trabalho, bem de minimizar tanto a atuação feminina como o debate do tema.

#### ***4.3.8 Texto Multimodal 8 - Para você que vai se casar... –Livro Falar... Ler... Escrever... Português***

O Texto Multimodal 8 (TM8) “ Para você que vai se casar” situa-se na Unidade 16, cujo texto constitui-se como o próprio tema e introdução. É composto por duas cartas, a primeira intitulada “Para você que vai se casar” e a segunda “Cinco anos depois...”, as cartas estabelecem relação entre si estrutural, de interlocutores e tematicamente, sendo a segunda resposta da primeira 5 anos depois. Quanto à organização textual:

- XVI. Título da unidade: Para você que vai se casar.
- XVII. Título do texto: Para você que vai se casar.
- XVIII. Corpo do texto: inferior, escrita e superior, imagem
- XIX. Imagem: imagem casal mulher e homem.

O tema das cartas refere-se ao casamento e aos papéis desempenhados pelo casal, a narrativa apresentada na carta desenrola-se em “sugestões”, expectativas e crenças a respeito dos papéis das mulheres como esposas e dos homens como maridos. Analisamos o texto multimodal 8 com base nas categorias propostas por Kress e van Leeuwen (2006) .

##### *4.3.8.1 Categorias Analíticas da Gramática do Design Visual*

O Texto Multimodal 8 “ Para você que vai se casar” aborda o casamento numa visão feminina e sobre os papéis desempenhados principalmente pela mulher, introduzindo uma espécie de contradição/desapontamento quando os papéis não são representados conforme uma expectativa feminina. Elencamos a seguir as categorias analíticas aplicadas nesta análise, como na figura 37:

Figura 37 – TM8: Análise da Gramática Visual

Participantes Representados: Mulher no contexto familiar, casamento. Papéis cônjuge.

unidade 16

Para você que vai se casar. AUDIO 5



Cinco anos depois ... AUDIO 6



IDEAL

Taubaté, 10 de março ...

Minha querida amiga Laara

Aqui vão alguns conselhos para você que vai se casar dentro em breve. Seja paciente com seu marido e aprenda a ouvir e a não dizer nada. (É melhor não dizer nada do que criar problemas.) Use suas habilidades para conseguir dele o que você quer sem que ele perceba o que está acontecendo. Quando ele chegar em casa, exausto, irritado, seja agradável, converse, sorria, não discuta. Se ele quiser sair com você, vista sua roupa mais bonita para que ele se sinta feliz. Enquanto ele estiver assistindo ao futebol pela televisão, não o perturbe, mas, sempre que for possível, ofereça-lhe um cafezinho, um suco, talvez uns biscoitinhos ...

Aconteça o que acontecer, fique sempre a seu lado. Confie nele. Acredite sempre em tudo o que ele lhe disser. Assim, querida amiga, haverá tranquilidade em seu lar e ele será um marido feliz. E você, esposa dedicada, com certeza encontrará a sua felicidade. Boa sorte!

Um abraço cheio de amizade,

da Susana

REAL

Florianópolis, 20 de outubro ...

Querida Susana

Guardo bem guardada aquela carta que você me mandou há tanto tempo. Ela é minha Bíblia, minha Tábua dos Dez Mandamentos. Sempre achei que, seguindo os conselhos que você me deu, eu seria feliz. Mas acontece, eu não sei por quê, que meu casamento não está dando certo. O Arnaldo não é o marido com que eu sonhava. Imagine, ele não gosta de televisão e odeia futebol. Quando estou cansada, ele corre para a cozinha e traz um chá para mim! Nunca saímos à noite porque, diz ele, gosta de ficar sozinho comigo, ouvindo música. Dinheiro, Susana, não é problema: desde o início de nosso casamento, tenho uma conta no banco só para mim. Posso fazer o que quiser sem dar explicações a ninguém! Como se isso não bastasse, o Arnaldo pede minha opinião sobre tudo e acha importante tudo o que eu digo. Eu não o entendo ...

Não aguento mais! Digam o que disserem, vou me separar dele. Amanhã mesmo, depois que ele sair para o trabalho, arrumarei minhas malas e abandonarei esta casa. Vou para a casa de mamãe. Não posso mais me sujeitar a viver com um homem que não me trata como esposa! Que desilusão!

Laura

DADO

NOVO



Diante disso, podemos assumir que o objeto da comunicação, ou seja, **os participantes** representados, trata do contexto de casamento, de relações, no qual os participantes sobre os quais se produz a imagem são a esposa e o marido, como também, a mulher e o homem nesses papéis. O que destaca no texto é o descontentamento da mulher como esposa frente ao desempenho do marido em outro papel – esse papel pressupõe a divisão e compartilhamento de tarefas no lar.

Quanto à categoria de **Dado e Novo**, referente ao valor dado à informação em relação à disposição na página – esquerda e direita. Podemos perceber que o texto alocado mais à esquerda do *layout* da página, conforme apresentado na figura 37, destina-se a informações familiares ou já compartilhadas pelos participantes que, no texto, são o desempenho de papéis designados socialmente à mulher como esposa: na modalidade imagética é representado pelo ser dona de casa e ao simbólico servir ao marido que, na modalidade verbal escrita é representada por uma série de conselhos/ordens a respeito do modo de ser uma esposa ideal, dedicada – não manifestar-se, não discutir, estar sempre bonita. Em outras palavras, correspondem ao “dado”, às informações partilhadas que em relação ao “novo” servirão como ponto de partida consensual da mensagem.

Referente aos elementos alocados à direita do *layout* da página correspondem ao não completamente fornecido ao *viewer* e, portanto, ao ‘novo’, que, na modalidade imagética, é representado pelo marido servindo a esposa que corresponde descontente ao ato simbólico de servir. A modalidade verbal refere-se a uma série de ações não esperadas pela esposa em relação aos atos do marido, tais como se interessar pela opinião e cuidado da esposa. Configura-se como ‘novo’, ou seja, como a informação sobre o qual se deve prestar atenção, a mulher não satisfeita em não assumir o papel “esperado” como esposa no qual, no seu casamento, ela não é vista como submissa o tempo todo.

A modalidade imagética faz parte da composição textual e contribui para a construção de significados, dependendo de sua disposição no texto pode apresentar maior valor, recebendo mais destaque no texto, no caso do TM8 “Para você que vai se casar”, a imagem constitui-se como elemento de destaque no texto tanto pela maior **Saliência** quanto pela disposição em relação ao *layout* da página. Quanto ao último, a disposição adotada na relação entre imagem e texto verbal escrito é perceptível como topo/superior e base/inferior da página, tendo, dessa maneira, relação com a categoria **Ideal e Real**.

Nesse sentido, a imagem está localizada na parte superior da página, e, portanto, como o ‘ideal’, ou seja, constitui-se como a informação generalizada. Já à esquerda, a representação da mulher é como esposa, grata em servir o marido, em outras palavras, grata em

desempenhar certos papéis de esposa; à direita, configura-se a imagem da mulher, como esposa, descontente com a mudança no desempenho de papéis, não “satisfeita” em relação ao ato simbólico do homem servir.

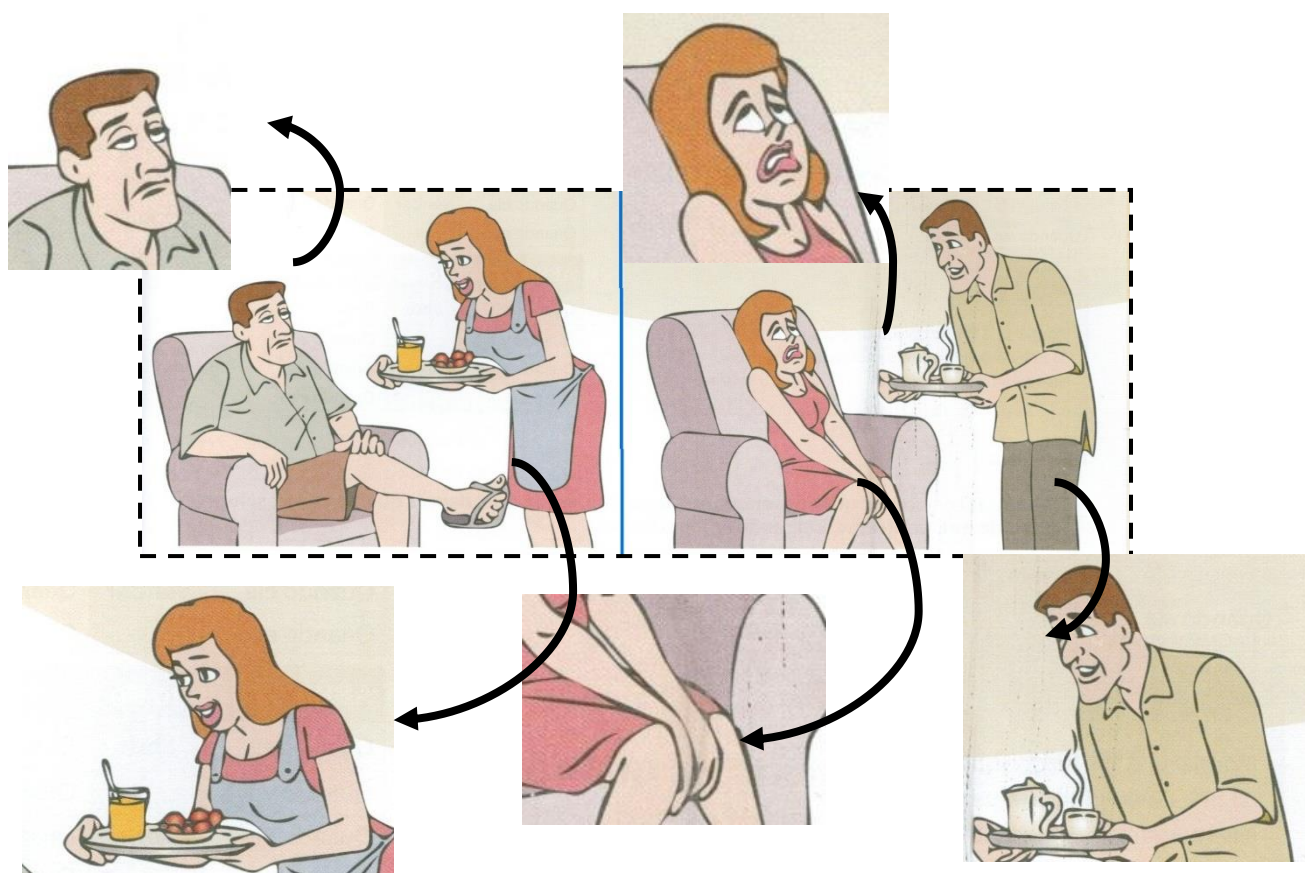
Diante da composição da página em relação ao texto verbal escrito, a imagem representa o elemento do topo, constituindo-se como o elemento do primeiro plano a qual o texto escrito, localizado na parte inferior da página, expande sua ideia, acrescentando e especificando o tópico inicial generalizado pela imagem. O texto verbal escrito, portanto, figura como ‘real’, especificando os modos pelos quais a esposa expressa o descontentamento em relação aos papéis desempenhados (ou não) tanto por si mesma como pelo marido.

Visto que a imagem no texto é central tanto pela relação com outras modalidades na disposição superior e inferior dos elementos, como por apresentar maior **Saliência**, categoria pela qual pode contribuir para que se crie uma hierarquia de importância entre elementos. É por essa categoria que podemos perceber que a imagem recebe tamanho considerável na página, as cores da imagem em contraste com a cor utilizada no texto escrito atribuem destaque para a imagem, bem como a nitidez da imagem e em determinadas expressões faciais e gestos contribuem para que a imagem seja mais atraente do que os outros elementos. Contribui, dessa forma, para que se entenda a imagem como parte central da constituição do significado do texto.

É nesse sentido que podemos apreender o potencial da imagem na construção de sentidos do/no texto, visto que como informação partilhada está a apresentação da mulher e esposa desempenhando a ação de servir ao homem e ao mesmo tempo expressando felicidade. Destacamos que a ação de “servir”, conforme apresentada na figura 38, é representada na imagem como o ator de “oferecer algo a alguém”, entretanto, esse “servir” simboliza os papéis pelos quais a mulher “deveria” desempenhar num casamento e numa família tradicional – esposa, dona de casa, mãe - inclusive, modos de ser subordinados a esses papéis - ser paciente, indiferente aos próprios desejos e vontades, subordinada a certas ações do homem.



Figura 38 – TM8: Saliência



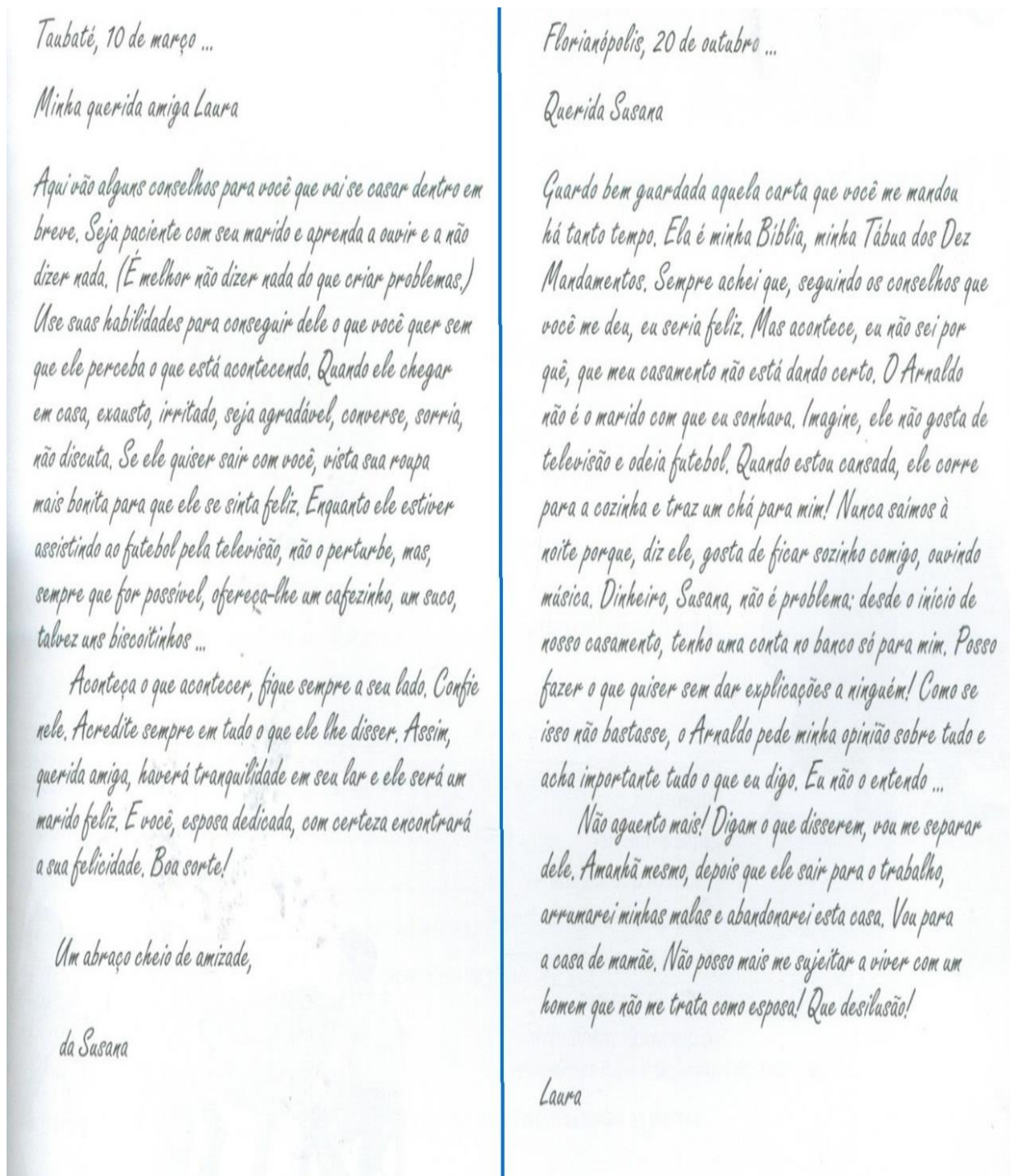
Fonte: LIMA e IUNES (2018, p. 207)

O produtor selecionou o texto, inclusive a imagem, como representativa de modos de ser e de vivenciar o mundo por esposas e maridos. Todos esses aspectos corroboram para que se figure a imagem das mulheres pautadas numa lógica patriarcal, no qual as mulheres não somente são receptivas e propagadoras de determinados papéis atribuídos a elas como esposas, mas mantenedoras desse próprio sistema. Tais formas reforçam e naturalizam papéis questionados pelas mulheres há muitos anos, sendo uma forma de minimização das lutas femininas. Nessa perspectiva, continuamos a análise com base no arcabouço teórico da Representação dos Atores Sociais. (VAN LEEUWEN, 1997; 2008).

#### 4.3.8.2 *Categorias Analíticas de Representação dos Atores Sociais*

Apresentamos na Figura 39 o texto para as análises discursivas:

Figura 39 – TM8: Análise Discursiva



Fonte: LIMA e IUNES (2018, p. 207)



Destacamos do Texto Multimodal 8 “Para você que vai se casar”, a categoria de **Distribuição de papéis**, no qual num primeiro momento a mulher é passivada, ou seja, submete-se a determinadas atividades em relação ao homem.

55. “Seja paciente com seu marido e aprenda a ouvir e a não dizer nada”
56. “Enquanto ele estiver assistindo ao futebol pela televisão, não o perturbe, mas sempre que for possível, ofereça-lhe um cafezinho.”
57. “Fique sempre ao seu lado. Confie nele. Acredite nele [...]”.
58. “Se ele quiser sair com você, vista sua roupa mais bonita para que ele se sinta feliz.”

A mulher está como subordinada a fazer o que agrada ao homem, sendo seu modo de ser e viver e sua potencialidade como sujeito restringidos, as suas ações estão dependentes da satisfação masculina. À mulher é anulado o sentir, o falar, o pensar e o querer, ações essas formas de expressão das potencialidades e existência do ser humano, as ações ativas ouvir, fazer, permanecer estão subordinadas à satisfação e querer masculino.

Num outro momento, a mulher é passivada no sentido de ser receptor das ações do homem, o destaque se dá no descontentamento de ser beneficiária dessas ações.

59. “Quando estou cansada, ele corre para a cozinha e traz um chá para mim”
60. “Posso fazer o que quiser sem dar explicações a ninguém”
61. “[...] Arnaldo pede minha opinião sobre tudo e acha importante tudo o que eu digo. Eu não entendo”
62. “Não posso me sujeitar a viver com um homem que não me trata como esposa. Que desilusão”

Nesses casos, o descontentamento situa-se no não desempenho de ações atribuídas à mulher como esposa.

O texto centra-se no papel da mulher como esposa, o ser esposa, nesse sentido, é definido e representado em termos das atividades a qual a mulher desempenha e está subordinada, nesse sentido, usa-se a **Funcionalização**, destacamos alguns casos no texto:

63. “ Quando ele chegar em casa, exausto, irritado, seja agradável, converse, sorria, não discuta.”
64. “ Enquanto ele estiver assistindo ao futebol pela televisão, não o perturbe [...] ofereça-lhe um cafezinho, um suco, talvez uns biscoitinhos. “
65. “ Seja paciente com seu marido e aprenda a ouvir e a não dizer nada”

Destacamos o ato de falar, de se expressar que é suprimido, visto como problema e deve ser contido. Embora seja uma relação, o que se supõe a ação de dois, o homem como marido é o agente, é o sujeito das vontades, dos desejos, do querer, enquanto a mulher, como esposa, está subordinada ao agir e sentir do homem. Para dar continuidade ao processo de análise prosseguimos com base nas condições de prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2008).

#### 4.3.8.3 *Categorias Analíticas da Análise de Discurso Crítica*

O TM8 “Para você que vai se casar” configura-se como carta pessoal, são mensagens trocadas por duas amigas, na qual uma dá “conselhos” sobre casamento a outro, incitando a subordinação das mulheres como esposas. Entretanto, ao apresentar as sugestões para o casamento, o texto utiliza de declarações que aparecem muito mais como imposição de modos de ser e de agir, ou seja, como um conjunto de regras, de ordens para ser esposa e ser feliz. Diante disso, ao fazer as declarações o texto utilizar de afirmações a respeito das ações, do ser-se feliz e do casamento que funcionam como avaliações – da boa esposa, do bom casamento, das boas e más ações – no qual ser feliz é fazer e satisfazer aos desejos dos homens e estar subordinada ao marido.

Quanto às condições de prática discursiva, não há referência da fonte do texto, podemos, assim, entender que se trata de um texto produzido para fins didático pelas autoras, sendo, portanto, produzido coletivamente. Da mesma forma, o texto pode ser consumido por turma em grupo ou individualmente, a depender da modalidade de aula adotada.

Referente aos tipos de efeitos não discursivos da amostra, o texto não induz à argumentação e opinião dos/as aprendizes, apresentando um caráter irônico e “informativo” aparentemente inocente e neutro, entretanto, as caracterizações, avaliações e ordem apresenta definições sobre ser mulheres, esposas, ser maridos, sobre o casamentos, figurando um perfil do que se acredita no texto que seja mulher e o que seja esposa, bem como, do que seja felicidade, casamento bem sucedido etc. Ainda assim, o uso da imagem do ato de servir tem papel central, no qual presume-se que o papel da mulher como esposa no casamento é o de servir ao homem, e esse papel é pela própria mulher introjetado.

O aspecto da ironia é uma interpretação possível desse texto, entretanto, não é explorado pela atividade no LD, o que fica a cargo de situações específicas das práticas de ensino ou de uma condução particular do/a profissional de ensino. Por fim, todos esses aspectos contribuem para a construção da imagem das mulheres pautadas em lógicas patriarcais, de casamentos heterossexuais assim como no desempenho de papéis das mulheres e esposas como subordinados à satisfação masculina.

#### **4.4 Reflexões sobre os textos analisados**

No decorrer das análises dos Livros Didáticos, averiguamos que há a presença das mulheres em sua composição por meio das multimodalidades e perpassadas por uma horizontalidade temática, ou seja, há temas decorrentes pelos quais as mulheres estão inseridas nos LD. Dentro dessa horizontalidade, há seleção de determinados assuntos e exclusão de outros, em outras palavras, dentro de um macro tema, as mulheres são vinculadas a certos assuntos e a outros são excluídas. Isso evidencia que, de um conjunto de escolhas, o/a produtor/a dos LD optaram por um caminho que não é aleatório e nem neutro, mas interagente com inúmeras práticas sociais e culturais. Da mesma forma, evidencia a potencialidade de direcionamento de um determinado assunto em detrimento de outro e, portanto, reitera, mantém construções de conhecimentos específicos.

Nesse sentido, temas vinculados ao Cotidiano e ao Profissional constaram com maior referência às mulheres nos Livros Didáticos analisados, entretanto, unidades, texto e atividades que tratem especificamente do tema mulheres são ausentes nos LD analisados. Esse dado conduz a uma demanda da necessidade de os LD tratarem de uma questão tão cara à sociedade, principalmente nos últimos anos e décadas a qual as mulheres têm levantado questionamentos e reflexões antes naturalizadas. Ademais, trata-se de questões muito mais amplas que envolvem discurso, sociedade, educação e relações de poder.

Destarte, após as análises, pudemos perceber panoramicamente que: as mulheres negras e indígenas são praticamente ausentes nos LD, quando presentes, a categoria classe social está interseccionada; as mulheres são representadas desempenhando papéis como mães, esposas, donas de casa, e de alguma maneira vinculadas ao casamento e a relações de parentesco; por fim, quando são representadas em relação ao trabalho, são evidenciadas como exceção ao contexto de trabalho e suas perspectivas e experiências de trabalho são desconsideradas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte, contextualizamos a pesquisa e expusemos os objetivos e questões que nortearam esse estudo. No segundo capítulo, apresentamos o arcabouço teórico em que se sustenta a análise dos textos. Na terceira parte, definimos o método qualitativo, os procedimentos metodológicos e as categorias analíticas utilizadas na análise dos textos. Desse modo, no quarto capítulo procedemos a análise dos Textos Multimodais selecionados, à luz da teoria e metodologia apresentadas nesta dissertação, o que possibilitou responder às questões que nortearam a pesquisa.

Por fim, retomamos as questões de pesquisa para que possamos tecer considerações finais:

1. Como é produzida a representação sobre as mulheres brasileiras nos 8 textos multimodais, constituídos pelas modalidades escrita e imagética, localizados em seções destinadas ao trabalho da leitura?
2. Como é apresentada a construção de significados sobre as mulheres brasileiras – as marcações de poder envolvidas no processo de significação multimodal e discursivo no *corpus* selecionado?
3. Quais aspectos ideológicos são mais preponderantes na representação do feminino nos textos selecionados?

Pudemos verificar que as mulheres, nos Livros Didáticos analisados, são representadas vinculadas a categorias específicas da vida social: ao trabalho, a casa, ao casamento e à maternidade. Dessa forma, as mulheres desempenham papéis como mães, esposas e dona de casa principalmente, todos esses imbricados à constituição de família tradicional e heterossexual. Nesse sentido, perpassam na construção da representação das mulheres paradigmas hegemônicos de heterossexualidade como constitutiva das relações, bem como os homens ainda como núcleo da intuição família, a qual as mulheres estão subordinadas.

Ademais, constatamos que a representação das mulheres nos LD analisados figura imagens de mulheres brancas, de classe média, atreladas a perspectiva heterossexual. Quanto à relação mulheres e mercado de trabalho, predomina-se o caráter da exceção feminina e da invisibilização das experiências e do tema femininos neste contexto, desviando-se a atenção para aspectos negativos da inserção da mulher no trabalho e/ou para aspectos do contexto empresarial.

No contexto de trabalho, os significados contribuem para a construção de mulheres ativas, autônomas e produtoras da própria trajetória, entretanto, tais significados atrelam-se, por um lado, a característica de exceção dessas mulheres, por outro lado, atrelam-se a relação da dominação do masculino sobre o feminino no privilegiamento de referenciais masculinos.

De modo geral, os significados construídos sobre as mulheres figura discursos patriarcais, e que incidem sobre várias dimensões: social, cultural, educacional, de gênero social, de sexualidade, de práticas sociais etc.. Consideramos que o ponto de reflexão não advém das construções das mulheres representadas como mães, esposas, como donas de casa, ao contrário, advém da permanência e da continuidade em manter tais discursos como predominantes.

Dessa forma, tais representações corroboram para que figure imagens estereotipadas e unificadas das mulheres brasileiras que convergem para a reprodução de formas patriarcais de significar o mundo. Tais representações quando não refletidas e não questionadas acabam por reforçá-las e naturalizá-las. Essas construções implicam, no contexto de PBLA, modos de ver não somente as mulheres brasileiras, mas a própria ideia de sociedade brasileira, como reprodutora de visões patriarcais, racistas, classistas.

Pudemos verificar que da mesma forma que os LD englobam o tema mulher nos diversos contextos e situações, trata-o de forma generalizada, no qual as perspectivas, as experiências e as diversidades femininas não estão inseridas.

Destarte, visto que o LD constitui-se como papel relevante no processo de ensino e aprendizagem de PBLA, não fazer referências profundas sobre a perspectiva das mulheres nos diversos contextos, não somente reduz os modos de representação das mulheres brasileiras, mas nesse processo as invisibiliza e tornam inexistentes os múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres.

Portanto, os Livros Didáticos ora analisados representam as mulheres brasileiras em diferentes esferas da vida social, entretanto tais representações não refletem a complexidade das construções a respeito das mulheres brasileiras. Reforçamos que atribuições pelas quais se constroem e reforçam estereótipos relacionados às identidades de gêneros foram reflexões teorizadas pela Teoria feminista e estudos de gênero. Constitui, assim, tema de urgência a ser inserido além das produções dos LD, na formação contínua dos profissionais de PBLA.

## REFERÊNCIAS

[S.l.]: [s.n.].

BANKS, M. Dados visuais. In: BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. [S.l.]: [s.n.], 2009. p. 15-31. Disponível em: [http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/B/BANKS\\_Marcus/Dados\\_Visuais\\_Para\\_Pesquisa\\_Qualitativa/Liberado/Cap\\_01.pdf](http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/B/BANKS_Marcus/Dados_Visuais_Para_Pesquisa_Qualitativa/Liberado/Cap_01.pdf). Acesso em 9 de outubro de 2017.

BONFIM, V. M. D. S. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, E. L. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. Cap. 10, p. 219-249.

BRANDÃO, C. Diversidade Linguística no Ensino de Português como Língua Adicional. In: SILVA, F. C. O. D.; VILARINHO, M. M. D. O. **Diálogos em português brasileiro como língua adicional**. Brasília: Universidade Aberta do Brasil, UAB,UnB, v. IV, 2017. Cap. 8, p. 231-243.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPÊLO, S. R. S.; SANTOS, P. F.; FERRAZ, J. A. O discurso midiático em framing: uma análise multimodal de texto jornalístico sobre a periferia de Brasília. **ReDCen - Revista Discurso em Cena**, Brasília, 2, n. 1, 2018. 1-21.

CARVALHO, O. L. D. S. **Aspectos da identidade brasileira em livros didáticos de português para estrangeiros: um estudo lexical**. [S.l.]: Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB) , v. 1, 2008. 1-15 p.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humana e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, p. 221-236, 2003. ISSN 2.

COUTINHO, V. A. **Variação Linguística no ensino de Português Brasileiro como Língua Estrangeira: pronomes objeto direto de 3ª pessoa**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília: UnB, 2016.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS, L. J. D.; SOUZA, M. M. D. **Multimodalidade e leituras: funcionamento, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel (coord.) Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. 320 p.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel (coord.) Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. D. L. F. **Muito Prazer: fale o português do Brasil**. Barueri, SP: DISAL, 2008.

FERRAZ, J. D. A. **A Multimodalidade no Ensino de Português como Segunda Língua: novas perspectivas discursivas críticas.** 2011.200f.Tese(Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, UnB, Brasília: UnB, 2011.

FERRAZ, J. D. A. A formação identitária do brasileiro: um enfoque multimodal. In: VIEIRA, J. A.; BENTO, A. L. **Discurso, identidade e gênero.** Brasília: Editora Movimento, 2015. p. 448.

FERRAZ, J. D. A.; CASTRO, G. P. D. O. Ação docente na utilização de textos multimodais no ensino de português língua estrangeira: uma análise crítico-discursiva. **Revista Letra Capital**, v.1, n. 1, Jan/Jun 2016. 141-162.

FERRAZ, J. D. A.; VIEIRA, J. A. Multimodalidade: contato entre diferentes semioses em Livros Didáticos de PBSL. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, Volume Especial, 2011. 135-150.

FERRAZ, J. D. A.; VIEIRA, J. A. Multimodalidade: contato entre diferentes semioses em Livro Didáticos de PBSL. **Revista Papiá**, Brasília, v. Volume Especial, p. 135-150, 2011. ISSN Número 21.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

GUILHERME, M. M. D. Prefácio. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições.** Salvador: EDUFBA, 2012. p. 13-23.

KRESS, G.; LEITE-GARCÍA, R.; VAN LEEUWEN, T. Semiótica discursiva. In: DIJK, T. A. V. **El Discurso como Estructura y proceso.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2000. p. 373-416.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design.** London; New York: Routledge, 2006.

LAZAR, M. M. Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis. In: LAZAR, M. M. **Critical Discourse Studies.** [S.l.]: Routledge, 2007. p. 141-164.

LIMA, E. E. O. F. et al. **Novo Avenida Brasil 1:** curso básico de português para estrangeiros. São Paulo: E.P.U, 2008.

LIMA, E. E. O. F. et al. **Novo Avenida Brasil,2:** curso básico de português para estrangeiros. São Paulo: E.P.U, 2009.

LIMA, E. E. O. F.; IUNES, S. A. **Falar.ler.escrever.português:** um curso para estrangeiros. Rio de Janeiro: E.P.U, 2009.

LIMA, E. E. O. F.; IUNES, S. A. **Falar.ler.escrever.português:** um curso para estrangeiros. 3. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAIA-PIRES, F. D. O. Dicionário para aprendizagem de línguas: propósito e público-alvo. In: SILVA, F. C. O. D.; VILARINHO, M. M. D. O. **Diálogos em Português como língua adicional**. Brasília: Universidade Aberta do Brasil, UAB,UnB, v. IV, 2017. Cap. 5, p. 139-166.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NIEDERAUER, M. E. F. Estranhamentos culturais em sala de aula de português para estrangeiros. In: SANTOS, P.; ALVAREZ, M. L. O. **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 103-121.

PACHECO, D. G. L. D. C. **Português para Estrangeiros e os Materiais Didáticos: um olhar discursivo**. 2006. 335 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Rio de Janeiro: 2006, 2006.

PONCE, H. D.; BURIM, S.; FLORISSI SUSANNA. **Panorama Brasil: Ensino do Português no Mundo dos Negócios**. São Paulo: Galpão, 2006.

RAMOS, A. A. L. Princípios Teóricos- Metodológicos em Práticas Pedagógicas de Português Brasileiro como Língua Adicional - PBLA. In: SILVA, F. C. D.; VILARINHO, M. M. **Diálogos em português brasileiro como língua adicional**. Brasília: Universidade Aberta do Brasil, UAB,UnB, v. 4, 2017. Cap. 1, p. 19-48.

ROJO, R. Alfabetismo(s) - Desenvolvimento de competência de leitura e escrita. In: ROJO, R. **Letramentos Múltiplos: Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 73-93.

SANTOS, D.; SILVA, G. V. **Bons negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho**. Barueri, SP: DISAL, 2013.

SANTOS, Z. B. D.; PIMENTA, S. M. O. Da Semiótica Social à Multimodalidade: A orquestração de Significados. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 295-324, 2014.

SILVEIRA, R. C. P. D. A representação do feminino em textos multimodais. **Revista Discursos Contemporâneos em Estudo**, Brasília, v. I, p. 25-40, 2011. ISSN 22377247.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil. **Revista Contingentia**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 1-10, novembro 2006. ISSN 1980-7589. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837/2144>>. Acesso em: Novembro 2018.

VAN DIJK, T. A. Discurso e Racismo. In: DIJK, T. A. V.; HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-154.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.



VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. London and New York: Routledge, 2005.

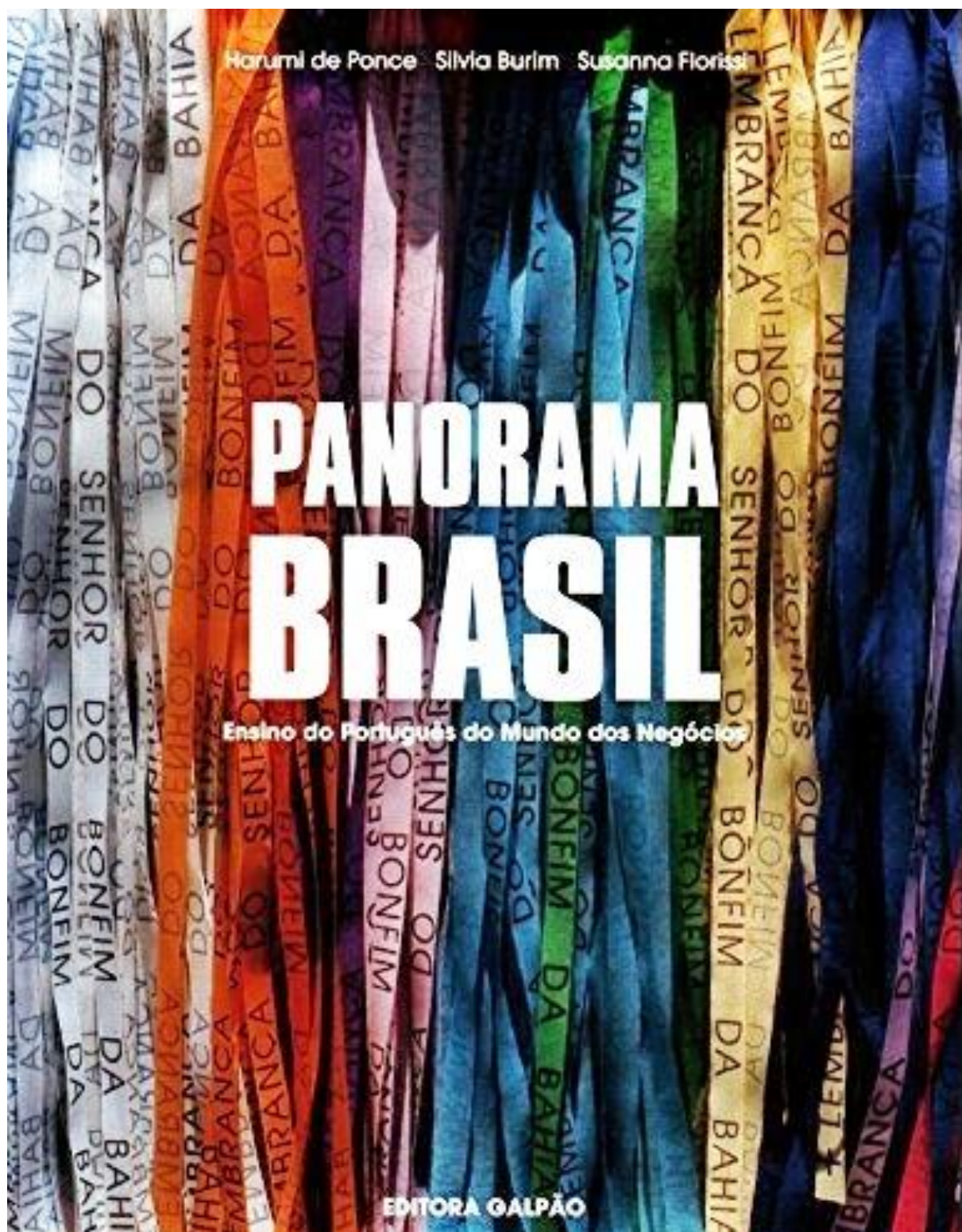
VAN LEEUWEN, T. V. **Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

VIEIRA, V. C. **DISCURSO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: REFLEXÕES PARA NOVAS ABORDAGENS CRÍTICAS**. Brasília: [s.n.], 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/ALEDBrasil/89674-DISCURSO-E-RELACOES-DE-GENERO-NA-ESCOLA--REFLEXOES-PARA-NOVAS-ABORDAGENS-CRITICAS>>. Acesso em: 2018.

WEST, C.; LAZAR, M. M.; KRAMARAE, C. El género en el discurso. In: DIJK, T. A. V. **El discurso como interacción social**. Barcelona: Gedisa, 2000. Cap. 5, p. 179-212.

## ANEXOS

## ANEXO A – Capa do Livro Panorama Brasil



Fonte: PONCE, BURIM e FLORISSI SUSANNA, 2006



## ANEXO B – Texto: Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore

## Agronegócios

5. Vera dá uma dica para quem deseja manter afastados os caramujos: uma barreira com sabão em pó. Passe as instruções abaixo sobre como montá-la para o Pretérito Perfeito do Indicativo.

- a. Pegue o sabão em pó e misture-o com água.
- b. Espere adquirir consistência de mingau.
- c. Demarque o entorno da casa, ou os limites do jardim ou da horta com um pincel ou brocha.
- d. Uma simples passada é suficiente para barrar os caramujos por até três semanas, se não chover.
- e. Para exterminar o caramujo, pegue uma lata ou latão, encha-a de água, ponha os caramujos e cozinhe por 5 minutos, após levantar fervura.
- f. Enterre os bichinhos mortos.
- g. Qualquer tipo de manuseio deve ser feito com luvas.

## Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore

O que começou como lazer, virou profissão e, em 2005, a pecuarista Alice Ferreira assumiu a presidência da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. É a primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional de gado de corte. Alice resolveu virar pecuarista quando herdou do sogro a fazenda de Indaiatuba, em São Paulo, que servia de lazer à família. Comprou gado e hoje tem um plantel de 10 mil cabeças, destinado ao melhoramento genético. "Ser pecuarista é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independente de ser mulher ou homem.", afirma. À frente da cinquentenária entidade, Alice pretende dar continuidade à administração atual, onde era vice-presidente. Entre as metas para a gestão, estão a difusão do Programa de Qualidade Nelore Natural e do Circuito Boi Verde de Julgamento de Carcaça, que visam estabelecer normas de criação dos animais e destacar os melhores da raça. Atualmente, são produzidas 700 toneladas/mês com o selo de qualidade da raça. Alice quer também aumentar em 20% o número de associados, que, no início de 2005, era de 1,6 mil pessoas. Para atingir essas metas, a ACNB pretendia investir R\$ 2 milhões em 2005. Alice acredita que a participação das mulheres tem crescido no setor. O reflexo da força feminina no agronegócio verificou-se no Congresso Internacional da Mulher no Campo, em abril de 2005.



Foto: Roberto Lofel

Fonte: adaptado do artigo de Neila Baldi para o jornal *Gazeta Mercantil*, março/2005

6. a. Use informações do texto acima para escrever um dos parágrafos do discurso de posse de Alice Ferreira na ACNB.

b. Imagine ser o fundador de uma Associação de Classe em seu ramo de negócios. Desenvolva um discurso para a divulgação da associação em eventos relacionados à sua área de atuação. Inclua informações sobre:

- recursos financeiros
- meios para atrair novos sócios
- atividades a serem oferecidas
- outras informações que lhe pareçam pertinentes.



# PANORAMA BRASIL

## UNIDADE 7 Esportes

### Magic Paula

#### *A Magia Feminina no Esporte*

Maria Paula Gonçalves da Silva nasceu no dia 11 de março de 1962, em Osvaldo Cruz, cidade paulista de 30 mil habitantes. Em 1976 já era convocada para a Seleção Brasileira de Basquete. Aos 18 anos, transferiu-se para Piracicaba (SP), para defender a Unimep local. Em 1989, foi jogar no Tintoretto, de Madri (Espanha), onde se sagrou vice-campeã. Retornou ao Brasil em 1990 para defender o BCN de Piracicaba. No ano seguinte, recebeu de Fidel Castro a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de Havana, em Cuba. Em 1994, ganhou a medalha de ouro no Mundial da Austrália, e nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, ficou com a de prata. Após 28 anos de trabalho, a atleta encerrou uma das carreiras mais brilhantes do basquete mundial. Em 2005, dirige o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

Fonte: adaptado de entrevista dada à revista da empresa Kalunga, nº 170, março/2005



1. Formule perguntas para as respostas dadas por Magic Paula durante a entrevista.

a. Eu tinha uma vida muito saudável, livre, e podia fazer tudo a pé. Sempre fui de brincar e jogar na rua. No clube, queria participar de tudo, xadrez, natação e atletismo; entrava e conseguia pelo menos uma medalha de prata.

Pergunta: \_\_\_\_\_

b. Eu enxergava o esporte como uma brincadeira. Para mim, jogar basquete era brincar no clube, mesmo porque, há 30 anos, fazer esporte não era comum para as mulheres.

Pergunta: \_\_\_\_\_

c. Uma das condições para eu praticar esportes era tirar notas e passar de ano. Meus pais me alertaram para a importância de ter uma profissão.

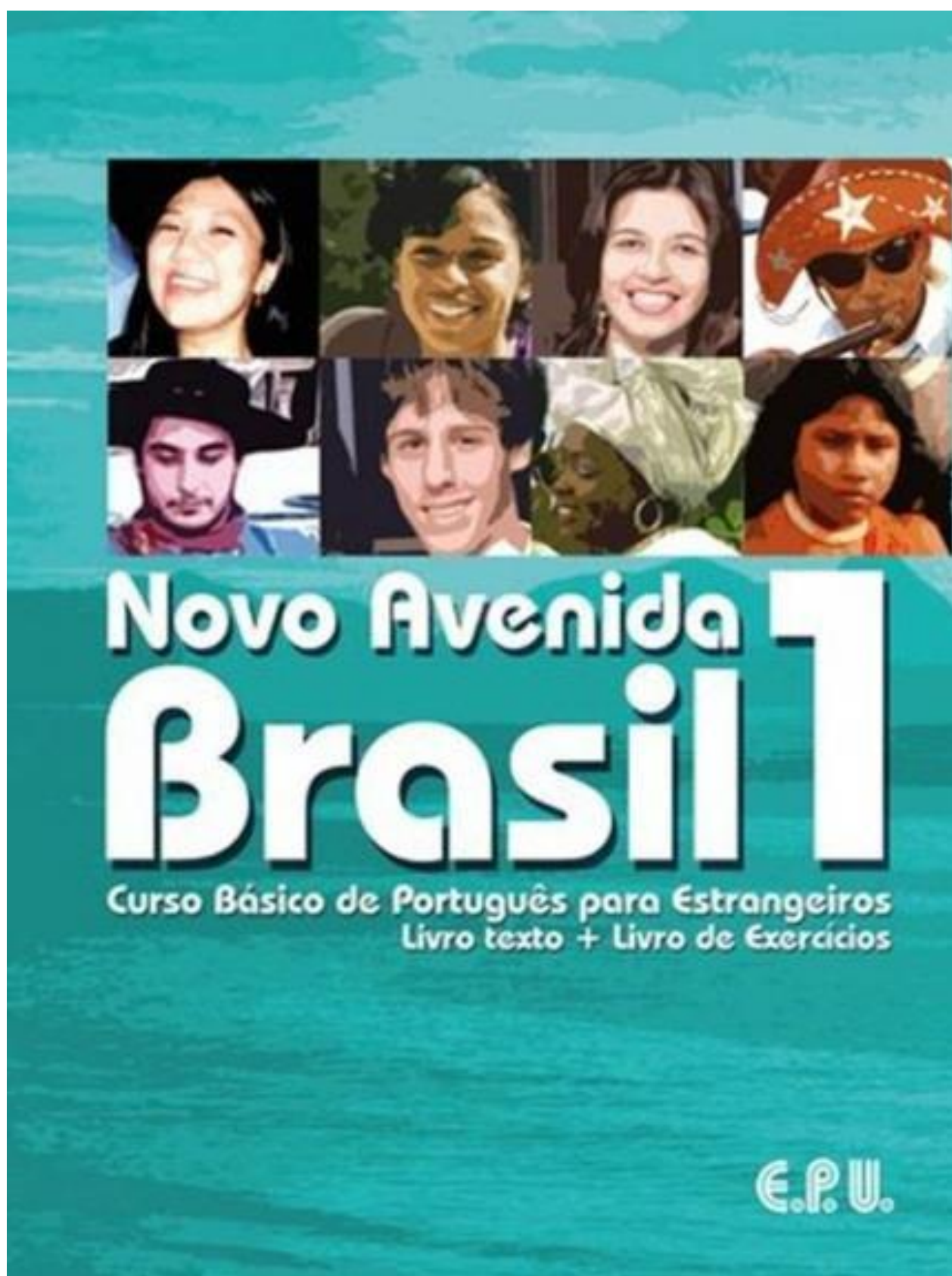
Pergunta: \_\_\_\_\_

d. Na minha opinião, o esporte é um meio super-rápido não de afastar ou tirar a criança de situações de criminalidade, mas de poder ajudá-la.

Pergunta: \_\_\_\_\_

e. Desde o ano 2000 estava atrás de parceiros para o meu Projeto. Apenas no ano passado o "Passe de Mágica" se tornou realidade.

Pergunta: \_\_\_\_\_





## A1 O dia-a-dia de duas brasileiras

37  
38

**Dona Cecília, 38 anos, professora e dona-de-casa, 4 filhos.**



© Agência Brasil

Sou professora, e mãe de 4 filhos. Três vezes por semana, dou aulas numa escola particular. Como nossa casa é grande e dá muito trabalho, tenho uma empregada e uma faxineira. As crianças almoçam em casa. Durante a semana, à tarde, elas têm aulas de inglês, de teclado, de judô e de ballet. Eu as levo para lá e para cá o tempo todo. E depois, vou buscá-las. É terrível, mas, o que posso fazer? À noite, geralmente, ficamos em casa; mas, de vez em quando, às 6<sup>as</sup>-feiras, meu marido e eu saímos. Às vezes, quando o tempo está bom, vamos à praia no fim de semana. Temos uma casa lá.

**Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes.**



Moro na periferia, longe do meu emprego. Levanto muito cedo, dou café para minha família e vou trabalhar. Tomo dois ônibus. Chego às 8 horas na casa da minha patroa. Limpo a casa, lavo e passo roupa, faço o almoço e arrumo a cozinha. Às 4 horas, vou para casa. Mais dois ônibus! Em casa, eu tenho muito serviço, mas o que posso fazer? Meus filhos, graças a Deus, já estão trabalhando: dois na fábrica, os outros, num supermercado. O Zeca vai à escola à noite. Ele diz que gosta de estudar.

39  
40

### Dona Cecília conversando com o marido:

- Puxa! Ainda estou cansada hoje!
- Verdade? Cansada de quê? Ontem você passou o dia inteiro com as crianças.
- Por isso mesmo. Fomos à piscina de manhã, depois almoçamos. À tarde, eles quiseram ir ao cinema. Fomos. E fizemos compras. Depois ainda estivemos na casa da Mônica.
- Não diga. Tudo isso?
- Mas foi bom. Nossa! Como estou cansada!

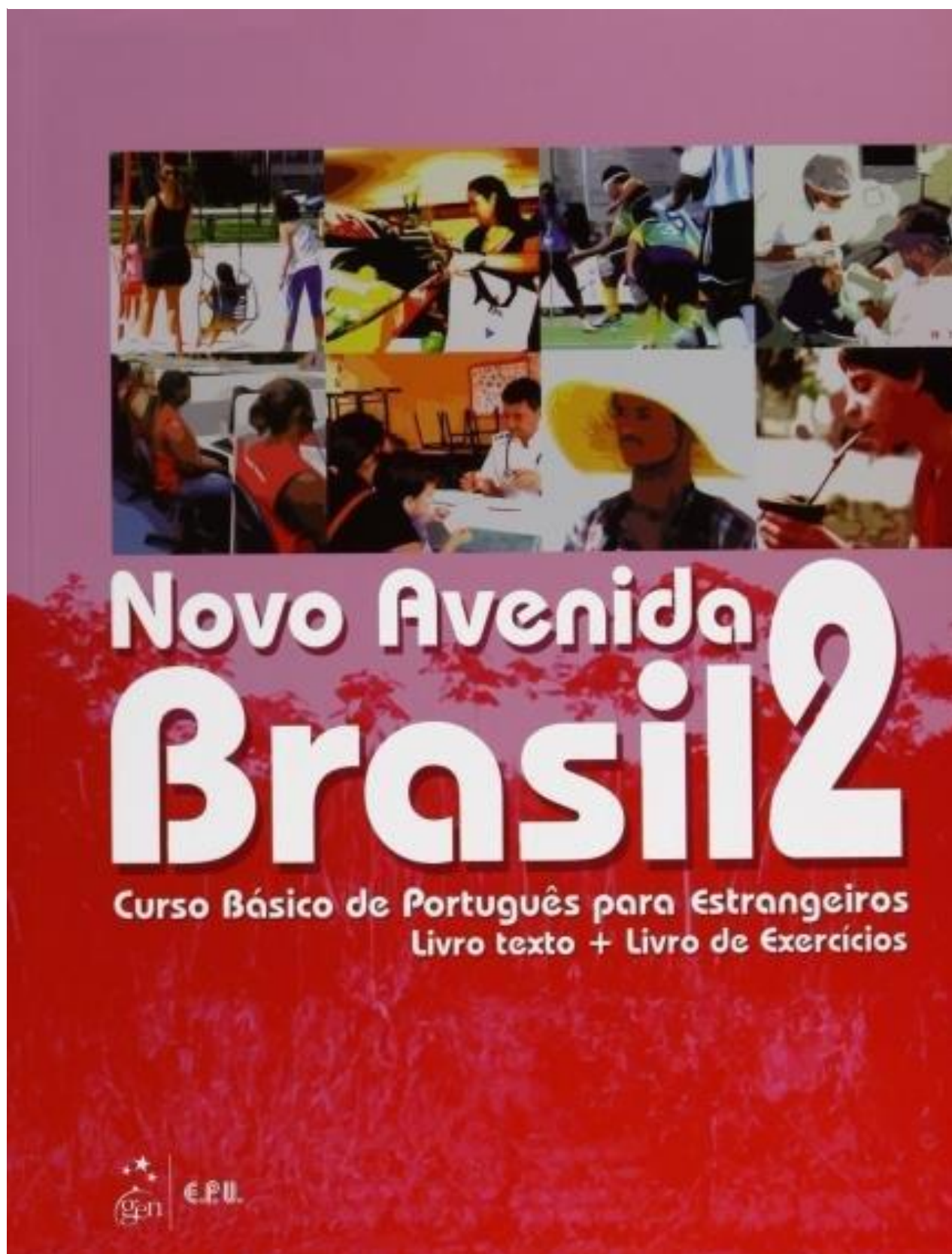
### Dona Conceição falando com uma amiga:

- A senhora não foi trabalhar ontem, Dona Conceição?
- Fui trabalhar sim, mas ontem foi um dia diferente. Dona Cecília saiu com as crianças logo de manhã, por isso, tive menos trabalho. Não fiz o almoço e fui para casa mais cedo. Foi muito bom! Finalmente, pude pôr minha casa em ordem.

## A2 Rotinas

1. O que você sabe sobre Dona Cecília e Dona Conceição? Preencha o quadro e fale sobre o dia-a-dia delas.

	Dona Cecília	Dona Conceição		Dona Cecília	Dona Conceição
idade			outras atividades		
filhos					
profissão			atividades das crianças		
horário de trabalho					





## ANEXO G – Texto: A vida da mulher: antigamente era melhor?

**A4 A vida da mulher: antigamente era melhor?**

Ouç a gravação e dê a sua opinião.

Pressão dobrada: no escritório, o chefe; em casa, a família



Antigamente, era melhor: A mulher ficava em casa e cuidava só da família.



- O que você acha disso?
- Eu não concordo. Acho que antigamente a vida da mulher era mais difícil. A mulher trabalhava ...

Trabalho dobrado: trabalho no escritório. Depois, mais trabalho em casa.



Antigamente, era melhor: a mulher tinha mais tempo.



Tensão, tensão tensão! A mulher compete com os homens e com as outras mulheres.



Antigamente, a mulher era mais feliz. A vida para ela era mais tranquila.





**C2 Seu trabalho**

Entreviste seu/sua colega. Depois, transmita aos outros colegas o que ele disse.

- Onde você trabalha?
- Qual é a sua profissão?
- Quanto tempo faz que você trabalha?
- Quantas horas por dia você trabalha?
- Quais são as atividades típicas do dia a dia?
- Gosta de seu trabalho?

carreira? benefícios?  
 localização? instalações? segurança?  
 promoção? colegas?  
 férias? horário? salário bom? chefe?  
 ...?

**local de trabalho**

escritório, indústria, loja, escola, casa, hospital, banco ...

**horário de trabalho**

meio período, horário flexível/móvel, período integral, horário fixo

**profissão/ocupação**

dona de casa, técnico em eletrônica, motoqueiro, operário, engenheiro, vendedor, comerciante

trabalho na área de vendas/  
informática/confecções/ ...

**D1 A mulher no mercado de trabalho****1. Leia os textos.**

Até algumas décadas atrás, não cabia à mulher ganhar o sustento da casa. O marido era o grande provedor. As viúvas ou as mulheres da elite empobrecida, para sustentar-se e a seus filhos, faziam doces e roupas por encomenda, arranjos de flores, bordados, davam aulas de piano ...

Essas atividades, no entanto, não eram muito valorizadas e, geralmente, eram malvistas pela sociedade. Mas, a partir dos anos 70, as mulheres foram conquistando, com muita determinação, um espaço maior no mercado de trabalho.

Atualmente, no Brasil, as mulheres são 44% da força de trabalho. Deixaram de ser apenas parte da família para, em muitos casos, tornar-se o comandante dela: 50% das mulheres que trabalham são responsáveis únicas por seu lar e sua família. Essa evolução deve-se, em grande parte, à redução da família brasileira: há 40 anos eram 6,3 filhos por mulher; agora são 1,8.

Esse fato possibilitou à mulher estudar mais tempo, e dedicar-se a outros papéis, além do papel de mãe e dona de casa, o que faz muito bem a sua autoestima.

Apesar disso, ainda 90% das mulheres que trabalham têm uma segunda jornada.

Na área do trabalho feminino, há dois pontos extremamente negativos. O primeiro é que a mulher que trabalha tem rendimentos menores que o homem, os dois trabalhando na mesma função – 30% menos do salário masculino, notadamente em atividades menos qualificadas. O segundo é que é difícil para a mulher conquistar altos postos. Para alcançá-los ela precisa provar que sua competência é maior do que a de todos

os seus concorrentes homens. Percebe-se nisso preconceito que dificulta seu progresso na carreira. Vai levar ainda algum tempo para que ela seja, finalmente, aceita, sem restrições no mercado de trabalho e possa desenvolver-se ombro a ombro com os homens.

“Lugar de mulher é na beira do fogão” é frase conhecida, mas completamente desatualizada. Ridícula até!

**2. Qual é a afirmação correta, de acordo com os textos?**

- Mais de 50% das mulheres trabalham.
- 50% das mulheres que trabalham sustentam sozinhas sua família.
- É impossível à mulher alcançar altos postos na empresa em que trabalha.





## ANEXO J – Texto: Minha Rotina

A: À noite. Depois das 8hs. Você pode?

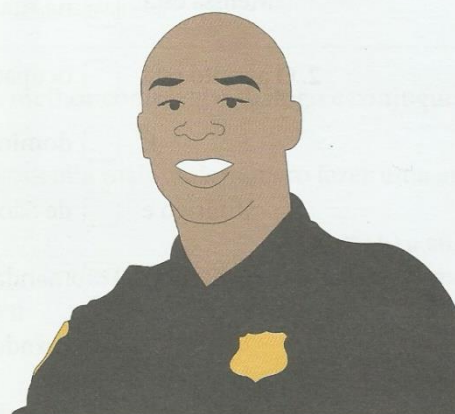
B: Acho que não. Eu estudo às quartas-feiras à noite.

A: Você não quer ir sábado?

B: Sábado está ótimo.

## LEITURA

## Minha rotina



“Minha rotina? Bem, durante a semana, eu acordo todos os dias às 6:45, tomo café e chego ao trabalho às 8:15. Começo a trabalhar às 8:30. Ainda bem que trabalho perto de casa!

Eu sempre almoço no restaurante da empresa durante a semana das 12:30 às 13:30, depois volto para o trabalho e vou para a faculdade às 6:30 da noite. Chego sempre em casa às 11:30. Preciso de férias.”

*Maria Rodrigues*  
assistente financeira e estudante

“Eu acordo às 7:00 da noite, tomo banho e minha esposa prepara o jantar. Janto e vou para o trabalho. Pego dois ônibus e chego ao trabalho às 9:30. Ainda bem que nesse horário não tem muito trânsito. Trabalho das 22:00 às 6 da manhã, mas esse horário é bom para mim. Além disso, trabalho três dias e posso folgar um.”

*Pedro Gomes*  
segurança

## A. Compreensão de texto.

1. Quem acorda antes das 7 da manhã? Quem acorda à noite?  
\_\_\_\_\_
2. Quem almoça todos os dias no restaurante da empresa?  
\_\_\_\_\_
3. Quem janta em casa?  
\_\_\_\_\_
4. Quem estuda à noite?  
\_\_\_\_\_





# UNIDADE 7 PLANEJAMENTO

## COMEÇANDO O TRABALHO



► LEIA E OUÇA.

### DIVERSIDADE NO TOPO

**A** Elavon, companhia americana de processamento de transações de cartões, está aterrissando no Brasil para competir com Cielo e Redecard. Para comandar as operações no país foi escolhido Antonio Castilho, ex-Cielo e ex-Banco Votorantim. Chama a atenção a composição do board: dos 11 diretores, seis são mulheres. “Foi uma opção pela

competência técnica, visão estratégica e conhecimentos diversificados”, diz Antonio. “Não levamos a questão do gênero em consideração.” No entanto, o executivo reconhece a importância da diversidade de pensamento. “Nosso principal desafio é aprender uns com os outros e a diversidade vai ajudar”, diz Antonio. A Elavon deve contratar 300 profissionais em dois anos.

(Você S/A. São Paulo: Abril, out. 2011. p. 28, grifo nosso.)

► REFLEXÕES INICIAIS.

#### 1 Responda.

a. No texto, a locução verbal “vai ajudar” refere-se ao passado, presente ou futuro?

b. O que você pode concluir sobre a “fórmula” desse tempo verbal em português?

VERBO \_\_\_\_\_ no presente + VERBO PRINCIPAL COM TERMINAÇÃO EM \_\_\_\_\_

► SOBRE VOCÊ.

#### 2 Responda.

a. O que você vai fazer amanhã antes de ir ao trabalho? \_\_\_\_\_

b. O que seu/sua chefe vai fazer depois de amanhã à tarde? \_\_\_\_\_

c. Em que seus colegas vão trabalhar daqui a dois meses? \_\_\_\_\_



Hoje é dia 5 de novembro. / **Amanhã** é dia 6 de novembro. / **Depois de amanhã** é dia 7 de novembro. / Estamos em outubro. **No mês que vem** (novembro) eu vou tirar férias. **Daqui a dois meses** (dezembro) eu vou trocar de emprego.

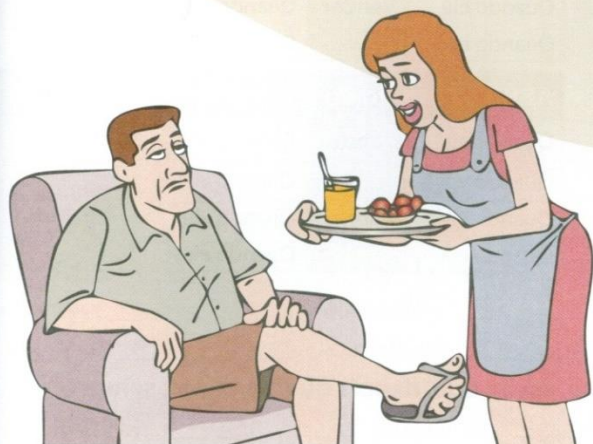


Fonte: LIMA e IUNES, 2018



## Unidade 16

Para você que vai se casar.



Taubaté, 10 de março ...

Minha querida amiga Laura

Aqui vão alguns conselhos para você que vai se casar dentro em breve. Seja paciente com seu marido e aprenda a ouvir e a não dizer nada. (É melhor não dizer nada do que criar problemas.) Use suas habilidades para conseguir dele o que você quer sem que ele perceba o que está acontecendo. Quando ele chegar em casa, exausto, irritado, seja agradável, converse, sorria, não discuta. Se ele quiser sair com você, vista sua roupa mais bonita para que ele se sinta feliz. Enquanto ele estiver assistindo ao futebol pela televisão, não o perturbe, mas, sempre que for possível, ofereça-lhe um cafezinho, um suco, talvez uns biscoitinhos ...

Aconteça o que acontecer, fique sempre a seu lado. Confie nele. Acredite sempre em tudo o que ele lhe disser. Assim, querida amiga, haverá tranquilidade em seu lar e ele será um marido feliz. E você, esposa dedicada, com certeza encontrará a sua felicidade. Boa sorte!

Um abraço cheio de amizade,

da Susana

Cinco anos depois ...



Florianópolis, 20 de outubro ...

Querida Susana

Guardo bem guardada aquela carta que você me mandou há tanto tempo. Ela é minha Bíblia, minha Tábua dos Dez Mandamentos. Sempre achei que, seguindo os conselhos que você me deu, eu seria feliz. Mas acontece, eu não sei por quê, que meu casamento não está dando certo. O Arnaldo não é o marido com que eu sonhava. Imagine, ele não gosta de televisão e odeia futebol. Quando estou cansada, ele corre para a cozinha e traz um chá para mim! Nunca saímos à noite porque, diz ele, gosta de ficar sozinho comigo, ouvindo música. Dinheiro, Susana, não é problema: desde o início de nosso casamento, tenho uma conta no banco só para mim. Posso fazer o que quiser sem dar explicações a ninguém! Como se isso não bastasse, o Arnaldo pede minha opinião sobre tudo e acha importante tudo o que eu digo. Eu não o entendo ...

Não aguento mais! Digam o que disserem, vou me separar dele. Amanhã mesmo, depois que ele sair para o trabalho, arrumarei minhas malas e abandonarei esta casa. Vou para a casa de mamãe. Não posso mais me sujeitar a viver com um homem que não me trata como esposa! Que decepção!

Laura